

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ALLISSON GOMES DOS SANTOS GOES

PROCESSOS IDENTITÁRIOS E A PRODUÇÃO DA PRESENÇA
CHINESA EM ARACAJU

São Cristóvão – Sergipe

2013

ALLISSON GOMES DOS SANTOS GOES

**PROCESSOS IDENTITÁRIOS E A PRODUÇÃO DA PRESENÇA
CHINESA EM ARACAJU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes

São Cristóvão – Sergipe

2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Goes, Allisson Gomes dos Santos

G598p Processos identitários e a produção da presença chinesa em
Aracaju / Allisson Gomes dos Santos Goes ; orientador Marcelo
Alario Ennes. – São Cristóvão, 2013.

106f. : il.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de
Sergipe, 2013.

1. Identidade social. 2. Imigração. 3. Chineses. I. Ennes,
Marcelo Alario, orient. II. Título.

CDU 316.663.5:314.15

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

PROCESSOS IDENTITÁRIOS E A PRODUÇÃO DA PRESENÇA
CHINESA EM ARACAJU

ALLISSON GOMES DOS SANTOS GOES

Dissertação julgada adequada para
obtenção do título de Mestre em
Sociologia, defendida e aprovada em
__/__/____ pela Banca Examinadora.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Orientador

Prof. Dr. Frank Nilton Marcon
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Membro Interno

Prof. Dr. José Lindomar Coelho Albuquerque
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Membro Externo

Para Pietro, meu mais jovem professor.

Agradecimentos

Ao Senhor Jesus pela força para chegar até aqui, obrigado por não ter me privado de Sua companhia nos momentos em que me desanimei e me senti incapaz de concluir esta etapa da vida.

Aos meus pais (Aldean e Erivelton) e irmãos (Aline e Júnior) pelo incondicional apoio em todos os momentos dos últimos anos em que trabalhei neste e em outros projetos. Ao meu cunhado (Eliabe) pelas informações constantes, ainda que o seu “poder” de informante fosse limitado ante o meu objeto de pesquisa, ele esteve sempre pronto para contribuir. A cada membro da família que demonstrou preocupação e interesse com a minha jornada, muito obrigado!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes, cuja presença nestes cinco anos em que nos conhecemos se manteve constante. Agradeço por ter me acolhido num momento em que eu não tinha esperança que esse sonho pudesse ser realizado. É claro que coisas como esta não são expressas todos os dias, mas, o Prof. Marcelo certamente tem um importante papel no meu desenvolvimento intelectual. Obrigado pela confiança e pela excelente relação de amizade que construímos ao longo desses anos.

Aos amigos e amigas, perto ou longe, todos contribuíram com os mais sinceros votos de incentivo. Agradeço a Léo, Christopher, Angélica e a toda Família Hora que estão comigo desde a infância/adolescência. Devo agradecimentos a Igor, companheiro e amigo paciente que ouviu meus lamentos quase que diariamente desde a graduação, muito obrigado pela companhia. Agradeço também aos amigos que foram se tornando especiais e bons companheiros nesta jornada: Eduardo, Luiz Eduardo, Amanda Isabelly, Erlânia, Bruno, Sofia, Jordana, Adriano (PucMinas), Tia Silvia e todos que me apoiaram na Escola Estadual Prof^a. M^a Hermínia Caldas.

A todos os membros do GEPPIP, cujas reuniões em conjunto, viagens para eventos e sugestões contribuíram para que eu chegasse à experiência e à visão de mundo que tenho hoje. Não queria citar nomes com medo de esquecer algum, todavia, agradeço a Luanne, Messias, Dani, Leonice, Alessandra, Gregório, Mirtes, Jadson e todos os outros.

Aos colegas de turma (Mestrado/2011) pelas valiosas contribuições durante o curso e pela oportunidade de partilharmos anseios, medos e inquietações durante e após as disciplinas.

Aos professores Dr^a Tânia Magno, Dr^o Frank Marcon e Dr^o José Lindomar por terem

atendido prontamente o convite para a participação das Bancas de Qualificação e Defesa.

A todos os que fazem o Programa de Pós-Graduação em Sociologia, na pessoa do atual Coordenador Profº Drº Rogério Proença, pela presteza durante os dois anos de duração do curso.

A CAPES pela bolsa de estudos, sem a qual eu não poderia ter me dedicado integralmente ao desenvolvimento deste projeto.

Por fim, quero dizer que muitas pessoas deram sua parcela de contribuição para que este trabalho fosse concluído. Em momentos de agradecimento como este é possível que haja falhas devido à imensa quantidade de nomes que devemos citar e não se pode por causa do espaço limitado destas linhas. Todavia, aquelas pessoas que não foram citadas recebam meus agradecimentos sinceros e quero dizer que sem a sua contribuição, talvez, eu não estivesse escrevendo estas linhas.

Quando perco toda a minha força, então tenho a força de Cristo em mim.

(Carta de Paulo a Igreja de Corintos)

Temos o direito a ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizam. Temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza.

(Boaventura de Sousa Santos)

Resumo

Esta dissertação procura compreender os processos identitários produzidos a partir e na presença de imigrantes chineses em Aracaju. O problema de pesquisa refere-se à produção da presença chinesa a partir do campo econômico na cidade de Aracaju. Este trabalho inscreve-se nos estudos sobre as migrações internacionais, mais precisamente entre aqueles que se dedicam aos processos migratórios para o nordeste brasileiro nos últimos anos. O trabalho também se inscreve no debate sobre identidades e lança mão do *campo* como parâmetro analítico. A noção de identidade é entendida neste trabalho como relações de poder que, por sua vez, são geradoras de localização, classificação e hierarquização, mas também, de contestação e transgressão. A utilização do referencial de campo se justifica por permitir construir analiticamente as disputas e tensões necessárias à produção das identidades. Diante do quadro empírico e tendo em vista que não pretendia fazer um estudo amostral, pareceu mais adequado substituir a noção de amostra pelo de *corpus* de pesquisa, ou seja, um conjunto de dados que estavam diretamente relacionados com o meu objeto de estudo. Desta maneira, utilizei procedimentos de pesquisa que foram da pesquisa documental, às fontes orais, passando pela observação direta. Os resultados obtidos mostram que os processos identitários em Aracaju podem ser entendidos a partir das relações dialógicas. Deste modo, não há somente um sentido de ser chinês. Ser chinês é construído por meio das heteronomeações e das automeações, um jogo no qual os chineses são nomeados e também se nomeiam. Os brasileiros dizem o que eles são e, os chineses, num movimento de contra nomeação, resistem às nomeações presentes como quase um “consenso” no campo econômico. E, por fim, a presença chinesa vai sendo produzida nas oposições (positivo-negativo) fruto das perturbações que uma presença estrangeira causa, principalmente, no campo econômico.

Palavras-chave: Processos Identitários; Chineses; Aracaju

Abstract

This work aims to understand identity processes created because and within Chinese immigrants in Aracaju. The research problem refers to the production of Chinese presence from the economic perspective in Aracaju. This work enrolls on international migration studies, precisely between those dedicated to migratory processes to Brazilian northeast in recent years. This work also enrolls on the debate about identities and uses the field as analytical parameter. This work understand identity notion like power relations which generate location, classification and ranking, and also contestation and transgression. The use of field framework justifies itself by allowing an analytical construction of challenges and tensions, necessary to identity production. Due to the empirical scenario and a view that it was not intended to study samples, it was more appropriate replace sample notion with *corpus* research notion, in other words, a data set direct related to my study object. In this way, I used research procedures from document search, oral sources and direct observation. Results show identity processes in Aracaju may be understood by dialectic relations. Thereby, there is no sense on being Chinese. Being Chinese is built by nominations, a game in which Chinese names themselves and also are named by others. Brazilians say what Chinese are and, on the other hand, Chinese resists to these nominations with an almost unanimous economic consensus. Finally, Chinese presence is being made on oppositions (positive-negative) as a result of disturbs that a foreigner presence causes, especially, in economic field.

Keyword: Identity processes; Chinese; Aracaju

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estabelecimentos comerciais chineses no centro de Aracaju	67
Figura 2 - Pastelaria Chanli – Edifício Palace - Centro comercial de Aracaju	73
Figura 3 - Grande Hotel – Aracaju/SE	78

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 - Imigração no Brasil (1884-1933)	45
Tabela 2 - Estabelecimentos comerciais chineses no centro comercial de Aracaju/SE	68
Gráfico 1 - Entrada de imigrantes chineses nos Estados Unidos (1969-2006)	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACB: Associação Comercial da Bahia

ACBA: Associação Chinesa da Bahia

ACESE: Associação Comercial e Empresarial de Sergipe

CDL: Câmara de Dirigentes Lojistas

CNPJ: Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
I – CAPÍTULO.....	20
A CONSTRUÇÃO DO TERRENO E O <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	
II – CAPÍTULO.....	30
PARA PENSAR OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS	
III – CAPÍTULO.....	43
AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS	
3.1 O Brasil dos imigrantes: olhares sobre o passado e o presente das migrações internacionais.....	43
3.2 Contornos contemporâneos da imigração chinesa.....	50
3.2.1 A diáspora chinesa para o mundo.....	50
3.2.2 A China no Brasil.....	54
3.2.3 Imigração chinesa no nordeste brasileiro.....	57
IV – CAPÍTULO.....	60
PERCURSOS E DISCURSOS DA PRESENÇA CHINESA EM ARACAJU	
4.1 Produção identitária e presença chinesa: reflexos da imigração contemporânea em Aracaju.....	60
4.2 Percursos migratórios: entre a imigração e a reimigração.....	62
4.3 A produção da presença chinesa no campo econômico de Aracaju.....	65
4.4 “Coreano, chinês ou japonês?” – Autonomieações e heteronomieações.....	77
4.5 Os sentidos de “ser chinês” em Aracaju	82
4.6 Tensões, disputas e emergências identitárias.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICE.....	104
ANEXOS.....	105

INTRODUÇÃO

Este trabalho inscreve-se nos estudos sobre as migrações internacionais, mais precisamente entre aqueles que se dedicam aos processos migratórios para o nordeste brasileiro nos últimos anos. O problema de pesquisa refere-se à produção da presença chinesa a partir do campo econômico na cidade de Aracaju. Deste modo, esta pesquisa procura compreender os processos identitários produzidos a partir e na presença de imigrantes chineses em Aracaju. Além deste objetivo principal, a pesquisa pretende estudar como se estrutura o fluxo migratório chinês para Aracaju, como são organizados seus negócios e, assim, identificar as disputas e tensões que permeiam a relação entre brasileiros e chineses.

A hipótese da pesquisa é que os processos identitários relacionados ao ser chinês são construídos de duas formas: a partir de disputas e tensões entre chineses e brasileiros através da inserção dos chineses no campo econômico, e pelo auto-reconhecimento enquanto chineses a partir da origem e da língua comum.

A tradição dos estudos migratórios no Brasil formou-se a partir das análises sobre as migrações em massa para o país no século XIX e início do século XX, quando italianos, espanhóis, portugueses, alemães e japoneses compuseram os grupos imigrantes que desembarcaram em terras brasileiras. A presença de imigrantes no Brasil suscitou o debate sobre assimilação, integração e nacionalismo. Ao longo do século passado muitos pesquisadores focaram seus estudos sobre a presença dos imigrantes a partir da questão dos grupos étnicos e aos poucos foram abandonando as ideias de assimilação e aculturação. Nas últimas décadas vemos outros grupos e novos fluxos migratórios para o Brasil que atingem outras regiões além do sul e sudeste, até então, palco das migrações em massa para o Brasil.

O nordeste brasileiro tem recebido parte destes fluxos, principalmente de chineses que se concentram nas capitais e maiores cidades do interior desenvolvendo atividades no setor de comércio, especialmente de produtos importados e alimentos, restaurantes e pastelarias. Os dados do último Censo do IBGE (2010) mostram que na última década o nordeste teve sua população de asiáticos aumentada em quase dez vezes. Apesar deste número incluir japoneses, chineses e seus descendentes, a imprensa tem noticiado um crescimento considerável do número de chineses e de seus negócios na região, produzindo novas configurações sociais, econômicas e culturais de grande interesse sociológico.

O trabalho também se inscreve no debate sobre identidades e lança mão do campo como parâmetro analítico. A noção de identidade pode ser abordada de diversas maneiras, mas fiz uma opção por aquela que a apresenta a partir das relações de poder que, por sua vez, são aqui

entendidas como geradoras de localização, classificação e hierarquização, mas também, de contestação e transgressão. Para tanto, nos apoiamos em autores como Silva (2008), Woodward (2008), Castells (2010), Laclau (2011), Hall (2008), Couche (1997) e Ennes (2001). A utilização do referencial de “campo” se justifica por permitir construir analiticamente as disputas e tensões necessárias à produção das identidades. O uso do arcabouço teórico de Bourdieu, a exemplo de campo, não é uma novidade nos estudos migratórios; um exemplo disto são os estudos desenvolvidos pelo Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU- USP) que utiliza há bastante tempo esse referencial teórico.

Nos dias de hoje, em Aracaju existem 63 chineses registrados, segundo dados da Polícia Federal. Parece uma quantidade pequena, todavia, há dez anos esse número não passava de três. Esta estatística demonstra que o fenômeno mundial da diáspora chinesa também se projeta em Aracaju e, assim, considere a presença chinesa em Aracaju como fenômeno passível de estudo.

A migração chinesa é um fenômeno mundial que se projeta na cidade de Aracaju e, além no aumento do número dos chineses, sua presença no campo econômico, particularmente no comércio de produtos importados e alimentos, é notadamente marcante. Os letreiros com nomes de origem chinesa se espalham pelo centro da cidade. Eles comercializam eletrônicos, vestuário, artigos para festas e produtos de bazar em geral, além de pastelarias e dos restaurantes que servem aos brasileiros e aos próprios chineses. É no próprio centro da cidade que a maioria dos chineses encontra seu lugar de morada, são dois edifícios (Futuro e Jangada) que servem como lar dos imigrantes e muitos dos apartamentos abrigam mais de uma família. A presença e as atividades de chineses no campo econômico, por sua vez, produzem novas relações sociais portadoras de significados identitários.

Diante do quadro empírico e tendo em vista que não pretendia fazer um estudo amostral, pareceu mais adequado substituir a noção de amostra pelo de *corpus* de pesquisa, ou seja, um conjunto de dados que estavam diretamente relacionados com o meu objeto de estudo (BAUER & GASKELL, 2002). Desta maneira, utilizei procedimentos de pesquisa que foram da pesquisa documental às fontes orais, passando pela observação direta. A pesquisa documental foi feita em *sites* e *blogs*, além de consulta aos jornais impressos no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, tendo como objetivo coletar dados sobre a presença dos chineses na ótica da imprensa sergipana. Por outro lado, em relação às fontes orais, foram privilegiadas as entrevistas semi-padronizadas e conversas informais com brasileiros e chineses localizados no contexto do comércio de Aracaju. É importante salientar que devido ao tempo acelerado dos negócios e à desconfiança inerente ao estranhamento produzido pelas

circunstâncias em que se dá a inserção dos chineses no campo econômico e das diferenças étnicas e identitárias com o pesquisador, a maioria dos entrevistados não concordou que eu gravasse entrevista. Mesmo insistindo, em duas ou três visitas, eles não permitiram. Ante essa dificuldade, usei a estratégia de gravar meu próprio relato com as informações colhidas assim que a entrevista terminava. Deste modo, procurei assegurar que a informações não se perdessem. Logo após a gravação transcrevi todas as informações e as utilizei ao longo do trabalho como uma espécie de paráfrase do que os meus entrevistados disseram.

Também utilizei a observação direta como procedimento metodológico, já que este procedimento pretende captar as práticas cotidianas dos agentes da pesquisa que, muitas vezes, são ocultadas em momentos de entrevistas. Assim, observei o cotidiano das negociações entre chineses e brasileiros (comerciantes e consumidores), a chegada ao trabalho, a volta para casa, o encontro com outros chineses e o relacionamento com brasileiros, para além das transações comerciais, como as “paqueras” e as amizades.

Realizei catorze entrevistas e diversas conversas informais no decorrer do trabalho de campo, foram chineses e brasileiros, todos relacionados com os propósitos da pesquisa. Para melhor situar o protagonismo nas relações investigadas, apresento abaixo meus interlocutores de pesquisa.

1. **Antônio**, Brasileiro, 67 anos, é também um dos Diretores da Associação Comercial da Bahia e Presidente da Câmara de Comércio Brasil-China/Secção Salvador;
2. **Wang**, Chinês nascido na província de Cantão, 72 anos, Diretor de Cultura da Associação Chinesa da Bahia. Dono de um de um conhecido estúdio de fotografia, chegou a Salvador com o seus pais há mais de vinte anos. Tem dois filhos, um homem que trabalha no estúdio e uma mulher que fez carreira com assessoria de imprensa, inclusive de imprensa política;
3. **Jorge**, Brasileiro, 41 anos, membro da diretoria da Associação Comercial e Empresarial de Sergipe, empresário do ramo de produtos importados na cidade de Aracaju e tem como fornecedores importadores chineses na cidade de São Paulo;
4. **Ronaldo**, Brasileiro, 67 anos, membro da diretoria da Câmara de Dirigentes Lojistas de Aracaju;

5. **Dalva**, Brasileira, 50 anos, comerciante de produtos importados, possui uma pequena loja nas proximidades da Praça General Valadão, local com muitos estabelecimentos de origem chinesa;
6. **Joana**, Brasileira, 50 anos, proprietária de um restaurante e lanchonete em um dos calçadões da cidade, lugar de grande circulação de pessoas. Seu negócio é vizinho a outro estabelecimento chinês, morou e trabalhou alguns anos em São Paulo e disse conhecer a realidade dos asiáticos;
7. **Marcos**, Brasileiro, 36 anos, é dono de uma loja de produtos importados na Rua Santo Amaro, uma das ruas que concentra parte das lojas de origem chinesa;
8. **Maria**, Brasileira, 46 anos, é sócia e administradora de uma grande loja de produtos importados também na Rua Santo Amaro, centro da capital;
9. **Marcela**, Brasileira, 29 anos, é proprietária de uma loja na Rua do Turista, entre os artigos que ela comercializa, estão produtos importados comprados de atacadistas chineses na cidade de São Paulo;
10. **Roberta**, Brasileira, 25 anos, é uma ex-funcionária de uma loja de origem chinesa que comercializa produtos importados.
11. **Sara**, Chinesa da província de Cantão, 28 anos, casada com um chinês, tem uma filha nascida no Brasil com a idade aproximada de dois anos. O casal é dono de uma pastelaria no centro de Aracaju há pouco mais de dois anos. Ambos vieram de São Paulo, mas Sara chegou logo depois do marido, na época noivo, para casar-se.
12. **Hu**, Chinês da cidade de Xangai, 28 anos, é dono de um restaurante de comida oriental e brasileira. Em Aracaju há pouco mais de três anos trouxe mulher e outros integrantes da família. Tem filhos e, diferente da maioria dos chineses mora no Bairro de Atalaia.
13. **Chao**, Chinês da província de Cantão, 79 anos, vive em Aracaju há 26 anos e disse ser pioneiro no ramo da comida oriental na cidade. Veio de Cantão muito jovem com a ajuda de uma igreja evangélica para trabalhar no ramo de alimentos. Montou seu próprio negócio em São Paulo, Salvador e, por fim, se estabeleceu em Aracaju. Um de seus restaurantes é bastante conhecido e localizado numa das principais avenidas da cidade. Por sua antiguidade na cidade, Chao parece ser uma espécie de líder ou contato principal para aqueles que vão chegando;

14. **Bruno**, Chinês da cidade de Pequim, 33 anos, está em Aracaju há pelo menos 11 anos, trabalha no setor secundário. Embora seja de uma região distinta, ele reconhece Hu, esposa e outros parentes como amigos. Em muitos momentos tive a oportunidade de presenciar Bruno auxiliando nos trabalhos do restaurante de Hu.

O primeiro capítulo foi escrito a partir das observações no trabalho de campo, tendo como objetivo apontar como foi a construção do terreno, ou seja, do campo empírico, e qual seria o *corpus* de pesquisa trabalhado neste estudo. As questões sobre construir um “terreno” de pesquisa e substituir uma amostra por um corpus são apresentadas como alternativas às dificuldades encontradas durante os percursos de pesquisa, tais como, o acesso ao universo dos entrevistados.

O segundo capítulo discuto a questão da identidade e dos processos identitários. O objetivo deste capítulo foi trazer uma alternativa às discussões que concebem a questão da identidade de forma que essencializam a categoria, para isto, utilizei vários autores que abordam a temática tendo como um dos pressupostos a construção da identidade como relações de poder. Autores como Silva (2008), Woodward (2008), Castells (2010), Laclau (2011), Hall (2008), Couche (1997), Ennes (2001), entre outros, perpassam pela discussão da identidade como algo processual e dinâmico, o que nos leva a pensar em processos identitários em substituição da palavra identidade.

O terceiro capítulo teve como objetivo situar historicamente a questão das migrações internacionais para o Brasil, avançando na análise da contemporaneidade, trazendo para a discussão os novos fluxos migratórios, inclusive de chineses, que se mostram como fenômeno de projeção mundial. Este capítulo foi construindo através de um levantamento bibliográfico sobre o tema, correlacionando presente e passado das migrações internacionais. A ênfase se deu em demonstrar que o Brasil retornou à cena das imigrações internacionais, tal como esteve nos séculos XIX e do XX. Embora o país esteja recebendo um número menor do que na época das imigrações em massa, os dados tem mostrado que várias nacionalidades tem escolhido o Brasil como país de imigração. Um desses grupos é o de chineses, cuja imigração assume contornos contemporâneos com aspectos um pouco distintos do passado. Destaco neste capítulo não só a imigração chinesa para o mundo, como também para o Brasil e para o nordeste, como reflexo de um fenômeno mundial: a imigração chinesa.

O último capítulo tem como objetivo analisar os discursos e percursos que estão relacionados à presença chinesa na cidade de Aracaju, especialmente no campo econômico, a partir do referencial teórico aqui privilegiado. Os discursos são caminhos que me levaram a

visualizar as construções identitárias, das auto e heterodenominações sobre o que é ser chinês, o que explicitou as tensões, os conflitos e as disputas por bens materiais e simbólicos. Para tal, me utilizei das fontes documentais, entrevistas semi-padronizadas, conversas informais e observação direta.

De forma sucinta, pode-se concluir que os processos identitários em Aracaju podem ser entendidos a partir das relações dialógicas. Deste modo, não há somente um sentido de ser chinês. Ser chinês é construído por meio das heteronomeações e das automeações, um jogo no qual os chineses são nomeados e também se nomeiam. Os brasileiros dizem o que eles são e eles, num movimento de contra nomeação resistem às nomeações presentes como quase um “consenso” no campo econômico. E, por fim, a presença chinesa vai sendo produzida nas oposições (positivo-negativo) fruto das perturbações que uma presença estrangeira causa, principalmente, no campo econômico.

I – CAPÍTULO

A CONSTRUÇÃO DO TERRENO E O *CORPUS* DE PESQUISA

O objetivo deste capítulo é mostrar a trajetória de construção do campo empírico e evidenciar qual foi o *corpus* de pesquisa trabalhado, já que não optei por um estudo amostral. Algumas abordagens teóricas serão feitas nas próximas linhas, mas, é sobretudo nos demais capítulos que trato com mais afinco as questões teóricas que nortearam minha pesquisa.

A construção do terreno de pesquisa se deu a partir do campo econômico. Como os imigrantes chineses estavam inseridos em atividades comerciais, este seria o ponto de partida e o “lugar” onde encontraria os meus entrevistados. Mas, de acordo com Bourdieu (2005), são inerentes ao campo econômico disputas por recursos materiais e pelo seu controle, assim, foi preciso não somente encontrar os chineses, mas também, os brasileiros, agentes desse campo e que estão em disputa. A trajetória inicial da pesquisa se deu nas cidades de Aracaju e Salvador, porém, a cidade de Salvador deixou de fazer parte do recorte empírico após a Banca de Qualificação, quando o tempo para a conclusão da pesquisa e as dificuldades impostas pela coleta de dados na cidade se mostraram maiores.

Mesmo tendo mudado o recorte empírico, optei por apontar como iniciei minha trajetória na construção do *corpus* de pesquisa a partir das incursões em Salvador, pois, faço algumas referências a esta experiência e em alguns momentos comparações entre as duas cidades, mesmo não sendo um dos meus objetivos, todavia, acrescento que, a cidade não saiu completamente do texto e das minhas pretensões e, justifico sua presença no trabalho pelo fato de que se faz significativo reforçar que o fenômeno da imigração para o nordeste e os fluxos migratórios de chineses para Salvador tem se projetado com mais força e até num estágio mais intenso que Aracaju, a ponto de se observar a fundação de uma associação de imigrantes chineses.

Minhas incursões a campo começaram em janeiro/2012 na cidade de Salvador e tinha como objetivo construir os primeiros contatos, colher entrevistas e observações sobre meu universo de pesquisa, já que, naquela época a cidade ainda fazia parte do meu recorte empírico, portanto, *lócus* de pesquisa. Salvador é uma metrópole, com um comércio muito maior em termos quantitativos e instituições mais antigas, a exemplo da Associação Comercial da Bahia (ACB). Sob perguntas e olhares curiosos, tendo em vista que o tema parecia novo ou diferente, iniciei minhas visitas e meus primeiros contatos telefônicos.

No segundo dia na cidade consegui três importantes contatos que pareceram muito mais fácil do que em Aracaju, uma cidade menor onde tudo é próximo e as pessoas conhecem umas às outras com facilidade, em tese, onde a rede de contatos poderia ser construída muito facilmente. Não foi bem assim¹. Em Salvador, num único dia consegui solicitar dados na Delegacia de Imigração da Polícia Federal, entrevistar um dos diretores da ACB e agendar uma entrevista com o diretor de cultura da Associação Chinesa da Bahia (ACBA). Bem, a questão da ACBA é um capítulo importante do trabalho de campo, pois, quando saí de Aracaju já tinha em mente a tarefa de contatar os dirigentes da recém-criada associação² e também outros chineses pelo método bola de neve³. Quando cheguei à ACB fui muito bem recebido e encaminhado para o setor de documentação e arquivo, onde, a bibliotecária ouviu meu relato e me reencaminhou para a secretaria da instituição. Antes que a secretária pudesse anotar meu contato ela perguntou se eu queria falar com o diretor-superintendente que estava presente naquele momento. O que foi oportuno, por que ele era também integrante da Câmara de Comércio Brasil-China (Secção Bahia).

Ao me receber, o senhor Antônio foi muito receptivo e entusiasmado ao falar no assunto da imigração chinesa no Brasil e na Bahia, contou experiências pessoais e suavizou no seu discurso o que chamou de “concorrência desleal” dos produtos chineses, porém, dizia que a ACB estava aberta para todo e qualquer imigrante, incluindo os chineses que quisessem associar-se. Falou isso num tom de empolgação por causa dos recentes investimentos chineses na Bahia.

A fala do senhor Antônio, como de outros entrevistados, concentra uma polarização entre aspectos “positivos” e “negativos” sobre os quais me debruço no último capítulo deste trabalho, sendo estes componentes dos processos identitários.

Através da internet consegui o número do escritório de um dos diretores da Associação Chinesa da Bahia, liguei com o objetivo de me informar sobre a localização exata do escritório e as possibilidades do senhor Wang me receber. Ao chegar lá fui recebido pelo filho do diretor que me contou que ele era bastante acessível, sinalizando que poderia ligar para o telefone pessoal dele e marcar uma entrevista. Saindo de lá, liguei para ele que me disse estar em viagem e poderia me receber alguns dias depois do seu retorno. A princípio senti que as coisas estavam fluindo e que conseguiria coletar muitos dados na entrevista que faria com ele,

¹ Voltarei a discorrer sobre isso.

² A Associação Chinesa da Bahia foi criada em julho/2010.

³ É um método onde um entrevistado leva o pesquisador a outro entrevistado por meio de indicação.

visto que, a ACBA era uma instituição reconhecida publicamente⁴. Alguns dias depois retornei a ligação e combinamos que a entrevista seria no escritório dele, na manhã do dia seguinte.

Cheguei pontualmente às nove horas da manhã e lá estava ele à minha espera. É interessante como o pesquisador de separa com situações adversas, antes, ele se mostrou aberto à entrevista e no momento fui recebido com insinuações de “*falta de tempo*” e mensagens de “*estou ocupado*”. Sua fala sinalizou patriotismo, integração e “aptidão nata” do chinês para o trabalho, o que justificava sua falta de tempo para conversa. Naquele momento meu sentimento foi de medo e apreensão, um prenúncio do que considereí mais tarde como uma característica própria da presença chinesa na cidade e posteriormente em Aracaju. Pedi ao senhor Wang que me indicasse outros membros da Associação com os quais eu poderia conversar e ele apenas me disse que “*só poderia falar por ele*” e que o presidente estava “*ai*”, mas sem qualquer indicação de onde eu poderia encontrá-lo. Com um tom de desconfiança fui saudado no final da conversa com um “*sorte para sua pesquisa*”.

No mês seguinte (fev/2012), iniciei o trabalho de campo em Aracaju em busca de entrevistas, contatos e de estabelecer uma rede de confiança entre os meus pesquisados (brasileiros e chineses). Como comentei anteriormente, em Aracaju as entrevistas pareciam ser mais difíceis de serem obtidas, principalmente em relação às instituições ligadas ao comércio. Um dos casos mais emblemáticos foi o da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL)⁵, onde, ao fim de cinco tentativas, consegui agendar uma entrevista com um dos representantes da entidade.

Ao mesmo tempo em que fazia as observações diretas, buscava meus interlocutores e construía o *terreno* e o meu *corpus* de pesquisa. Semelhante ao que aconteceu com Berg (2006), ao estudar cubanos da diáspora em Madrid e Miami, fui construindo o terreno sem me inserir completamente nele como pretende os trabalhos de pesquisa qualitativa que utilizam tal metodologia. Uma série de fatores cooperou para que isto ocorresse e sobre os quais discorrerei nas próximas linhas.

Quase sempre que abordava meus interlocutores brasileiros, era recebido com muita hostilidade; a raiva e o rancor estavam presentes em suas falas, como se eu estivesse falando de um assunto proibido e indesejado. E era. Era porque, no caso dos comerciantes, eles logo

⁴ No ato de lançamento da ACBA muitos políticos, autoridades e até o Cônsul-Geral da China no Rio de Janeiro prestigiaram a cerimônia e manifestaram apoio à iniciativa, como foi observado em algumas matérias jornalísticas da época.

⁵ Entidade representativa dos lojistas, presente em todo o território nacional. Tem como objetivos, entre outros, reivindicar melhorias e benefícios para o setor e solicitar fiscalizações junto aos órgãos governamentais.

apontavam para uma certa *concorrência desleal* para justificar, em alguns casos, a aversão ao imigrante que ora, eram chineses, ora eram coreanos e japoneses. As nomeações eram muitas e eu percebia que elas tornavam-se mais claras quando a intensidade do *prejuízo* aumentava por causa da presença de um elemento que não fazia parte no cenário comercial da cidade até pouco tempo atrás. A recepção para uma entrevista ou conversa também dependia da posição que este brasileiro ocupava e de como ele está inserido neste circuito, ou seja, não bastava ser brasileiro que as opiniões seriam as mesmas, eu via uma multiplicidade de visões orbitando em torno da figura do imigrante.

Os brasileiros pequenos e grandes comerciantes, dirigentes de instituições de classes e consumidores faziam referências distintas sobre a presença chinesa. Percebi que, de fato, eles partiam de uma visão polarizada entre *positivo e negativo, se faz bem ou mal* ao comércio. Comecei a dar maior atenção às polarizações, já que, as falas pareciam florescer nestas duas direções. Quando iniciava uma entrevista ou uma conversa informal tentava não dar nomes aos chineses, deixava que os brasileiros construíssem nos diálogos a ideia de quem são eles; quando eles identificavam o elemento imigrante partia para outras questões mais específicas da pesquisa. Era uma tentativa de não tomar o “chinês” como uma categoria dada, mas construí-la a partir dos discursos e observações obtidas.

Fui alvo também de questionamentos, rejeições e feições cingidas, rostos com expressões de espanto e exaltações. Questões como “*Não posso responder porque tenho aversão a essas pessoas, aos chineses*” foram mais frequentes do que eu poderia esperar. Denotava o incomodo, mas também o reconhecimento de que havia de certa forma, um elemento estranho inserido no contexto em que eu pesquisava. Era para esta direção que as falas se direcionavam. As feições duras e rudes eram amaciadas depois de alguma insistência, um copo de suco e uma olhada nas vitrines, eram estratégias para diminuir a resistência e ganhar confiança para o diálogo. Jamais conseguia gravar, pois, a alegação de que tudo era muito corrido e que eles estavam em horário de trabalho ou cuidando pessoalmente dos negócios não permitia a gravação e nem uma longa conversa, um tipo ideal de entrevista. Mesmo eu sabendo que havia horas em que o movimento era menor e muitas vezes eu abordava os comerciantes nos horários de pouca movimentação, eles se negavam a permitir a gravação. Raiva, medo ou o movimento frenético do centro comercial, não tinha como saber qual era o verdadeiro motivo para as rejeições.

Algumas entrevistas merecem destaque neste relato. A primeira foi com um dos

dirigentes da Associação Comercial e Empresarial de Sergipe⁶ (ACESE), o senhor Jorge. Depois de tentativas frustradas de contatar o presidente por meio da secretaria administrativa, conformei-me em conversar com um dos diretores. Mas também, não foi uma tarefa tão fácil. Depois de sucessivos e-mails, visitas e contatos telefônicos, ele concordou em me receber numa manhã de março/2012. O senhor Jorge não me recebeu tão disposto e logo descobri o porquê da indisposição. A sensação que eu tive foi de estar conversando com um refém do tema e no final da entrevista ele revelou que era um comerciante e negociava diretamente com os chineses em São Paulo. Muitas queixas e reclamações pessoais misturavam-se com as posições institucionais enquanto dirigente e as referências à culpa governamental pela *“abertura do país a essas pessoas”*; foi firme quando interrogado sobre quem seriam essas pessoas e a dimensão que suas presenças tinham na cidade. Quando eu disse que tinha estado em Salvador e ACB ele perguntou se *“eu não tinha ouvido a mesma coisa das pessoas de lá”*.

Como se trata de uma cidade menor, na qual os comerciantes tem uma relação mais pessoal, onde os líderes são poucos e o comércio é mais concentrado, parece que a presença chinesa em Aracaju é menos diluída e menos porosa do que em Salvador. A pulverização da presença chinesa, a nascente organização em associações e os investimentos chineses na Bahia indicavam respostas diferentes aos questionamentos com os dirigentes das duas Associações, além da preocupação do dirigente sergipano com as respostas obtidas de Salvador, se eram as mesmas.

Na CDL, como já relatei, foram cinco tentativas até conseguir conversar com um dos dirigentes. Um misto de desconhecimento sobre o assunto e de pouca vontade em receber um estudante/pesquisador dominaram minhas idas até lá. Mas, conversar com algum dirigente da CDL era importante por causa na natureza da instituição, sua ligação estreita com o comércio e sua inserção nesse campo de forças. Após quase um ano (jan/2013) consegui ter acesso a um dos dirigentes e ele se mostrou ríspido e impaciente com a temática. Disse que a papel da entidade é *“solicitar as fiscalizações dessas pessoas junto aos órgãos governamentais e que a raça amarela em geral está presente na cidade de Aracaju”*. Me interessei pelas observações do senhor Ronaldo à medida que ele foi se mostrando mais ofensivo e defensor do lojista brasileiro, pois, a opacidade e a dificuldade de enxergar e definir o outro é elemento constituinte do processo identitário, ou seja, não se sabe quem de fato é esse imigrante e durante a entrevista ele transitava entre uma ideia e outra, entre uma nomeação e outra. Além disso, instituições como a CDL tem o poder de nomear o outro (o chinês) como subalterno,

⁶ A ACESE reúne comerciantes e empresários de diversos setores da economia, como também, profissionais liberais.

ilegal, não integrado e naturalizar essas nomeações. Tem o poder de nomear o outro desta forma porque os brasileiros e, conseqüentemente, as instituições constituídas por eles, estão melhor posicionados em relação aos chineses. A CDL faz parte deste universo que propaga uma ideia de que os comerciantes chineses não pagam impostos e entram de forma ilegal no campo econômico, criando um senso comum em relação aos chineses.

Outra entrevista que merece destaque é a de uma proprietária de um restaurante no Calçadão da Rua Laranjeiras, um lugar com bastante movimento de pessoas. Como entrevistar os brasileiros fazia parte do meu *corpus* de pesquisa, escolhi entrevistar a dona deste restaurante pelo fato de ele ser vizinho a um restaurante chinês, ambos comercializam não só almoço, como também lanches. Acreditei ser interessante confrontar dois discursos e verificar se havia ou não tensões capazes de provocar conflitos, visto que, os dois estabelecimentos eram vizinhos.

A senhora Joana não queria conversar comigo dizendo que “*influenciaria na pesquisa porque não gostava dos chineses*”, antes que eu dissesse que se tratava de “chineses”. Ela me encaminhou para uma funcionária e eu resisti dizendo que gostaria muito que a conversa fosse com ela mesma, além de que, entrar no restaurante dela foi “um acaso” e só naquele momento eu percebi que se tratava de um lugar vizinho aos chineses de quem ela falava. Usei este recurso para conseguir conversar com ela, pois, ela se mostrava aflita e irritada com o assunto, isto sem contar com as constantes interrupções dos clientes no momento da entrevista.

Ouvi da senhora Joana muitas histórias de conflitos pessoais com imigrantes quando ela morava em São Paulo e muitas reivindicações como comerciante. Como disse, julguei importante entrar naquele estabelecimento e identificar possíveis tensões que serviriam para compreender parte do “ser chinês” em Aracaju. Dela, saiu uma história sobre o “*banco do calçadão*”, onde todas as tardes o casal de chineses se reveza na tarefa de observar o negócio dela, “*ver como está o movimento, quantos clientes tem e se possível arrastar eles daqui*”. Nessas horas do dia, há sempre uma desconfiança de “*que eles estão bisbilhotando as coisas dos outros*”. Soa como um incômodo aquela presença, o que dá origem a muitos outros conflitos de natureza simbólica e material. É um caso de tensão entre os chineses e “não-chineses”. Uso em alguns momentos a expressão não chineses pelo fato de que nos discursos dos brasileiros são evidenciados os processos de diferenciação a partir de uma ideia de que as práticas comerciais são distintas, portanto, se os chineses têm determinadas práticas “ilegais”, os brasileiros se reconhecem como sendo não-chineses a partir de um discurso da não participação dessas práticas.

Procurei adentrar o universo dos comerciantes brasileiros, mesclando minhas

observações nas pequenas, médias e grandes lojas, além dos restaurantes e pastelarias, aqueles que se assemelhavam aos negócios chineses na capital. Fiz observações nos estabelecimentos, formas de vender e comprar, além de ouvir aqueles que compravam dos atacadistas chineses pequenas quantidades de mercadorias para revender nos calçadões do centro da cidade (ambulantes).

Pensei que só encontraria resistências e negativas entre os chineses, mas, o assunto entre os brasileiros também parecia delicado e inoportuno, dominado pelo senso comum da ilegalidade e da corrupção que supostamente envolve a migração deste novo elemento. Diante deste cenário, me deparei com muitas confissões, conversas informais de comerciantes, vendedores ambulantes e consumidores, estes últimos se mostraram mais entusiasmados com a nossa conversa. O centro da cidade foi o *locus* da pesquisa e o *corpus* reúne também estas conversas informais e observações que colhi ao longo das incursões a campo, observações e conversas não somente com os brasileiros, mas também com os chineses.

Alguns dos meus entrevistados brasileiros interessaram-se com o retorno da pesquisa, pois, diziam que poderiam estar enganados quando a imagem e ao julgamento que faziam dos imigrantes chineses; outros retornavam minhas perguntas com outros questionamentos, queriam saber minha opinião, se eu concordava com o que eles me diziam. Nestas situações eu tentava contornar dizendo que me interessava muito pela opinião deles pelo assunto e que no final da nossa conversa poderia falar sobre o tema. Alguns se mostravam satisfeitos, outros desconfiados por causa da minha insistência, mesmo tendo me apresentado como estudante e quase nunca pesquisador. Beaud e Weber (2007) afirmam que para o estudante a situação de pesquisa se mostra muito melhor do que para um pesquisador experiente, pois, muitos entrevistados se mostram interessados em ajudar um estudante, querem contribuir para o trabalho deles. A solicitude de alguns entrevistados ante tantas negativas me motivavam a continuar e só depois de algum tempo entendi que essas negativas também faziam parte dos dados de pesquisa.

E os chineses? Bem, me inserir entre os brasileiros não foi fácil como relatei nas linhas anteriores, entre os chineses não foi menos difícil, porém, acredito que até as negativas e a não inserção de tipo ideal fazem parte do *corpus* e ajudam a construir o “terreno”, como já exemplifiquei a partir do trabalho de Berg (2006).

Os primeiros passos para tentar construir uma rede de confiança entre os chineses foi identificar e mapear todos os estabelecimentos no centro da cidade e observar quais são os momentos de maior e menor movimento de clientes e mercadorias. Se já era difícil entrevistar os brasileiros no corre-corre, imaginei que entre os chineses não seria diferente. Vi que eles

abriam as lojas antes das outras, algumas fechavam depois e poucas abriram em dias em que o centro comercial não funcionava, mas tinha algum movimento, tal como em feriados e dias chamados de “ponto facultativo”. A cada mês que se passava mais lojas e restaurantes eram abertas e eu sempre era informado pelos conhecidos e pelos próprios entrevistados quando surgia um novo estabelecimento.

Chegar até os chineses requereu tempo e paciência, ainda que só tenha conseguido poucas entrevistas e pouco acesso ao seu universo. Muitos residem no centro da cidade e eu observava quando chegavam e quando retornavam as suas casas, mas quase sempre eles me negavam uma conversa, ainda que dissesse que seria breve.

Abordei os chineses de diversas formas e a cada nova rejeição tentava me aproximar com um método diferente. Tentei ser apresentado por brasileiros que faziam parte do círculo de negócios deles, usei o nome de outros chineses como parte da estratégia de bola de neve, usei funcionários(as) como intermediários(as), mesmo sabendo que incorria no risco de que ele(a) não fosse de sua confiança. Esgotei as possibilidades de me aproximar e, então, percebi que as desconfianças e negativas em relação a um estudante/pesquisador são próprias do universo da presença chinesa em Aracaju, pois, os chineses são alvos de fiscalizações e têm os brasileiros como seus opositores. Diante de todas essas dificuldades consegui quatro entrevistas com os chineses e, aqueles que concordaram em conversar me receberam amigavelmente, mesmo estando no exercício de suas funções: administrando, atendendo aos clientes, almoçando, etc.

Em uma das entrevistas usei o acesso por meio de funcionários me apresentando como estudante e perguntando se era “*difícil*” falar com os donos da pastelaria. A funcionária me respondeu com um sorriso e acrescentou que eu “*estava no lugar certo por que ela gostava muito de conversar*”. Sara, ficava no caixa e nem sequer saía para almoçar, exceto quando tinha alguma coisa para resolver na cozinha. Fiquei esperando ela autorizar nossa conversa ao mesmo tempo em que tomava um suco. Todas as perguntas que fiz a ela foram respondidas e consegui voltar outras vezes para repassar alguns pontos e explorar outros, pois, consegui construir até aquele momento uma relação de confiança e até um diálogo mais próximo com ela. Mas, não fui furtado dos olhares desconfiados e dos diálogos em mandarim ou cantonês por parte do marido de Sara. Em nosso primeiro encontro vi que ele dizia alguma coisa para ela e olhava ao mesmo tempo pra mim com um pequeno sorriso no canto da boca, talvez estivesse perguntando o que eu queria lá e quem eu era ou talvez estivesse concedendo autorização para que ela conversasse comigo. É uma incógnita devido ao meu não conhecimento da língua materna de Sara e de seu marido. Depois de algumas visitas à

pastelaria de Sara, o acesso foi “bloqueado” por causa de um incidente com um dos representantes comerciais que discutia com eles sobre algum valor que ficou devido, mas que seria estornado. Estes exemplos servem para mostrar como as situações de pesquisa abrem e fecham as portas de acesso aos entrevistados. Deste dia em diante não pude mais entrevistá-la, pois, quando eu chegava até a pastelaria Sara saía do “caixa” – seu lugar habitual – e quem assumia era o marido que não falava português, segundo ele mesmo.

Muitas negativas não eram tão rápidas como um simples “não”. Alguns chineses me analisavam por inteiro, roupas, modo de falar e o que realmente eu estava querendo com eles. Longos olhares se passavam para só então eu ouvir um “*não posso falar*” ou “*não sei falar*”. Percebia que o receio de falar era evidente em alguns casos, pois, em se tratando de um brasileiro querendo conversar sobre coisas que diziam respeito a suas vidas, não se sabe se esse brasileiro era um fiscal do governo, um policial ou um comerciante brasileiro concorrente.

A língua também era uma referência a essas negativas e, em muitas tentativas, eles negavam a conversa afirmando que não sabiam falar “*português direito*”. Não tinha como confirmar se isto era verdade, mas ouvi essa desculpa até de um chinês mais antigo na cidade, cuja saída para não me indicar alguns chineses com quem eu pudesse conversar foi o não saber falar português. Sei que todos tem algo a dizer e, para intermediar as negociações com clientes e funcionários eles sabiam um pouco do português falado, mesmo assim, negavam-se a conversar comigo. Como frisei, as negativas e desconfianças constituem o universo da presença chinesa na cidade e mereciam ser abordadas no trabalho como um todo.

Essa desconfiança e recusa em conversar comigo por parte dos chineses foram apontadas por alguns dos brasileiros com quem mantive contato, mesmo sem eu ter tocado neste ponto. Alguns me encorajavam a conversar com eles dizendo “*Vá lá conversar com eles pra você ver se eles vão querer. Eles só vão ser seu amigo se tiver algum interesse*”. Eram julgamentos e colocações próprios da construção identitária, ou seja, ser chinês é ser fechado e motivado por vantagens pessoais nas relações com os brasileiros.

Ao longo do ano de 2012 procurei estar próximo dos chineses por meio das visitas constantes, bem como dos aceites e negativas, todos estes elementos me faziam conhecer entre eles, eu era alguém que estava querendo acessá-los. Alguns deles, mesmo sem ter concordado em conversar comigo, se mantinham cordiais e me cumprimentavam quando eu os encontrava. Outros se mantinham impenetráveis diante da minha presença e insistência em acessar o seu universo. Não podia naturalizar as afirmações dos brasileiros sobre seu “fechamento”, pois, presenciei muitos grupos conversando com não chineses, fazendo

refeições e até pedindo indicações sobre locais para abertura de mais negócios. E, todos os meus entrevistados concordaram em conversar comigo na primeira apresentação.

Atentei-me à observação do movimento de chineses no centro de Aracaju, pois, trata-se de uma área não muito grande e o perímetro onde se concentram as lojas, restaurantes e pastelarias também é pequeno⁷. Vi as crianças almoçando com suas famílias, os bebês sendo cuidados pelas babás brasileiras todas as tardes enquanto a mãe chinesa trabalhava na loja, os momentos de “paquera” dos rapazes chineses com as estudantes brasileiras, a hora das refeições, boa parte delas com a ajuda dos hachis, entre outros momentos.

Alguns desses momentos também foram retratados pelos brasileiros em entrevista, assim, vi que era importante dar atenção a eles. Se os brasileiros enxergavam esses momentos de sociabilidade, julguei que necessariamente seria de igual importância registrá-los e combiná-los a partir da análise dos processos identitários.

Eram contra-respostas que davam visibilidade e demonstravam o estranhamento à presença chinesa em Aracaju. Ora os brasileiros falavam de uma efetiva separação entre eles e os chineses, ora me diziam que com algum tempo os chineses se tornariam brasileiros ou já estavam “*aprendendo a ser brasileiros*”. A posição a qual cada brasileiro ouvido ocupava definia a ideia que ele tinha sobre o chinês e sua inserção no comércio popular de Aracaju. Assim, era preciso estar atento a cada fala, discurso ou opinião. Não se trata de uma ideia homogênea, como apontaremos no próximo capítulo.

A consulta às fontes de dados secundárias, mais precisamente, os jornais, também compõe o *corpus* de pesquisa. Os dados obtidos por meio dos jornais não foram muitos, mas estão presentes porque acredito fazer parte do campo da produção sobre o chinês em Aracaju, campo este, que inclui também os agentes da imprensa.

No capítulo seguinte faço, uma discussão sobre a questão dos processos identitários com o objetivo de fazer distinção entre estes e a visão essencializadora utilizada, muitas vezes, pela imprensa, academia e na promoção de políticas públicas pelos governos. Estes setores têm utilizado reiteradas vezes, marcadores como cor, raça, gênero, orientação sexual como sendo identidade e, esquecem que pensar identidade é pensar em construção que envolve relações de poder. Assim, a ideia de processos identitários é apresentada no capítulo seguinte como alternativa para à uma discussão que não leva em consideração o caráter dinâmico e processual da construção identitária.

⁷ Farei uma apresentação no quarto capítulo deste perímetro e dos estabelecimentos encontrados durante o trabalho de campo.

II – CAPÍTULO

PARA PENSAR OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS

A questão da identidade é recorrente dos debates acadêmicos promovidos pelas ciências sociais, é também discutida e propagandeada com frequência nos veículos de comunicação⁸ e utilizada pelos governos como suporte para políticas públicas de cultura, memória e patrimônio. Também, com alguma regularidade a identidade é utilizada como sendo referente à cultura de um determinado povo, sobretudo, quanto à questão da culinária, danças, e arquitetura, o que fez com que o termo “identidade” extrapolasse os círculos acadêmicos e torna-se o conceito da moda, sendo utilizado por qualquer pessoa que quisesse se referir à cultura e outros atributos.

Para fugir desse modismo, a questão da identidade é encarada neste trabalho dentro de uma perspectiva relacional e dinâmica. Desta forma, os autores utilizados apresentam, em alguma medida, que a identidade traz em si a dinamicidade das relações de poder, bem como, a presença das figuras do “outro” e do “nós”. A justificativa para tal colocação consiste na necessidade de romper com abordagens essencializadoras do conceito que encontrou abrigo em diversas teorias da identidade e ainda ecoa nos dias de hoje.

Assim, tomei a mesma direção, que já a algum tempo está sendo tomada por diversos autores, pela qual a identidade pode ser criada, recriada, associada, negociada no âmbito das relações sociais, daí a ideia de processo e de processos identitários. É claro que os atributos culturais são importantes, mas não são eles que legitimam a identidade; tudo ocorre por meio de um processo de significação e isso se dá através da relação com o outro. Como mostra Castells, a identidade é entendida como

o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados... por meio de um processo de individuação (CASTELLS, 1999, p. 22).

A ideia defendida por Castells na citação anterior é a fuga da essencialização do termo, tal como aponte anteriormente. Mais uma vez a identidade está vinculada a ideia de processo

⁸ Um exemplo recente é a coletânea de reportagens sobre identidade sergipana publicada com o nome de “Caderno da Sergipanidade” no Jornal CINFOM, 05 à 11 de julho de 2010.

e construção, não se reduzindo a adoção pura e simples de bens materiais e simbólicos ou de uma história comum. A construção é parte integrante dos processos identitários, daí colocarmos anteriormente que a identidade pode ser criada e recriada. Não se pode conceber identidade dissociada da ideia de construção, o que se perde nas visões essencializadoras. Aqui destaco as relações de poder e os conflitos como dinâmicas da produção da identidade. Mais adiante veremos como elas são importantes na compreensão dos processos identitários.

Sobre a construção identitária, pode-se extrair com mais detalhes a partir das leituras de Castells (1999) formas de construção e origem da identidade: A identidade legitimadora, de resistência e de projeto. A legitimadora procede das instituições dominantes que para aumentar seu poder sobre os indivíduos constroem uma identidade, para ele, dá origem aos nacionalismos. Identidade de resistência é fruto de construções das parcelas da sociedade que se sentem menos favorecidas e criam identidades em oposição à identidade legitimadora, dando origem às comunidades. Por fim, a identidade de projeto é concebida quando se quer alterar ou redefinir a posição de um grupo na sociedade, como exemplo ele cita o feminismo que visa alterar as relações patriarcalistas da sociedade. Nas três concepções encontramos a dimensão processual e relacional da identidade. A identidade nacional pode ser forjada e/ou reforçada diante de um grupo que não é abarcado na ideia de nação, por exemplo, a identidade imigrante. Ennes nos esclarece essa premissa com o seguinte exemplo:

Nos Estados Unidos, nação que até o final do século XIX fora o grande pólo de atração de imigrantes europeus e asiáticos, começava a tomar forma uma postura de defesa do “modo americano de vida”, que não era outra coisa senão a tradução para um esforço de afirmação de sua identidade nacional (ENNES, 2005, p. 05).

Além de ter sido forjada num processo de reconhecimento por parte do povo estadunidense, a identidade nacional era reforçada diante da grande quantidade de imigrantes europeus e asiáticos enxergados como os “outros”. A oposição que é feita por determinados grupos em relação à identidade legitimadora também resulta da construção de uma outra identidade, diferente daquela que não abarca as minorias, por exemplo. Tais colocações são, sem dúvida, importantes para uma melhor apreensão dessa dimensão processual e relacional que será firmemente abordada no decorrer do trabalho.

A emergência da identidade parte também de outro princípio que gostaríamos de colocar como sendo fundamental: a diferenciação. A questão de que o surgimento do “nós” só acontece quando se enxerga esse “nós” diante do que chamamos de “outros”. Para Silva (2011) os processos identitários são sempre fruto do reconhecimento daquilo que não se é, ou

melhor, nos reconhecemos a partir de um espelho que será sempre o outro. O espelho (o outro) indicará aquilo que não somos e assim afirmamos a ideia de quem somos. Como a identidade se dá por meio da diferença, poderíamos levar em consideração que a diferença é resultado desse processo, porém, é necessário avançar e abordar a diferença como sendo parte do processo em que a produção da identidade também está inserida. (SILVA, 2011, p. 76)

Sobre a questão da diferenciação, Silva se apoia na ideia de “différance” de Jacques Derrida. Ele, ao se posicionar para além do estruturalismo aponta que a linguagem (e os atos linguísticos de nomeações), ela mesma não é uma estrutura estável e “o signo é caracterizado pelo diferimento ou adiamento (da presença) e pela diferença (relativamente a outros signos)” (SILVA, 2011, p. 80). O processo de diferenciação resulta numa busca, que é sempre adiada, daquilo que “sou” a partir do que “não sou”. Assim,

A identidade “ser brasileiro” não pode, como vimos, ser compreendida fora de um processo de produção simbólica e discursiva, em que o “ser brasileiro” não tem nenhum referencial natural o fixo, não é um absoluto que exista anteriormente à linguagem e fora dela. Ele só tem sentido em relação com uma cadeia de significação formada por outras identidades nacionais que, por sua vez, tampouco são fixas, naturais ou predeterminadas. Em suma, a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem. (SILVA, 2011, p. 80)

Por outro lado, a diferenciação também implica em classificação. Ora, se “eu sou brasileiro” e “ele é italiano” significa que há uma divisão do mundo social e das relações sociais; esta divisão implica em classificar os diversos grupos em “bons” e “maus”, “melhores” e “piores”, “estrangeiros” e “nativos”, etc. (Op. cit., p. 82). As nomeações levam também a esta separação do que é desejado e daquilo que não é. Um exemplo é a imigração na França, lá a identidade nacional francesa é aclamada como sendo aquela verdadeira e a que todos os outros grupos devem se adaptar; de um lado os franceses e os imigrantes “assimilados” e do outro os imigrantes “não assimilados” que em muitos casos vivem em “guetos” ou bairros étnicos, ou seja, uma separação física entre nacionais e imigrantes, fruto também dessa classificação entre a melhor e a pior identidade nacional.

Como a identidade nacional francesa é a identidade hegemônica, no caso acima, há um processo de hierarquização das identidades. A identidade legitimadora – da maioria francesa – está sempre no topo da hierarquia, pois, aqueles que têm o poder de classificar (a partir da diferenciação pelos atos de fala) têm também o poder de dizer qual identidade está no topo e qual está na base. Os franceses sendo a maioria em seu país têm uma identidade nacional produzida frente às minorias imigrantes e ela se impõe como a identidade que comanda todas

as outras, assim, é necessário que toda e qualquer identidade nacional seja diluída ou “assimilada” pela identidade legitimadora francesa.⁹

Sendo a identidade nacional francesa a legitimadora ela deverá ser também a norma, uma regularidade. Essa fixação de uma identidade como norma é “uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e diferenças” (SILVA, 2011, p. 83). No caso da imigração a norma seria a identidade nacional da sociedade receptora em contraponto a identidade étnica ou nacional dos imigrantes. Sem dúvida, essa hierarquização, com uma identidade mais preferida à outra, produzirá conflitos e disputadas pelos recursos sociais materiais e simbólicos, fato que algumas análises sobre a identidade escondem.

As perspectivas que tendem a fixar e a estabilizar a identidade e aquelas que promovem o respeito e a tolerância à diferença não problematizam a questão dos conflitos e das relações de poder que a produção identitária engloba. Enganam-se os que pensam que as ideias essencializadoras da identidade partem somente de concepções biológicas como a de “raça” e da consanguinidade; as ideias de identidade fixa e imutável podem advir também da cultura e da história, por exemplo, as identidades nacionais buscam em “mitos fundadores” e numa “história compartilhada” recursos para fixar uma identidade que está posta como imutável ao longo dos anos. Como aponta Anderson (2008), as comunidades nacionais podem ser uma invenção e não ter qualquer relação com uma identidade fixa. Aliado a isto, as tradições também podem ser forjadas e alguns atributos que podem constituir uma inglesidade, por exemplo, podem ser invenções de datas muito próximas, sem qualquer relação com uma ancestralidade mais longínqua (HOBSBAWM, 2008).

A questão do poder é fundamental para esclarecer o que está sendo entendido aqui por processos identitários, visto que, a identidade só é constituída a partir da diferença, mas a “diferença não tem a ver com a diferença entre x e y, mas com o que se passa entre x e y”, isso nos prova que a diferença, assim como a identidade, é socialmente constituída por meio da relação entre o “nós” e os “outros” (SILVA, 2002, p. 66). O que acontece entre o “nós” e os “outros” é justamente a disputa por espaço, lugares, territórios, prevalência, prestígio, recursos materiais e simbólicos, poder, etc. É neste conflito ou disputa que emerge a identidade, quando se invoca a diferença para dizer que “nós” somos diferentes dos “outros”, não pela pura e simples diferença, mas pelo reconhecimento desta a partir da presença do outro.

⁹ A regra geral pode ser esta, mas há casos que uma minoria forja uma identidade nacional, por exemplo, e se contrapõe a maioria que está no topo das relações de poder.

Os conflitos e as relações de poder são capítulos importantes da discussão sobre processos identitários, sem os quais voltaria às discussões que tendem a naturalizar a identidade e a maquiar os conflitos por meio de uma falsa tolerância. Subvertendo esses conceitos fujo de uma ideia de que tudo é identidade (aquela propaganda pelos meios de comunicação e até por setores da academia) e que ela mesma se explica. Como nos diz Silva “identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2011, p. 75) e, acrescento: identidade, diferença, conflitos e relações de poder devem ser compreendidas como sendo mutuamente dependentes.

Woodward (2011) traz ao longo do seu trabalho a questão da negociação identitária a partir dos vários contextos sociais em que estamos inseridos, demonstrando assim, que a identidade não é fixa e que necessariamente não temos uma identidade, mas várias identidades. É o mesmo que Lesser (2001) traz em seu trabalho sobre japoneses no Brasil quando uma identidade sino-brasileira é invocada em determinados contextos sociais. Além de Lesser, Seyferth (1999; 2000; 2004) também aborda esta perspectiva quando estuda imigração alemã. Estes exemplos somam-se ao que Silva (2011) coloca – fato que estou de acordo –, esses processos de negociação, hibridização, hifenização são provas de que a identidade tida como fixa pode ser desestabilizada. O sucessivo “cruzar fronteiras” faz com que indivíduos ou grupos pisem em territórios que não são os seus e “experimente” aquilo que não lhe é próprio, trazendo uma sensação de estar lá e cá algumas vezes, um “entrelugar” (BHABHA, 2005). Estes processos vão se dar sempre entre identidades que estão situadas “assimetricamente em relação ao poder”, mas afeta tanto a identidade hegemônica quanto aquela que está na base. Assim,

Da mesma forma, movimentos migratórios em geral, como os que, nas últimas décadas, por exemplo, deslocaram grandes contingentes populacionais das antigas colônias para as antigas metrópoles, favorecem processos que afetam tanto as identidades subordinadas quanto as hegemônicas. (SILVA, 2011, p. 88)

É somente na presença do grupo imigrante que a identidade brasileira emerge, sem o outro, ou seja, num mundo de identidades homogêneas, não haveria sentido discutir questões identitárias, pois, a diferença não estaria presente.

Mais do que representar a identidade e a diferença a partir dos atos de fala e dos signos, é preciso que se dê a devida atenção ao caráter performativo da linguagem, pois, a coisa torna-se coisa a partir da repetição. Ora, a representação é “um meio de transporte que aloja o significado” (SILVA, 2011, p. 91), ela também atribui um sentido, um significado, nomeia e

tudo isto se imbrica com as relações de poder. Todo esse questionamento com relação à representação dá-se porque ela mesma esconde as facetas das relações de poder envoltas nos atos linguísticos utilizados para representar, assim como a gramática esconde nas afirmações que fazemos sobre nós mesmos no dia a dia; “sou brasileiro” esconde tudo aquilo que “não sou” (italiano, argentino, chinês) (Op. cit.).

Assim, a performatividade, trazida por Silva a partir da leitura de Butler, dá à ideia de identidade um caráter dinâmico, como algo em movimento e em transformação. Já não basta só a visão da representação como sendo aquilo que é, assim, a performatividade traz a ideia de “tornar-se” a partir da repetição. As sentenças são pronunciadas por diversas vezes que têm a capacidade de transformar e realizar o que se propõem. Repetir ou citar liga-se ao sentido performativo da linguagem para produzir a identidade (Op. cit., 95). Assim, não é o signo que traz o real (“eu sou brasileiro”), mas a repetição da sentença que lhe confere um caráter verdadeiro.

Dizemos ainda que a repetição das sentenças pode esbarrar em alguns obstáculos, como aqueles que questionam e contestam as repetições e, nestas interrupções há as erupções de identidades que não se satisfazem com as hierarquias estabelecidas (Op. cit.).

Outro aspecto sobre a produção da identidade que merece ser retomado é o conflito. Como aponteí, o conflito é parte importante da construção da identidade na medida em que as identidades em jogo são reconhecidas por meio dos conflitos. Sem conflitos não há identidade. É o que mostra Woodward (2011) em relação aos conflitos na antiga Iugoslávia, mais precisamente entre sérvios e croatas. As identidades nacionais (servia e croata) só aparecem quando conflitos pelo território também emergem. Antes, todos faziam as mesmas coisas, iam às mesmas escolas e frequentavam os mesmos clubes. Se não houvesse conflitos, é possível que eles estivessem vivendo sob o mesmo território. O querer retornar a um passado medieval nacional e a afirmação de um território como sendo de cada nação/etnia (croatas, sérvios, bósnios) desencadearam as disputas que trouxe a guerra sangrenta que conhecemos.

O que Bourdieu aborda sobre disputas em sua teoria dos campos é elucidativo para entender a questão lançada aqui. Para ele, todo o campo é constituído por disputas entre os agentes por recursos materiais ou simbólicos. Em suas palavras:

O campo de forças é também um campo de lutas destinadas a conservar ou a transformar o campo de forças, um campo socialmente construído onde se afrontam agentes dotados de recursos diferentes (BOURDIEU, 2005, p. 33).

Em todos os campos sociais haverá disputas pelo controle dos recursos, isto é, pelo poder sobre eles. Nesta direção, surgem os conflitos que estão inter-relacionados com os objetivos que os atores estabelecem e com a finalidade de controlar o campo, de dominar os recursos. No caso da construção identitária, pode-se ver que o poder de nomear e de classificar é primordial no processo, bem como, a demarcação de fronteiras e a delimitação do que é “nosso” e o que pertence aos “outros”. Desta maneira, o conflito também demarca aquilo que pertence a cada grupo e aí entra a questão dos atributos culturais e simbólicos que também estão presentes na discussão da identidade e da diferença. Um exemplo são os cigarros dos sérvios e croatas que se apresentam no discurso dos que lutam como sendo diferentes; eles fumam cigarros sérvios e nós fumamos cigarros croatas, assim, entendemos que “a construção da identidade é tanto social quanto simbólica” (WOODWARD, 2011, p. 10).

Apoio-me então, nas ideias de conflitos e disputas trazidas por Bourdieu (2005) e contidas implicitamente no que Woodward (2011), Silva (2011) e outros autores utilizam para abordar a questão das relações de poder, das formas de dominação e resistência. É certo que elas serão operacionalizadas no sentido de marcar a identidade como construção e, sobretudo, desestimular os leitores a entender esta como fixa e imutável. Todavia, é interessante pontuar com mais ênfase três questões importantes para a compreensão dos processos identitários.

A primeira questão é sobre o poder de nomear e o poder de resistir, ou seja, demonstrar que a ofensiva da identidade hegemônica sempre produzirá contraofensivas, que são formas de resistência às nomeações dispensadas às minorias. A segunda diz respeito a importância do contexto para a produção identitária e como ele se torna decisivo no processo de hibridização, hifenização e até rejeição de uma identidade. Por fim, a terceira retoma as questões das fronteiras de identidade. Começo pela primeira questão levantada.

Ao jogo identitário acrescenta-se as questões do poder, como já coloquei anteriormente, mas, também, a presença da resistência a este poder, exercido pelos que estão no topo da hierarquia. Assim, os que sofrem o imperativo das nomeações e classificações não só sofrem, mas apresentam pontos de resistência, uma contra-nomeação. Como aponta Couche (1997), a identidade é um processo de heteronomeação e autonomeação, é uma via de mão dupla e ressonância.

Sobre isto, temos a questão da dominação de classes que é semelhante ao que estou colocando aqui. Escrevendo sobre uma sociologia pós-bordieana, Canclini observou que o poder de dominação das classes melhor posicionadas continua existindo, todavia, observa-se

também as contrarrespostas das classes populares a esta pressão de cima para baixo:

Às vezes, o desenvolvimento das culturas subordinadas dá o suporte para movimentos políticos regionais, étnicos ou classistas que enfrentam o poder hegemônico e buscam outro modo de organização social (CANCLINI, 2007, p. 90).

O que Canclini aponta é para a presença da resistência dos grupos populares ante a dominação, diferente do que se coloca pelo relativismo cultural e pelo etnocentrismo. O primeiro traz uma representação dos grupos subalternos como se eles fossem “apenas diferentes”, já o segundo, aponta esses grupos diferentes como “barbárie” ou “incultura”. Não se devem esquecer os “efeitos da dominação” e nem tratar “a cultura dominada sempre como heterônoma” (Op. cit., p. 89).

Voltando a questão identitária, aponto novamente para o que diz Castells (1999) quando aborda a questão da construção da identidade. As três formas e origens de construção da identidade apontam para uma via de mão dupla. De um lado uma identidade legitimadora é imposta pela maioria dominante, como em muitos casos de identidades nacionais, com a finalidade de garantir a unidade. Por outro lado, vemos num sentido oposto as contraidentidades, formas de resistência e autonegações que objetivam fugir e resistir ao poder dominante. Este é o caso das identidades de resistência e projeto, mas que também podem originar identidades legitimadoras.

Fazendo um paralelo entre o que diz Canclini e Castells nota-se que os dois autores demonstram que não há somente uma força no embate das relações de poder, ainda que a força seja entre os grupos seja desproporcional, o dominado ou aquele que é nomeado, classificado e identificado como inferior, também exerce formas de resistência à dominação e a identificação, todavia, o que prevalece muitas vezes é a dominação e a identificação/nomeação dos dominantes. Neste sentido, Laclau (2011) deixa claro que toda relação entre os grupos é formada por relações de poder. Em suas palavras

[...] Sabemos muito bem que as relações entre grupos são constituídas como relações de poder, isto é, que cada grupo é diferente dos demais e constitui em muitos casos essa diferença com base na exclusão e subordinação dos outros grupos. Ora, se a particularidade se afirmar como mera particularidade, numa relação puramente diferencial com as outras, está sancionado o *status quo* das relações de poder entre os grupos (Op. cit., p. 55)

A partir da leitura de Laclau também é possível extrair a ideia das questões de poder e

subordinação nas relações entre os grupos e, o mais importante para a análise proposta, é que estas relações diferenciais de poder implicam em classificações, hierarquizações e localizações sociais, componentes da construção identitária. Não se trata apenas de apontar as diferenças, mas de legitimar uma subordinação entre os grupos com base nestas diferenças. Mesmo assim, as resistências à subordinação e as classificações/nomeações acontecem, como já apontado anteriormente.

A segunda questão a ser abordada com mais ênfase é sobre o contexto. Sob a ótica de que a identidade é construída, portanto, acrescento que a construção identitária não só é relacional, mas também situacional. Segundo Couche, “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam as posições dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas” (COUCHE, 1997, p. 182). O contexto pode agir no sentido de afirmar ou reprimir uma identidade adotada; provocar uma hifenização ou hibridização identitária ou mesmo causar um sentimento de deslocamento/descentramento do sujeito no caso dos contextos migratórios.

Couche traz vários exemplos para demonstrar o papel do contexto e o caráter situacional da identidade. Em primeiro lugar, o contexto e o processo de identificação “pode funcionar como afirmação ou como imposição de identidade” (COUCHE, 1997, p. 183), ou seja, a autoidentidade e a heteroidentidade. No caso da autoidentidade, é possível perceber que os imigrantes da etnia *Hmong* do Laos na França impuseram sua própria denominação ante as comunidades imigrantes do sudeste asiático, já que, no Laos eles eram identificados como *Méo*, que quer dizer “selvagem” ou “retardado”, uma heteroidentidade. Mas, como afirma Couche, a heteroidentidade, dependendo do contexto, pode adquirir um aspecto paradoxal como no caso dos sírio-libaneses que vieram para América Latina no período das imigrações em massa, estes eram identificados como turcos, embora não quisessem reconhecer-se como tais. Truzzi (2009) também aborda a questão do passaporte turco e da associação negativa aos sírios e libaneses que imigraram para o Brasil.

O contexto social também responde pela hibridização, hifenização e como coloca Couche (1997), por uma identidade multidimensional:

Na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, “pura”, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social. Nenhum grupo está fechado *a priori* em uma identidade unidimensional. O caráter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade. [...] Querer considerar a identidade como monolítica impede a compreensão dos

fenômenos de **identidade mista** que são frequentes em toda sociedade (COUCHE, 1997, p. 192-193) (grifo meu).

É preciso levar em consideração esse caráter fluído¹⁰ da identidade, onde, o contexto dirá quando e como essa identidade mista será evocada. Por exemplo, os antigos judeus imigrantes na região do Magreb são chamados de judeus árabes. Em outro contexto, mais atual, os peruanos que descendem de imigrantes chineses são chamados de “chinos” e, ao contrário dos judeus árabes, se reconhecem como chineses e peruanos ao mesmo tempo (COUCHE, 1997, p. 194). Lesser (2001) mostra que os grupos de japoneses no Brasil disputavam em favor de uma brasilidade ou de uma nipo-brasilidade, de acordo com seus próprios interesses e do contexto em que estavam inseridos.

O contexto também pode produzir descentramento¹¹, deslocamento. Em contextos diaspóricos, como os dos povos caribenhos na Grã-Bretanha, os grupos imigrantes ao mesmo tempo em que se sentem caribenhos, ao retornarem para visitar algum parente ou fazer uma viagem de férias sentem falta do que deixaram na Grã-Bretanha (HALL, 2003). Sua terra natal não parece ser a mesma, embora ela continue sendo sua terra de origem; a terra de adoção já está enraizada no “ser caribenho” na diáspora. É um sentimento de estar aqui e lá ao mesmo tempo; quando se estar aqui, quer-se estar lá e vice-versa.

De acordo com Couche, alguns autores utilizam o conceito de “estratégias de identidade” para explicar essa dimensão situacional e contextual da identidade e, “na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais”. Essa abordagem também pode ser associada ao que Canciani (2007) e Castells (1999) versam sobre dominação e resistência à dominação. O jogo identitário é um jogo de luta de classificação, onde os grupos podem reproduzir ou rebelar-se contra as classificações. Mas, a estratégia identitária não deixa os atores sociais livres, mais uma vez o contexto vai influenciar na adoção desta ou daquela identidade. É preciso lembrar que a construção identitária é um movimento de ressonância, onde os outros dizem o que somos e nós dizemos o que somos num movimento ressonante.

Outro exemplo vem das leituras de Couche (1997) para explicar as estratégias identitárias diante dos contextos sociais. Tendo como base um estudo sobre imigrantes

¹⁰ Como aponta Bauman “Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’”. (BAUMAN, 2005, p. 18)

¹¹ Stuart Hall coloca que a identidade cultural na pós-modernidade também tem um aspecto de descentramento, deslocamento.

haitianos em Nova York¹², Couche explica que há diferenças significativas entre as duas ondas migratórias para os Estados Unidos. Na primeira, formada pela elite mulata, havia uma busca pela “assimilação à nação americana” e pelos aspectos que faziam referência a “brancura” no sentido de se distinguir dos negros americanos. A segunda onda migratória era formada por indivíduos da classe média que adotaram em muitos momentos uma identidade haitiana com o objetivo de não serem confundidos com os negros dos Estados Unidos. Por fim, os jovens de segunda geração buscaram acentuar uma identidade transnacional caribenha frente ao preconceito e a desvalorização da identidade haitiana nos anos oitenta.

A questão das fronteiras de identidade é importante na medida em que se compreendem os processos de distinção entre os atores e grupos sociais. Quando demarcamos as fronteiras é aí que enxergamos as diferenças e não o contrário, como mostra Bauman ao comentar as colocações de Barth:

Fredrik Barth, o grande antropólogo norueguês contemporâneo, destacou que – ao contrário da equivocada opinião comum – as fronteiras não são traçadas com o objetivo de separar diferenças. Ao contrário, justamente porque se demarcam fronteiras é que, de repente, as diferenças emergem, que as percebemos e nos tornamos conscientes delas. Melhor dizendo, vamos em busca de diferenças justamente para legitimar as fronteiras (BAUMAN, 2009, p.75).

Barth (2011) se mostrava contrário a atribuir à cultura e outros atributos a função de marcas inegociáveis, imutáveis e como demarcadores de fronteiras identitárias¹³. Para ele, o processo se constitui por uma inclusão e exclusão contínua “que estabelecem limites” entre os grupos “definindo os que integram e os que não integram”. Assim, a vontade de demarcar fronteiras, de distinguir o que “nosso” e o que é dos “outros” faz com que os atores sociais enxerguem as diferenças e se tornem conscientes delas por meio da inclusão e exclusão. Como estas fronteiras não são rígidas, logicamente haverá mudanças e negociações. No caso das migrações para o Brasil alguns estudos apontam para o caráter flexível das fronteiras identitárias e a inclusão de grupos imigrantes dentro de uma identidade brasileira.

Falando sobre “viver com estrangeiros” nas cidades, Bauman (2005) explica que essa necessidade das fronteiras se dá por uma busca “consciente ou não” de nos proteger contra “as forças externas”, estas que ameaçam nossa estabilidade e o nosso conforto. São os imigrantes

¹² MORIN, Françoise. Dês Haitiens à New York: De la visibilité linguistique à la construction d'une identité caribéenne. In: SIMON-BAROUH, L, SIMON, R J. L'Être Étrangers dans la ville. Paris: L' Harmattan, 1990. p. 340-355.

¹³ Fredrik Barth discorre em seu clássico estudo “Grupos étnicos e suas fronteiras” sobre a mutabilidade e flexibilidade da identidade étnica, contrariando as concepções estáticas que corriam na época em que escreveu.

que provocam esse medo da desestabilização, porta-vozes da desordem. Quanto mais o inimigo imigrante avança, mais os “atingidos” se refugiam em guetos e menos conseguem lidar com a diferença e a presença do outro (BAUMAN, 2005, p. 85).

As fronteiras se tornam palpáveis nos discursos sobre quem “nós” somos e quem são os “outros”, o que pertence a “eles” e o que pertence a “nós” num jogo de forças que fazem do “outro” nosso próprio “espelho”. Decidimos negociar ou não as fronteiras, incluir os “outros” a partir da “assimilação” ou não incluí-los se eles representam uma ameaça. Não há rigidez nas fronteiras, mas também não é um movimento fácil de ser compreendido sob a ótica dos processos identitários, como aponta Couche (1997).

Volto a dizer que os conflitos e as disputas continuam sendo importantes para a compreensão das fronteiras e dos processos identitários. Os primeiros são elementos que funcionam como lentes que servem para visualizar e/ou compreender os segundos. Este trabalho trata vários desses pontos de tensões entre os atores sociais que servem para dimensionar a realidade da emergência identitária com o objetivo de fugir de toda aquela retórica essencialista que já abordei em parágrafos anteriores.

Assim, a identidade como sendo dinâmica, processual e relacional, envolve relações de poder que implicam em diferenciação, classificação, hierarquização e transgressão social. É uma tentativa de fugir da “moda” do conceito. Sendo assim, a ideia de processos identitários parece ser mais adequada do que identidade, pois, esta carrega o estigma essencialista trazidas por abordagens anteriores.

As relações entre os atores e grupos sociais são constituídas de relações de poder manifestas de forma assimétrica. Nos atos de diferenciação, classificação e hierarquização social estas relações de poder mostram-se mais presentes a partir dos conflitos, disputas e demarcação de fronteiras. No caso da diferenciação os atores sociais procuram enxergar a si próprios a partir da relação com os outros, estes, funcionam como espelhos nos quais todas as vezes que queremos dizer quem nós somos, procuramos afirmar aquilo que nós somos, desta maneira, o processo identitário também implica em classificação. Como mostra Strauss (1999), nomear implica em colocação, ou seja, classificação do mundo social e dos atores: “sou brasileiro”, “ele é italiano”, “eles são bons imigrantes”, “aqueles são maus imigrantes”. As classificações são muitas e, a que prevalece será a dos que estão no topo das relações de poder. Nomear é mais do que definir, pois, “todo nome é um recipiente; nele estão vertidas as avaliações conscientes ou involuntárias de quem o nomeia” (STRAUSS, 1999, p. 35). Conscientes por que muitas vezes temos a noção de quem estamos classificando como os outros.

A hierarquização social está estritamente ligada à diferenciação e a classificação. Os grupos dominantes, aqueles que têm o poder de nomear dirão qual a identidade “preferida”, a que deve ficar “subalterna” ou mesmo aquelas que podem continuar existindo desde que não afrontem a identidade hegemônica. Todavia, como coloquei anteriormente, os movimentos de contranomeações estão presentes, a rebelião daqueles que estão na base nas relações de poder, estes, começam a ter mais atenção nos últimos anos, inclusive da produção acadêmica. Não é um movimento unívoco, mas uma via de mão dupla.

Como mostra Castells (1999) e Canclini (2007) a resistência a nomeação e a dominação estão presentes nas relações sociais e consequentemente na produção identitária. Couche (1997) afirma que o jogo entre aut nomeação e heteronomeação é próprio da produção identitária, mesmo que a prevalência esteja nos atos dos que estão mais bem posicionados neste jogo de forças.

Os conflitos e disputas também são componentes da construção identitária, e juntos com os atos de nomear definem e demarcam as fronteiras identitárias, desta forma, as diferenças e identidades podem aparecer como dadas, todavia, são construções que dependem dos contextos sociais.

No próximo capítulo verso sobre a questão das migrações internacionais, prioritariamente o caráter contemporâneo da migração chinesa no mundo, no Brasil e na região nordeste brasileira. Antes, discorro sobre a tradição no Brasil como um país receptor de imigrantes no período das migrações em massa (fim do século XIX e início do século XX) e mais recentemente as migrações sul-americanas de peruanos e bolivianos que veem o Brasil como um novo eldorado.

III – CAPÍTULO

AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

3.1 O Brasil dos imigrantes: olhares sobre o passado e o presente das migrações internacionais

As migrações internacionais assumem um importante papel no período em que os Estados Nacionais se consolidam, por exemplo, nos Estados Unidos, Argentina e no Brasil, onde, grande quantidades de imigrantes chegaram e constituíram o que hoje são esses países. Fugidos da falta de emprego e alimentos, atraídos pelas propostas de trabalho e meios de ascensão econômica e social, eles foram chegando à América aos milhares num grande movimento que encontrou o seu auge no fim do século XIX (KLEIN, 2000). Vieram “fazer a América” e buscar novas oportunidades num “mundo” que requeria cada vez mais mão de obra imigrante por causa da abolição do regime escravocrata que privava os senhores de terras de sua força de trabalho.

Na Europa, houve a participação dos imigrantes na consolidação dos estados nacionais e de suas economias, como foi o caso da Alemanha e da França antes da Segunda Guerra Mundial. Este fato tem recebido a devida atenção só nos últimos vinte anos pelos pesquisadores franceses, alemães e ingleses que parecem ter custado a admitir ter participação (CASTLES & MILLER, 2004, p. 70).

Tema muito explorado nos debates sobre o suprimento de mão de obra, a vinda dos imigrantes não foi consensual no país, enfrentou resistência e propiciou um conjunto de elementos que serviram de base para o aparecimento de diversas modificações na estrutura social e econômica do país. A chegada dos imigrantes não foi bem aceita por todos e os debates do Parlamento da época mostram que as propostas para a imigração divergiam em muitos aspectos.

Para Martins (1973) o que suscitou a vinda do “braço” imigrante foi uma “crise agrária” instalada no país desde a publicação da Lei de Terras em 1850 que privava o Brasil de ter uma classe de pequenos proprietários. Esta lei era um prelúdio do que viria acontecer anos mais tarde: a abolição do regime escravista que liberava a mão de obra escrava para se tornar assalariada ou proprietária, todavia, como a terra agora só podia ser adquirida por meio da compra, os ex-escravos ou continuaram nas fazendas ou foram desenvolver cultivos em terras

“sem dono”. Entretanto, isso não era um agravante e sim a posição dos parlamentares (que representavam os senhores de terras) de que a mão de obra liberada com o fim da escravidão não servia para trabalhar em suas terras; era vista como inferior em diversos aspectos.

Neste sentido, o debate político sobre a imigração que já estava instalado antes mesmo do fim do regime escravocrata torna-se mais intenso e, como aponta Lazzari (1980), havia três posições sobre a introdução do elemento imigrante no país. A primeira posição era a do Governo Imperial que pretendia trazer imigrantes para colonizar partes do país que era povoado de maneira escassa e fundar diversas colônias, financiando a imigração e distribuindo lotes aos colonos. Várias experiências foram feitas com subvencionamento do Império, mas não agradava os proprietários de terras do sudeste, pois, ao redirecionar os imigrantes para colônias de povoamento em nada auxiliava no problema da falta de mão de obra nas lavouras cafeeiras, principalmente. Esta era a posição dos donos de terras do sudeste, a de que a subvenção à imigração deveria servir aos propósitos da falta de braços à lavoura, pois, se tratava de resolver o problema da região que se tornou mais importante economicamente desde a crise da cana-de-açúcar, o que deixou o nordeste numa posição secundária.

A reivindicação dos parlamentares do nordeste era que o dinheiro que servisse para subvencionar a imigração fosse utilizado para a qualificação da mão de obra nacional e para a modernização da precária infraestrutura do país. Dizia-se que era preciso valorizar a mão de obra disponível e que ela só precisaria ser qualificada para atender aos auspícios de todos os proprietários de terras que estavam com déficit de trabalhadores. No entanto, o que vimos foi um revanchismo entre as regiões que disputavam em todo momento o papel de protagonista no cenário econômico nacional, que, de fato, era favorável a região sudeste, onde o café aparecia como principal item da pauta de exportação do país (Op. cit.).

Logo, as três posições transformaram-se em duas e todos os fatos apontam que a posição que prevaleceu foi a da subvenção à imigração, principalmente europeia, direcionada para o suprimento da falta de mão de obra nas lavouras do sudeste. Com isso, os donos de terras do sudeste reafirmavam sua posição de superioridade econômica em relação ao nordeste açucareiro e decadente.

Entretanto, não eram todos os imigrantes que estavam aptos para a subvenção, algumas nacionalidades eram preferidas em relação a outras e tanto as discussões no Parlamento como por meio dos jornais demonstravam que havia duas preocupações. A primeira era que o trabalhador imigrante deveria ter aptidão para a agricultura e ser pouco exigente com relação às condições de trabalho e ao salário; em muitos casos os agenciadores enviados para recrutar

imigrantes não tomaram o devido cuidado em selecionar aqueles que já possuíam uma habilidade com a terra, assim, muitos imigrantes urbanos vieram e, por diversas vezes abandonaram seus postos em direção a cidades ou voltaram aos seus países de origem. A segunda preocupação era com a constituição da nação brasileira a partir de um processo de “branqueamento”, onde, o imigrante branco e europeu era o portador da civilidade que faltava a outros povos.

Assim, vários grupos chegavam ao Brasil com o objetivo e o sonho de mudar de vida e fugir da situação econômica precária pela qual passou a Europa em muitos momentos. Eram alemães, espanhóis, italianos, portugueses que aportavam nos portos e encaminhados diretamente aos seus empregadores, ávidos por suprir suas necessidades.

TABELA 1 – Imigração no Brasil (1884-1933)

Nacionalidade	Efetivos decimais						%
	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933	TOTAL	
Alemães	22778	6698	33859	29339	61723	154397	3,9
Espanhóis	113116	102142	224672	94779	52405	587114	14,8
Italianos	510533	537784	196521	86320	70177	1401335	35,4
Japoneses	-	-	11868	20398	110191	142457	3,6
Portugueses	170621	155542	384672	201252	233650	1145737	28,9
Sírios e turcos	96	7124	45803	20400	20400	93823	2,4
Outros	66524	42820	109222	51493	164586	434645	11,0
Total	883.668	852.110	1.006.617	503.981	717.223	3.963.599	100,0

Fonte: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento, p. 226.

Os espanhóis, italianos e portugueses representaram o maior número de imigrantes, em termos de entrada, no fim do século XIX, contudo, vemos a intensificação da entrada de grupos não-europeus a partir do afrouxamento das questões relacionados à política de branqueamento e a própria legislação que impedia a entrada de outras nacionalidades; os japoneses foram os mais numerosos (mais de 110 mil no período entre 1924 e 1933), chegaram em 1908 e ao longo do século XX também serviram aos propósitos das lavouras do sudeste no princípio. Como aponta Sakurai

A imigração japonesa para o Brasil, se inicia em 1908 quando os primeiros 781 imigrantes chegaram ao porto de Santos. Daquele ano em diante, 234 mil imigrantes se fixaram em todas as partes do País, mas sobretudo nos

estados de São Paulo e Paraná. No início da década de 1990 somavam, com seus descendentes, cerca de 1,2 milhões de pessoas (SAKURAI, 2000, p. 201).

Muito se diz sobre a importância da imigração no contexto do processo de urbanização do estado de São Paulo e na formação de uma classe dirigente imigrante (BRESSER-PEREIRA, 1973). Também, no que diz respeito à continuidade dos fluxos migratórios para o Brasil no decorrer do século passado, já finalizado aquele período da subvenção, é preciso colocar em evidência que a relação com os fluxos do passado deram suporte a continuidade deles. Assim, as redes estabelecidas com aqueles que já estavam aqui e constituíram seus patrimônios foi fundamental para que a vinda de imigrantes prosseguisse, em alguns casos mais forte do que em outros. Os sírios e libaneses sempre auxiliavam seus compatriotas a se estabelecerem no Brasil e a fugir dos desarranjos econômicos e políticos do Império Otomano (TRUZZI, 2009); também os armênios, imigrantes que vieram em menor número, sempre estiveram envolvidos em redes de imigração para auxiliar àqueles que se refugiavam da perseguição imposta aos armênios cristãos (GRÜN, 1992).

Mas, a imigração estrangeira não se restringiu apenas as regiões sul e sudeste, outras regiões receberam fluxos migratórios, porém, em proporção muito menor. A Bahia recebeu um importante contingente de espanhóis na segunda metade do século XIX, principalmente de origem galega, que se inseriram das atividades urbanas, diferente dos que aportaram para o trabalho nas lavouras do sul e sudeste (BARCELAR, 1992). Já no século XX, algumas tentativas de implantação de núcleos coloniais também foram tentadas, como no caso das colônias japonesas de Una (sul da Bahia) e JK (próxima a Salvador), ambas, ainda possuem japoneses e seus descendentes vivendo na região.

Algumas tentativas não foram tão exitosas, como foi o caso de Sergipe. No fim do século XIX, seguindo a tendência do sudeste brasileiro, os deputados do Parlamento sergipano discutiram e aprovaram a inserção de mão de obra imigrante, porém, a vinda dos imigrantes – alemães – só foi concretizada nos anos de 1920, sem cumprir o objetivo principal.

A colônia não prosperou e as causas mais específicas para que isto tenha ocorrido ainda não estão claras. A história da imigração demonstra que em outras regiões do Brasil as experiências bem sucedidas não excluíram outras que não prosperaram. Deste modo, parece ser adequado dizer que o “fracasso” da colônia de Quissamã não está associado a fatores que não estivessem presentes em outros estados e que, possivelmente, o que faltou foram novas iniciativas (ENNES, GOES e NETO, 2012, p. 154).

Ao longo da segunda metade do século XX, a migração proveniente dos países que foram tradicionais anteriormente foi diminuindo e novos grupos foram ganhando destaque no cenário nacional, tais como, bolivianos, peruanos e coreanos.

Como aponta Demartini (2005) há duas correntes que se debruçam sobre os estudos migratórios. A primeira foca na investigação da imigração e da colonização num passado mais distante, como apresentado anteriormente, e a segunda corrente se concentra no que chama de novos fluxos migratórios, incluindo a imigração chinesa contemporânea no Brasil.

No mundo, a migração contemporânea não se apresenta mais da mesma forma em que ocorreu durante o século XIX e primeira metade do século XX. Neste período, os fluxos eram mais intensos da Europa para a América, Ásia e Oceania. Atualmente, os fluxos estão mais diversificados e os Estados Unidos continuam a receber imigrantes, assim como a Europa continua a receber refugiados e ex-colonos. O continente asiático apresenta um enorme movimento intra e intercontinental de pessoas que procuram trabalho e muitas vezes a reunificação familiar. As diversas crises econômicas que atingem alguns países permitem o redirecionamento do fluxo migratório para aqueles que estão mais estáveis economicamente apresentando maiores chances de êxito econômico (CASTLES & MILLER, 2004).

A Europa e os Estados Unidos estão muito menos atrativos hoje para os que desejam emigrar e se tornam também regiões de expulsão de população e de conflitos entre as gerações de imigrantes que não conseguiram ascender socialmente e os “nacionais” que muitas vezes culpam os imigrantes pela crítica situação econômica. Portanto, como toda migração não é feita para o desconhecido, ou seja, sempre se tem um conhecimento prévio do local pretendido para o estabelecimento (SAYAD, 1998), os que optam por deslocarem estão buscando regiões do mundo com possibilidades de ganhos econômicos maiores, onde estão os postos de trabalho e as maiores perspectivas de ascensão social.

É neste contexto que entra o Brasil, que tem recebido grandes contingentes de imigrantes de algumas nacionalidades que não se inseriram no período da migração em massa para o Brasil. Alguns grupos são mais numerosos que outros, mas todos estão chegando com expectativas de ganhar dinheiro e ajudar seus parentes que ficaram no país de origem; os bolivianos e peruanos são mais numerosos e é evidente que as estatísticas oficiais não conseguem captar o montante de imigrantes vivendo indocumentadamente.

Grande parte dos bolivianos chega a São Paulo por meio de agenciadores que anunciam as ofertas de trabalho nas cidades bolivianas que já têm histórico de emigração; os imigrantes bolivianos que chegam também têm conhecidos ou parentes trabalhando nas oficinas têxteis da capital e região metropolitana, o que precisa ser levado em consideração, trata-se de uma

rede migratória bastante consolidada (SILVA, 2006; 2008).

Muitos dos bolivianos donos de fábricas de confecções já estiveram numa posição inferior na cadeia migratória, aquela de submissão e de excessiva jornada diária de trabalho, porém, persistiram na busca do êxito e hoje assalariam seus próprios conterrâneos que, por sua vez, alimentam as esperanças de um dia poder se tornar patrão. Isto aconteceu no passado com os armênios estudados por Grün (1992), onde, a partir das redes de solidariedade, os imigrantes já consolidados no campo econômico empregavam e capitalizavam os que chegavam na esperança de que os mais novos ascendessem socialmente em terras brasileiras.

Ainda pouco estudada, a imigração peruana para o Brasil, em particular para São Paulo, possui características semelhantes à imigração boliviana; eles já ultrapassaram o número de 30 mil pessoas em 2007 e se concentram em sua maioria na capital paulista (FÁVARI, 2011). Uma das semelhanças com a imigração boliviana é a inserção dos peruanos em redes sociais/solidariedade que fazem a ligação entre o lugar de imigração e o de emigração, em um crescente ir e vir. Já o que a difere está relacionado à inserção econômica que se dá no mercado informal e a partir de atividades semelhantes ao que se desenvolvia nas áreas urbanas onde residia a maior parte dos peruanos que emigram, entre elas o comércio de artesanatos e bijuterias (Op. cit., 2011).

Outro fluxo que foi importante e deixou suas marcas culturais foi o de coreanos que se iniciou nos idos da década de 1970 e permaneceu até a década de 1990, com a presença de uma quantidade significativa de imigrantes indocumentados (YANG, 2011). No início eles ocupavam o bairro do Brás, mas logo se mudaram para o Bom Retiro onde compraram casas e estabeleceram seus negócios de importados e roupas femininas especializadas, ao lado de outros grupos imigrantes que já estavam instalados no bairro há mais tempo, como os judeus e gregos.

Distanciando-se de São Paulo temos uma pequena, mas crescente comunidade árabe (palestinos, sírios, libaneses e jordanianos) em Santa Catarina (mais precisamente em Florianópolis). Muitos destes imigrantes de língua árabe fazem parte do contingente de refugiados que são abrigados pelo estado brasileiro através das convenções internacionais, todavia, já se sabe que uma rede migratória está estabelecida e muitos já estão inseridos no campo econômico de maneira significativa, constituindo uma comunidade imbuída de mecanismos de ajuda mútua (CAMPOS, 2011).

Atualmente, novos movimentos migratórios têm sido observados e outros têm se intensificado. As últimas crises econômicas mundiais estão permitindo o aparecimento de novos fluxos, principalmente entre Europa e América Latina. São portugueses, espanhóis,

franceses, alemães, etc. que, diante da falta de emprego, tem migrado para os países latino-americanos, dentre os quais o Brasil ocupa uma posição de destaque¹⁴ (GIRALDI, 2012). Mas, outros grupos também têm aportado no Brasil por questões humanitárias, tais como os haitianos¹⁵ e sírios¹⁶ fugidos da fome e da guerra, respectivamente.

Além destes novos grupos, outros têm intensificado sua presença no país, tais como bolivianos e peruanos (VILELA, 2010). Toda essa movimentação em direção ao Brasil tem suscitado várias discussões em torno de uma reformulação na legislação migratória que data da década de 1980 e concebida com limitações de entrada e dos direitos dos imigrantes e estrangeiros¹⁷. Dentro desta perspectiva, muitas instituições tem cobrado uma postura mais flexível dos parlamentares e mudança mais significativas no âmbito social.

Nas próximas páginas quero me dedicar a questão da imigração chinesa na contemporaneidade para o mundo, Brasil e nordeste brasileiro, respectivamente. Não afasto, em alguns momentos, as referências a imigração chinesa em outros períodos. Notadamente, a imigração chinesa não só no Brasil, como em outros países tem crescido nos últimos anos, conferido uma importância ao seu estudo e análise. No Brasil, um dos grupos que mais recebeu residência permanente por meio na última anistia foi o de chineses (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2012), o que comprova duas possibilidades: muitos chineses que estão no Brasil vivem sem o status de residente e, o Brasil tem se estabelecido como rota por estes imigrantes. Estimativas apontam para um número aproximado de 200 mil chineses e seus descendentes vivendo no Brasil¹⁸, todavia, temos um cenário um pouco diferente do passado, agora, esses chineses em sua maioria vêm na condição de proprietários e não de empregados.

¹⁴Fonte: <http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1865149&seccao=EUA%20e%20Am%C3%A9ricas>

¹⁵ Fonte: <<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/imigracao-haitiana-e-a-maior-desde-a-chegada-de-japoneses-e-italianos-20120112.html>>

¹⁶ Fonte: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2013/02/17/sao-paulo-vive-nova-onda-imigratoria-siria.htm>>

¹⁷Fonte: <<http://ultimainstancia.uol.com.br/conteudo/noticias/60271/camara+quer+debater+reforma+do+estatuto+do+estrangeiro+nesta+semestre.shtml>>

¹⁸ Fonte: <<http://www.memorial.org.br/2013/02/chineses-iniciam-o-ano-da-serpente-no-memorial/>>

3.2. Contornos contemporâneos da imigração chinesa

3.2.1 A diáspora chinesa no mundo

Semelhante a outros grupos, os chineses sempre emigraram de suas terras. Os *coolies* – como eram chamados os trabalhadores chineses aportaram na América, por exemplo, um pouco antes do período das migrações em massa, mas continuaram chegando no decorrer da segunda metade do século XIX. Quando a era Mao Tse-tung chega, os controles migratórios passam a vigorar e aqueles que queriam emigrar o faziam através das possessões inglesa e portuguesa, Hong Kong e Macau, respectivamente, além de Taiwan. Porém, como afirma Nieto:

As Quatro Modernizações lançadas pelo Governo da República Popular da China em 1978 facilitaram o relaxamento dos controles de mobilidade para o exterior dos chineses. Enquanto vários países europeus surgiram, devido a suas mudanças políticas e econômicas internas, como novos destinos para a emigração estavam aqueles que não tinham uma comunidade chinesa previamente estabelecida, como a Hungria, a Bulgária ou a Roménia, ou aqueles que aumentaram o número de imigrantes chineses a partir da reativação das redes de migração de compatriotas e parentes já estabelecidos, como o caso de Espanha e Portugal¹⁹(NIETO, 2003, p. 169)

As mudanças econômicas e políticas na China, além do afrouxamento das políticas de controle da emigração impulsionaram a saída cada vez maior dos chineses da China continental. Estes fluxos, no caso da Europa, encontraram abrigo nos países nascentes e que não possuíam tradição da imigração chinesa e, àqueles onde foram acionadas as redes migratórias por já possuírem uma quantidade significativa de imigrantes chineses, como Portugal e Espanha.

São muitos os estudos sobre as comunidades chinesas na Europa e nos Estados Unidos, talvez, porque nesses locais a quantidade de imigrantes desta nacionalidade seja maior do que na América e em outras partes do mundo; ali o fenômeno das *chinatowns* é muito mais evidente e significativo, além de que, os fluxos migratórios de chineses datam de muito mais tempo e foram de intensidade significativa, como é o caso dos Estados Unidos e Canadá.

Em Portugal essa situação é um pouco diferente de outras partes da Europa, ali a imigração chinesa tem aumentado significativamente nos últimos vinte anos, o que ocorre de

¹⁹ Tradução livre.

modo semelhante ao Brasil (SANTOS, 2011, p. 15-16). Embora Portugal tenha possuído uma colônia em território chinês (Macau) a maior quantidade de chineses que emigraram para lá aconteceu nos últimos anos e somente entre 1995 e 2007 houve um crescimento de 476% da comunidade chinesa em Portugal e, esse crescimento está ligado a três fatores: o primeiro é a diversificação da imigração para o território português, iniciada ainda na década de oitenta (incluindo os brasileiros que emigraram para lá) e que perdurou nos anos noventa; o segundo fator é a chegada muito maior de chineses vindos de outros países na Europa onde as economias estavam andando a passos lentos; o terceiro e último fator é a própria emigração na China, tanto de regiões tradicionais como de regiões que se tornaram repulsoras de população (SANTOS, 2011, p. 15-16).

Interessante notar que como em outros casos, mais uma vez percebe-se o espraio das lojas e restaurantes chineses não só nas grandes cidades portuguesas, mas também nas pequenas cidades com nenhuma tradição migratória de chineses. Considera-se, também no caso português que a existência de redes étnicas “incentivam, mantêm e apoiam o fenômeno migratório chinês” (MA, 2003 apud SANTOS, 2011, p. 09), ou seja, não se emigra para o desconhecido, sempre há um contato prévio com o local de imigração e as redes étnicas/solidariedade possibilitam esse contato.

Ainda na Península Ibérica, a Espanha também experimentou uma diversificação na entrada de imigrantes em seu território e os asiáticos, especialmente chineses, estão presente nesse processo de diversificação (LOPEZ, 2005, p. 01). Apesar da presença chinesa na Espanha ser percebida no início do século XX é somente nas últimas duas décadas que houve um incremento significativo de residentes chineses principalmente nas grandes cidades e no litoral mediterrâneo, muito embora essa presença tenha sido notada em cidades menores e do interior. As lojas de “*todo a cien*” e os restaurantes onde a mão de obra é tipicamente familiar são exemplos de como a imigração chinesa tem se tornado visível na Espanha (LOPEZ, 2005, p. 01-02).

As atividades econômicas encampadas pelos chineses na Espanha são os restaurantes e as lojas de produtos importados. A rápida expansão dos restaurantes de comida oriental foi fruto de uma mudança no hábito alimentar dos espanhóis que passaram a comer muito mais fora de casa. Já as lojas de importados sucederam o crescimento das exportações chinesas para todo o mundo (Op. cit.). Um fator interessante para se notar é o fato de que também na Espanha a concentração espacial na população chinesa imigrante permitiu a expansão dos negócios étnicos oferecidos tanto aos chineses quanto aos espanhóis, possibilitando também a exploração de nichos econômicos deixados vagos pelos espanhóis no mundo do trabalho (Op.

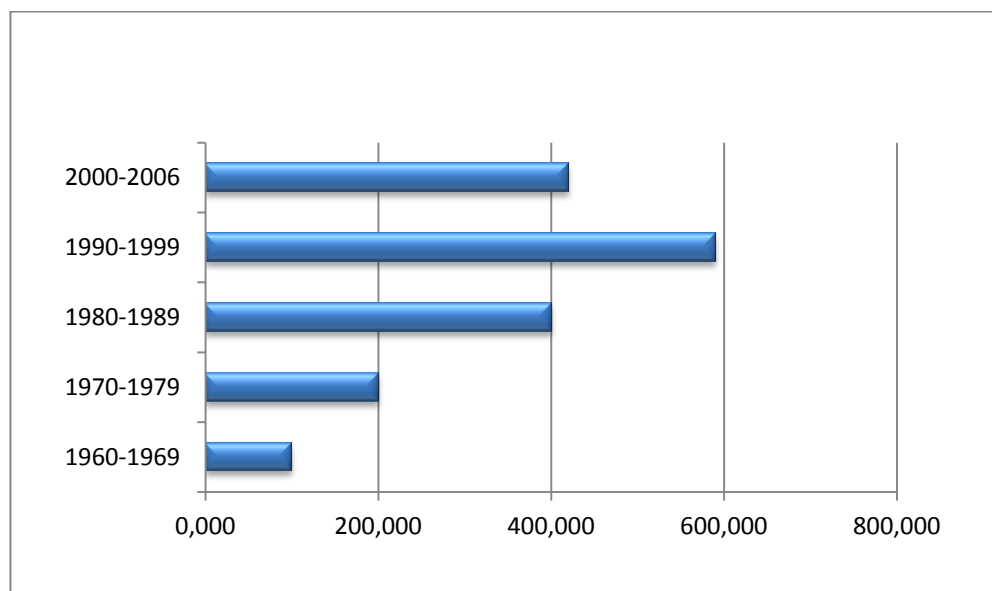
cit., p. 03).

Os chineses na Espanha também chegam com o auxílio nas redes étnicas/solidariedade e, em alguns casos, como na Espanha, trata-se de uma “estratégia familiar de mobilidade social ascendente”, onde, os chineses preferem migrar com a maior parte do núcleo familiar, excetuando os maiores de sessenta anos, ou seja, aqueles com poucas chances de inserção no mercado laboral. É o que torna a imigração chinesa na Espanha um tanto diferente, visto que, no caso filipino as mulheres emigram deixando sua família e no caso paquistanês são os homens que cumprem o papel principal no processo migratório.

Ainda no caso espanhol é importante salientar que o desenvolvimento de um nicho econômico étnico, onde “as pessoas de uma mesma origem se concentram em um setor econômico onde controlam a propriedade de empresas e/ou uma parte importante da força de trabalho”²⁰ (LOPEZ, 2005, p. 04), proporcionou e ainda proporciona o assalariamento de empregados coétnicos e estes últimos aprendem enquanto são assalariados os passos necessários para ter seu próprio negócio e se inserir no campo econômico, desta vez como proprietários. Um último fator que é preciso colocar diante do aumento da imigração chinesa na Espanha nos últimos anos é o esforço das associações de imigrantes chineses em desmistificar os estereótipos e preconceitos que a sociedade espanhola construiu, visto que, os chineses solicitam muito pouco ajuda estatal e se não fosse a visibilidade nos negócios eles passariam despercebidos (NIETO, 2003, p. 178-179).

Nos dos Estados Unidos a imigração chinesa foi muito intensa a partir dos anos 1970, contudo, ainda continua a ter um papel relevante na contemporaneidade.

²⁰ Tradução livre.

GRÁFICO 01 - Entrada de imigrantes chineses nos Estados Unidos (1969-2006)

Fonte: U.S Department of Homeland Security, 2007 Yearbook of Immigration, 1850-2006)
 Adaptação: ZHOU, 2009.

Como mostra o gráfico acima somente entre 2000 e 2006 foram registradas a entrada de mais de 400 mil chineses, sem contabilizar aqueles que permaneceram sem documentação. Não é pela mera questão estatística que a imigração chinesa nos Estados Unidos adquire importância, mas também, nas relações sociais costuradas intra e extragrupo, onde algumas organizações surgiram passíveis de ser estudadas no âmbito das ciências sociais. Alguns desses fenômenos se materializam por meio das *chinatowns*, consideradas nos primeiros anos da efervescência da imigração chinesa. São bairros considerados étnicos onde os imigrantes chineses vivem de maneira mais concentrada, porém, uma segunda forma surge na contemporaneidade, segundo Zhou (2009): os *ethnoburb*. A dispersão e a ascensão econômica destes chineses os levaram a viver em comunidades étnicas suburbanas e, no caso dos chineses, com um perfil socioeconômico de classe média. Essa dispersão em várias comunidades étnicas mostra que com o passar dos anos e o estabelecimento em definitivo é inevitável que muitos desses atributos sejam negociados, incluindo a maneira como eles se mostram presentes nas cidades (Op. cit., p. 53).

Não só a Europa e os Estados Unidos têm recebido fluxos migratórios de chineses. A migração regional também tem crescido e os chineses continuam sendo um dos maiores e mais influentes grupos imigrantes na região do pacífico. Singapura, Japão, sudeste da Rússia e Austrália, na Oceania, tem recebido grandes contingentes de chineses. A África é um

continente que tem se destacado neste novo contexto migratório de chineses, pois, o continente tem sido um importante parceiro comercial da China, fornece terras cultiváveis, cada vez mais escassas no país devido a urbanização, o que permite uma maior aproximação e a entrada dos imigrantes chineses e suas mercadorias (SKELDON, 2011). Como mostra Skeldon, ainda há contingentes que migram de forma ilegal através dos chamados “coiotes”, dependendo do país e da forma de entrada, o pagamento pode chegar a U\$ 50 mil²¹. Na Europa, a rota preferida tem como porta de entrada a Europa Oriental para que depois sejam alcançados os países europeus mais industrializados²².

Embora os contornos contemporâneos da imigração chinesa para o mundo tenham se delineado mais substancialmente na imigração de pessoas capitalizadas e qualificadas, a China ainda continua a exportar trabalhadores de baixa qualificação contratados de forma legal e ilegal e populações rurais e do norte que no passado ficaram de fora do processo. No passado (e ainda no presente, mas em menor proporção), as províncias de Fujian e Guangdong eram protagonistas, atualmente mais províncias tem entrado no circuito das migrações internacionais chinesas (SKELDON, 2011).

Quanto aos destinos, Estados Unidos e Pacífico continuam sendo tradicionais na recepção, embora haja muita discussão quando a limitação da entrada de chineses. A Europa recebe chineses há mais de cem anos, mas nas últimas décadas tem apresentado um rápido crescimento, como foi exemplificado nos casos de Portugal e Espanha. A América Latina surge como mais um destino, onde, o crescimento econômico e das oportunidades de trabalho e de negócios tem despertado interesse da nova geração imigrante. Assim, o Brasil parece como um destino em potencial. É o que veremos nas próximas linhas.

3.2.2 A China no Brasil

A presença de chineses remonta ao século XIX mais precisamente o ano de 1810 quando por determinação de D. João VI alguns chineses foram trazidos para desenvolver o cultivo de chá onde hoje é o Jardim Botânico. As semelhanças com o clima, a possibilidade de ganhos com o cultivo e o fato de Portugal possuir uma colônia em território chinês foram os fatores que propiciaram esse recrutamento de mão de obra que logo foi frustrada pelo

²¹ Não é raro no Brasil imigrantes chineses serem presos na fronteira sul do país. Um exemplo pode ser contato em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/08/policia-federal-detem-13-chineses-em-uruguaiana-na-fronteira-do-rs.html>

²² Fonte: <http://abcnews.go.com/International/story?id=83182&page=1>

tratamento severo que era dispensado aos trabalhadores resultando numa fuga em massa dos chineses para as cidades e, obrigando-os a se registrarem com nomes brasileiros. É por volta de 1825 que os chineses começaram a desenvolver a atividade de mascateação vendendo peixes e pastéis pelas ruas da cidade (SHANG-SHENG, 2009; LIMA, 2008).

Sucessivos debates sobre a introdução da mão de obra chinesa foram travados no decorrer do século XIX e início do século XX, ora imigrantes chineses chegavam, ora eram proibidos esses recrutamentos por meio de acordos. Conforme Lesser:

À medida que outros impérios cresciam à custa de mão-de-obra “coolie”, surgiu uma discussão sobre trabalho/cultura, tratando da possibilidade de os trabalhadores chineses virem a enriquecer economicamente o Brasil ou se, ao contrário, eles prejudicariam sua cultura, transformando-a de “européia” em “asiática”. A entrada dos chineses nunca pôde ser desvinculada das ideias sobre o futuro do Brasil (LESSER, 2001, p. 38)

A discussão sobre a imigração asiática e chinesa tornara-se parte da discussão sobre a formação do Brasil e do povo brasileiro. Havia parlamentares contra e favor da introdução de mão de obra chinesa, como também, instituições com posições contrárias, mas todos dominados pelo receio do elemento “amarelo” e se ele seria suficiente para modernizar o país.

Diante deste resgate, observamos que a imigração chinesa para o Brasil tem um histórico e viveu outras fases, mas, é sobretudo, na contemporaneidade que demarcamos a discussão sobre a presença chinesa no Brasil, onde, apesar de possuir o maior contingente de imigrantes chineses na América Latina, os estudos ainda são pouco expressivos em termos de quantidade.

O estado de São Paulo, o maior receptor de imigrantes, ainda é o preferido por parte dos chineses na atualidade, embora outros estados e cidades brasileiras têm surgido como opções num mundo cada vez mais globalizado. A capital concentra 90% de toda a população chinesa do país estimada em 200 mil pessoas. O alto número de indocumentados e a adoção de outras nacionalidades no processo migratório são fatores que dificultam uma estimativa mais precisa (VÉRAS, 2008, p. 129). Estas questões não são encontradas somente na bibliografia, no trabalho do campo encontrei situações semelhantes quanto ao registro dos chineses e a admissão de nacionalidades como a coreana por motivos que não puderam ser elucidados.

Bairros como Centro, Bom Retiro, Aclimação, Pinheiros e Liberdade seguem tradicionais na recepção destes chineses em busca de oportunidades de negócios e trabalho. Embora os imigrantes chineses venham intermediados por seus compatriotas com propostas de emprego muitas vezes com pouca qualificação, já se observam muitos importadores e

atacadistas chineses atuando na cidade, fornecendo e distribuindo produtos chineses para todo o país e quiçá para a América do Sul. Aqueles que vão à China fazer negócios nos anos atuais também indicam a capital paulista como sendo um centro de oportunidades²³, procedimento natural no processo migratório.

Em São Paulo, novos e antigos imigrantes chineses se reúnem em alguns espaços de sociabilidade. O Centro Social Chinês do Brasil, a Missão Católica Chinesa, A Igreja Cristã Chinesa no Brasil e vários templos budistas são exemplos da dimensão e a diversidade que a colônia chinesa em São Paulo possui. Contudo, o Rio de Janeiro figura ao lado da capital paulista como um reduto chinês de longa data, desta maneira, é preciso citar alguns aspectos desta presença na atualidade.

Quando a Revolução Cultural na China continental acabou, um novo ciclo de emigração aparece e muitos chineses chegam ao Rio de Janeiro a fim de encontrar familiares e amigos ou mesmo ascender economicamente (CHANG-SHENG, 2009, p. 07).. Tendo o Rio de Janeiro um histórico de imigração chinesa, vemos que a relação entre fluxos passados e presentes estão intimamente relacionados, pois, os que aqui ficaram e seus descendentes viabilizam a continuidade do fluxo migratório. A maioria dos chineses se estabeleceu na região do Saara, bairro que tem sua origem na grande quantidade de comerciantes árabes que vendiam produtos provenientes do Oriente Médio, onde se sobrepuseram aos árabes, judeus, coreanos e japoneses; já em 2007 a quantidade de lojas chegou a 40 ou um total de 20% “do espaço comercial da área” (Op. cit).

As imagens correntes de que os chineses são isolados e não se “assimilam” facilmente giram em torno de tentativas de assimilação forçada característica da sociedade de imigração que se sente ameaçada por um grupo distinto da maioria, portanto, eles tendem a se reunir em espaços que permitem a livre manifestação de suas sociabilidades e solidariedades com seus pares (ARAÚJO, 2010). No Rio de Janeiro os chineses se reúnem em torno de duas associações, uma ligada ao governo de Pequim (Associação Chinesa do Rio de Janeiro) e a outra ao governo de Taiwan (Centro Social Chinês do Rio de Janeiro), apesar da rivalidade entre os governos as divergências são diminuídas pelo sentimento de solidariedade e ajuda mútua que povoa os grupos chineses fora da China (CHANG-SHENG, 2009, p. 08).

Por fim, o Paraná aparece em terceiro lugar em termos quantitativos quando a presença chinesa. O início desse movimento se deu na década de 1920 com alguns chineses que aportaram, porém, somente a partir da década de 1980 que o fluxo é intensificado com a

²³ Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,brasil-e-a-bola-da-vez-para-chines-imigrante,915147,0.htm>

chegada de 200 famílias vindas de Moçambique (CHEN, 2010). Nos anos noventa muitos chineses da China Continental, Hong Kong e Taiwan vieram para trabalhar no ramo do comércio. Em tempos atuais Curitiba tem cerca de 3 mil chineses que frequentam a Associação Cultural Chinesa do Paraná, a Igreja Presbiteriana Chinesa e o Clube Santa Mônica, este último, embora não tenha sido fundado por chineses têm um considerável número de sócios desta nacionalidade (Op. cit.).

No próximo tópico apresento algumas colocações sobre a imigração chinesa recente na região nordeste do Brasil. A região é vista como rota alternativa aos grandes centros urbanos do sudeste, onde, algumas têm visto como lugares saturados para os negócios. É fato que o nordeste tem despontado como uma região que tem atraído grandes investimentos e apresentado taxas de crescimento acima da média nacional. Esses fatores levam não só a migração de investimentos, como também de chineses que querem obter mais ganhos do que aqueles obtidos nas grandes aglomerações urbanas.

3.2.3 Imigração chinesa no nordeste brasileiro

Tratar a imigração chinesa na região nordeste no último ponto deste capítulo apresenta-se como um desafio diante das escassas publicações disponíveis para consulta. O fato de o nordeste se inserir no quadro geral de crescimento econômico do Brasil coloca a região na rota das migrações internacionais, restritas antes as regiões sul e sudeste. Isto tem relação com um fenômeno mais amplo: a mobilidade do capital que permite a migração de postos de trabalho, investimentos e conseqüentemente das pessoas. Assim, vemos uma migração mundial norte-sul e sul-sul mais diversificada e, dentro do Brasil outras regiões também absorvem parte desses novos imigrantes. É claro que a região sudeste e o estado de São Paulo não deixaram o seu protagonismo, como no caso da imigração boliviana, peruana e até chinesa, mas quero chamar a atenção para o fato de que o nordeste tem sido preferido por imigrantes chineses que pretendem aproveitar essa expansão econômica.

Em Pernambuco os chineses e os seus descendentes já contabilizam algo em torno de dois mil entre legais e ilegais segundo estatísticas informais (M. A. SILVA, 2008). Concentram-se, sobretudo, em Recife e Caruaru, onde as possibilidades econômicas são maiores e o número de compatriotas também (Op. cit.). Semelhante a outros lugares, em Pernambuco eles se inserem no campo econômico a partir das redes étnicas que promovem a ajuda mútua com o objeto de viabilizar o êxito econômico. Como encontrou M. A. Silva

(2008), a experiência como assalariados nos negócios de parentes e amigos foi utilizada como alavanca para a abertura do seu próprio negócio e a possibilidade de ascensão social.

O Piauí, por exemplo, apresentou o maior taxa proporcional de população asiática do país, 2,3%, muitos dos quais são chineses que vieram de São Paulo e do Rio de Janeiro com o objetivo de aumentar seus ganhos ante a forte concorrência no sudeste (CENSO, 2010). Teresina teve sua população de asiáticos aumentada em 14 vezes desde o Censo do ano de 2000. O centro da cidade está repleto de lojas de mercadorias importadas, restaurantes e pastelarias de origem chinesa.

Na Bahia, assim como Pernambuco, a imigração chinesa está um pouco mais consolidada do que nos outros estados, porém, ele continua a atrair imigrantes de outras partes do Brasil e da China. No trabalho de campo realizado na cidade de Salvador encontrei a Associação Chinesa da Bahia promovendo comemorações e eventos de “integração com a sociedade baiana”. Havia também imigrantes chineses de segunda geração ocupando cargos importantes de assessoria de imprensa política, além de promover negócios diferentes dos quais os chineses de primeira geração estão inseridos e continuam a se inserir: venda de produtos importados, restaurantes e pastelarias. Em de Feira de Santana, por exemplo, a maior feira do centro da cidade tem o nome de “Feiraguai” por causa da antiga origem dos produtos, antes vinham do Paraguai, hoje vem diretamente da China, cujos imigrantes dominam o mercado local desse tipo de mercadoria²⁴.

Essa presença, ainda que tímida em relação as estatísticas expressivas da região sudeste, principalmente em São Paulo, tem recebido atenção da imprensa local e nacional e dos comerciantes e empresários locais. Muitos se dizem assustados, outros se mostram receptivos devido aos vultosos investimentos chineses, como é o caso de um dos diretores da Associação Comercial da Bahia, mostrado por meio do trabalho de campo.

Nesta trajetória, o nordeste faz parte deste novo quadro na migração mundial que se projeta no Brasil, intensificando os deslocamentos, diversificando os fluxos, muito embora em número menor como ocorreu no país nos séculos XIX e XX. Sua expansão econômica, o aumento dos rendimentos dos nordestinos, os investimentos chineses na região, a chamada “saturação” e a alta concorrência na região sudeste tem redirecionado antigos e novos imigrantes para as terras nordestinas em busca do êxito econômico e de um espaço sob o sol do nordeste.

No capítulo seguinte exploro a questão dos discursos que permitem compreender os

²⁴Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/16668-pequenas-chinatowns-se-espalham-pelo-nordeste.shtml>

processos identitários e que produzem os sentidos de ser chinês na cidade de Aracaju, bem como, os percursos da inserção destes imigrantes a partir do comércio de produtos importados e alimentação. O recorte do campo econômico é somente o ponto de partida, pois, ao longo de toda a pesquisa outras questões foram surgindo que merecem igual atenção.

IV – CAPÍTULO

PERCURSOS E DISCURSOS DA PRESENÇA CHINESA EM ARACAJU

4.1 Produção identitária e presença chinesa: reflexos da imigração contemporânea em Aracaju

Os fluxos migratórios contemporâneos para o Brasil têm se projetado não só nas regiões como sul e sudeste, mas em todo o país, incluindo nas fronteiras com outros países sul-americanos. São pessoas que se mostram dispostas a mudar de vida e fugir da escassez material, das crises econômicas, das guerras ou instabilidades políticas, uma pluralidade de motivações, além da pluralidade de nacionalidades. Muitos exemplos demonstram que o país tem voltado ao cenário das imigrações contemporâneas e, há alguns anos, brasileiros têm retornado ao país devido as mudanças econômicas recentes dentro e fora do Brasil.

A imigração cria cenários sociais que parecem desestabilizadores, pois, como já apontei anteriormente, temos a presença de novos atores sociais no cenário social que, para muitos, seria “homogêneo”. Os “novos árabes” que tem chegado ao Brasil em tempos recentes, grande parte deles vê o país como lugar de refúgio, numa fuga da perseguição e das guerras, além do dismantelo econômico em suas regiões de origem. Ainda temos imigrantes congoleses, cabo-verdianos que buscam refugio e oportunidades de trabalho (PETRUS e FRANCALINO, 2010; HIRSCH, 2010). São situações distintas, mas que se cruzam nos meandros do processo migratório e da produção identitária, ambos muito debatidos ao longo do trabalho.

Retomo as questões sobre imigração contemporânea discutidas no capítulo três para coaduná-las junto com a questão da produção identitária e da presença imigrante, neste caso, chinesa na cidade de Aracaju que, são reflexos de um fenômeno global: a imigração chinesa para o mundo.

Os imigrantes chineses em Aracaju estão inseridos no campo econômico e essa presença não é dada como pronta, mas, produzida por meio dos discursos e das movimentações dos agentes (chineses e brasileiros) no campo econômico. A presença chinesa, em se tratando de um elemento novo, permite que discursos sobre “ilegalidade”, “roubo”, “suborno”, “ciúmes”, “preguiça”, etc. constituam uma ideia de presença chinesa e contribuam para a concepção do ser chinês em Aracaju. Por outro lado, o encontro daqueles que se reconhecem como irmãos e

consequentemente chineses apresenta-se como outra face da produção identitária, porém, isto não ocorre somente por parte dos próprios chineses, em muitas entrevistas os brasileiros tinham uma ideia de que todos eram parentes, amigos ou conhecidos, todos tinham a mesma origem e ajudavam uns aos outros.

Se o campo econômico é um espaço de disputas por recursos materiais e simbólicos, como afirmou Bourdieu (2005), a partir do momento em que os chineses estão em posições favoráveis, essa presença é produzida com tensões, pois, envolve as reivindicações de que eles tinham que concorrer de forma igual ou que os próprios brasileiros não deveriam “*permitir a entrada dessas pessoas*” no país.

Os processos identitários abarcam esses embates entre “nós” e os “outros”, uma produção que nunca estará pronta, aliás, a construção identitária demandará sempre relações sociais, dialógicas, de acordo com os contextos sociais em que vivem os indivíduos (ENNES, 2001; COUCHE, 1997). Assim, ser chinês em Aracaju pode não ser a mesma coisa que ser chinês em São Paulo ou qualquer outra cidade do Brasil e do mundo. Os contextos sociais e a inserção dos imigrantes têm peculiaridades em seus respectivos lugares e momentos.

Os fluxos migratórios para o Brasil e, particularmente para Aracaju em anos recentes, trazem novos atores sociais, também geram concepções, produzem ideias de quem são e reconstróem a ideia dos próprios imigrantes de quem eles são. As interações sociais entre imigrantes e não-imigrantes são responsáveis pela elaboração e reelaboração do que é ser “imigrante”, neste caso, chinês. Esta ideia de ser chinês só faz sentido fora do lugar de emigração, por isso, diz-se que a os processos identitários são uma produção relacional e dinâmica.

4.2 Percursos migratórios: entre imigração e reemigração

Dentro da perspectiva de que a migração é um processo, pode-se considerar que a dinamicidade dele não está relacionada somente a questão espacial, de deslocamento, mas de fatores subjetivos, relações sociais e do próprio tempo envolvido no processo. É interessante notar que o tempo opera para consolidar, reconfigurar ou redirecionar o processo migratório, todavia, pode-se cada vez menos falar em pares de oposição imigração/emigração, mas em migração como processo dinâmico, visto que, as pessoas estão a se deslocar muito constantemente, fazendo com que o emigrar e o imigrar estejam cada vez mais entrelaçados.

O ir e vir que constrói os percursos migratórios estão relacionados à existência de

oportunidades, porém, estas oportunidades têm que ser viáveis para o cumprimento de parte do percurso migratório que está em jogo, portanto, no fundo há alguns elementos dos estudos migratórios que evidenciam a presença do cálculo racional para a migração como aponta Peixoto (2004). Este cálculo racional se inicia antes de qualquer percurso migratório e perfaz toda a vida do migrante enquanto alguém que busca se estabelecer em certo lugar e, não é por acaso que Sayad (1998) observa um conhecimento prévio do imigrante que se habilita a percorrer a jornada da migração, ou seja, o cálculo racional está presente a partir do conhecimento que se tem de lugar para onde se vai, sendo assim, voltamos ao início deste parágrafo quando buscamos dizer que o processo migratório envolve a presença de oportunidades.

Encontrar chineses em Aracaju que têm uma experiência migratória (pessoal e familiar) considerável não foi difícil e, aqueles com quem conversamos apontaram para percursos espaciais e sociais migratórios razoavelmente longos. Trazer à tona a questão dos percursos sejam eles longos ou curtos, nos ajuda a entender qual a contribuição deles para a inserção dos chineses no campo econômico. Desta maneira, a primeira coisa que se deve apontar é que Aracaju se apresenta como lugar de imigração para os chineses que estão tanto na China, como para aqueles que estavam em outras partes do país, em cidades e estados dos mais diversos, principalmente em São Paulo. Alguns chineses conferem à cidade um lugar de reimigração, pois, partiram de outros estados brasileiros subsidiados pelos contatos que já estavam estabelecidos na capital sergipana, por exemplo, o senhor Chanli²⁵, esteve em muitas outras cidades até aportar em Aracaju com toda a família. Em outros casos o imigrante vem diretamente da China por meio das redes de familiares e/ou conhecidos, mencionadas no capítulo três, e, fazem da cidade seu primeiro lugar de imigração. Na verdade, o que se vê em Aracaju é uma composição dos itinerários migratórios que perpassam tanto a imigração quanto a reimigração e que estão associadas quase sempre a questão das oportunidades e a viabilidade da migração. Tanto Chao, que está há mais tempo na cidade, quanto Sara e seu marido, que montaram seu negócio há pouco mais de dois anos, vislumbraram a oportunidade de emigração e de inserção nas atividades comerciais por meio de contatos pré-estabelecidos. Sara chegou a mencionar em uma de nossas conversas que havia uma *“pessoa mais velha na cidade”* que passou as informações sobre negócios e moradia.

Uma segunda coisa que precisa ser considerada à luz dos percursos migratórios e a partir dos dados obtidos com as incursões à campo diz respeito a denominação de “etnia

²⁵ JORNAL DA CIDADE. Disponível em: <http://www.jornaldacidade.net/2008/noticia.php?id=74545>

comerciante” conferida por alguns estudos aos chineses, fazendo um paralelo com outras etnias, como por exemplo, sírios e libaneses (ARAÚJO, 2010). Alguns chineses em Aracaju tornaram-se comerciantes ao imigrar para o Brasil, pois lá na China estavam inseridos em outras atividades econômicas, como é o caso de Sara. Ela disse que era farmacêutica e explicou que essa atividade é um pouco diferente aqui no Brasil, na China todos os hospitais têm farmácias alocadas em seu interior. Assim como Sara, seu marido também não era comerciante e tampouco tinha dotes culinários na área de pastelaria. Segundo ela, seu marido aprendeu tudo aqui no Brasil, mais precisamente em São Paulo.

Sendo assim, o que me interessa quando abordo a questão dos chineses como sendo uma etnia comerciante é que muitos dos que estão em Aracaju tornam-se comerciantes no percurso migratório, ou seja, o comércio é visto como uma questão de oportunidade econômica a ser explorada via redes familiares ou de amizade, outrossim, a circunstância favorável, onde se tem a China como grande emissora de produtos industrializados também contribui para que muitos deles tornem-se comerciantes. A referência ao adjetivo “etnia comerciante” emergiu para que se destaque o papel que o percurso migratório cumpre na constituição de um imigrante chinês comerciante, onde, as reimplantações podem ser fatores decisivos nesta constituição, uma vez que, os contatos e a troca de experiências direcionam o caminho que deve ser percorrido.

O que motiva uma farmacêutica ou um estudante universitário chinês a tornar-se comerciante? Converter-se em comerciante ou mudar deste para aquele tipo de atividade está diretamente relacionada com os fatores que surgem nas idas e vindas. A fala de Sara ou mesmo a de Hu em seu restaurante remetem a um câmbio de atividades conforme se muda de lugar, é aí onde entra o fator percurso que remete tanto ao espaço físico dele, o *lôcus*, como também ao espaço social com seu emaranhado de relações e redes sociais.

Se nos debruçarmos atentamente sob alguns resultados de pesquisa encontramos afirmações similares as quais propus nas linhas anteriores, neste caso, um exemplo circunscrito nas migrações internacionais recentes para o Brasil é o dos hispano-americanos em São Paulo. Os apontamentos de S. A. Silva (2008) demonstram que:

Em geral a atividade da costura é vista pelos trabalhadores (as) hispano-americanos como algo transitório, uma vez que grande parte deles não se dedicava a ela no seu país de origem, como é o caso dos bolivianos e peruanos. Muitos desempenhavam atividades totalmente distintas, como o trabalho na agricultura, no comércio, na prestação de serviços, como técnicos, babás, domésticas, ou simplesmente estudavam, no caso dos mais jovens. (S. A. SILVA, 2008, p. 26)

A citação anterior coloca as mudanças das atividades econômicas em que os hispano-americanos se inserem ao longo do percurso migratório e, a atividade da costura não parece ser um fim, é, na verdade, um meio para outras transições rumo à ascensão econômica. As pessoas com quem eles estão relacionados e o lugar em que estão podem dar origem a outros movimentos de emigração/imigração, concluindo mais uma etapa do percurso e dando início a uma nova etapa. O recorte anterior ainda acrescenta as várias atividades econômicas passíveis de serem exercidas pelos hispano-americanos, as mais diversas e diferentes da atividade de confecções desempenhadas na cidade de São Paulo e arredores, mas que também surgem como oportunidades de mudança socioeconômica. O percurso migratório de sucesso é aquele no qual, em vez de empregados, eles tornam-se patrões, como ocorreu com muitos bolivianos e outros imigrantes na capital paulista.

Em alguns casos, como o dos chineses, muitos entrevistados salientam que o percurso é “cheio” de idas e vindas porque faz parte de sua cultura que está diretamente relacionada à migração, como foi encontrado, por exemplo, nos primeiros passos do trabalho de campo na cidade de Salvador. Para Wang, membro da ACBA, a imigração chinesa e os seus percursos são vistos como culturais, ou seja, atrelado ao povo chinês quase como se estivesse “no sangue”. Na verdade, não existe um gene ou um atributo cultural que define um grupo como tendo propensão à migração, o que ocorre são eventos e a presença de redes migratórias que favorecem em maior ou menor escala a migração, além de estabelecer percursos curtos ou longos até o seu ápice: o estabelecimento em definitivo na sociedade de imigração, estado que não só se apresenta externamente, nas relações sociais e no êxito econômico, mas na subjetividade do próprio imigrante e o seu sentimento de pertença à sociedade de imigração, aparecendo em alguns momentos do seu percurso.

As questões de imigração e reemigração são inerentes aos percursos migratórios e perpassam os diversos estudos sobre a temática. Cada vez mais se fala em migrações, já que, encaramos a migração não somente como um movimento, mas, como um processo e, como processo, tem-se um círculo que nunca se fecha. O migrante sente que está aqui e lá ao mesmo tempo, assim, faz parte de algo inacabado. As redes de solidariedade constituídas entre eles proveem, muitas vezes, a viagem, o estabelecimento na terra de imigração e os contatos para inserção econômica. Tal como no passado, ainda hoje, as redes cumprem um importante papel no estudo dos fluxos migratórios, dos quais, imigrar e reemigrar tornam-se partes importantes.

4.3 A produção da presença chinesa a partir do campo econômico de Aracaju

O fenômeno da imigração chinesa para Aracaju é recente, em termos gerais, não possui uma extensão maior do que dez anos. Porém, falar acerca da imigração chinesa recente não só para Aracaju como para o Brasil e o resto do mundo, é necessário discutir sua inserção econômica, pois, ela se mostra como uma das forças primordiais na origem dos fluxos. Todavia, o campo econômico mostra-se apenas como um recorte da dimensão desta presença, mas é um “lugar” a ser explorado e que revela outras faces da imigração chinesa.

As incursões à campo e também nas reportagens jornalistas apresentam vários aspectos sobre a presença crescente dos imigrantes chineses nos negócios em Aracaju. Às vezes a fala dos brasileiros quando dizem “*Eles estão dominando tudo*” traz um espanto por se tratar de algo relativamente recente, mas que se espraia por todo o comércio popular da cidade. Outras vezes a fala demonstra uma hostilidade porque os comerciantes brasileiros se sentem em desvantagem neste jogo de forças. Contudo, falar em dominar ou tomar o comércio ou alguns setores do comércio envolve uma série de disputas que podem ser compreendidos tomando a questão econômica sob a ótica do campo.

O campo econômico é um recorte do espaço social e também um espaço de disputas e “se distingue dos outros campos pelo fato de que as sanções são especialmente brutais e que as condutas podem se atribuir publicamente como fim a busca aberta da maximização do lucro material individual” (BOURDIEU, 2005, p. 22), porém, as trocas nunca são completamente econômicas, pois, até mesmo estas trocas dentro do campo econômico são produtos de relações sociais.

Outro fato importante é que no campo econômico não estamos lidando com a decisão de um único agente, por exemplo, a decisão dos chineses de se estabelecerem em Aracaju para lograr sucesso, entre outras coisas. Na verdade o campo econômico existe pelos vários agentes que se encontram nele: chineses, brasileiros (empresários, consumidores), órgãos do governo, associações empresariais, etc. que estruturam o campo, ou seja, criam um espaço de disputas (BOURDIEU, 2005).

Até as disputas visualizados no campo econômico são frutos de relações sociais que permeiam todo o mundo social. O que quero dizer é que não há somente uma simples concorrência balizada pela obtenção do lucro material, mas, um emaranhado de relações sociais que configuram o campo econômico e constituem as disputas. Esta é uma crítica direta feita por Bourdieu (2005) ao economicismo que trata os agentes econômicos e suas condutas como simples reproduções do interesse econômico. A afirmação de que os imigrantes

chineses estão dominando o comércio ou parte dele não está relacionada somente a questão econômica, os conflitos têm outros meandros que não só aqueles dos negócios.

O modo de inserção dos chineses no campo econômico em Aracaju é semelhante se comparado com outras cidades brasileiras e de outros países. Na escolha do local de estabelecimento o que pesa, sobretudo, é a presença de público ou consumidores que possa consumir seus produtos, àqueles que são específicos de seus negócios.

Falar em inserção chinesa no campo econômico nos remete ao comércio de produtos importados, restaurantes e pastelarias, estes são os principais negócios constituídos e todos legalizados por se tratar de estabelecimentos fixos e de fácil fiscalização pelos órgãos governamentais que cuidam da área econômica, além disso, as remessas de mercadorias são feitas com um CNPJ próprio e em nome de um proprietário chinês, visto que, a legislação brasileira permite que imigrantes possuam negócios próprios, mas passíveis de fiscalização como qualquer outro estabelecimento. Isto não quer dizer que não haja condutas ditas “ilícitas” e o medo de conversar com um estudante/pesquisador materializado na negação do pedido de entrevista pode estar relacionado à presença destas condutas. Há sempre o pensamento, por parte do entrevistado, que aquele com quem se conversa seja um agente público ou investigador que está em busca de irregularidades ou pendências que resultem em sanções.

Na cidade de Aracaju os chineses estão presentes em atividades econômicas na área circunscrita ao centro comercial (FIGURA 01) onde circula uma grande quantidade de pessoas diariamente, atraídas principalmente pelo comércio popular. Além do comércio popular o centro concentra alguns

FIGURA 01 – Estabelecimentos comerciais de chineses no centro comercial de Aracaju/SE



Fonte: Google Maps

Elaboração: SANTOS, Jadson: 2012

órgãos do governo, serviços médicos e é também palco de manifestações culturais e de trabalhadores, aumentando a circulação de pessoas por suas ruas. Nada mais estratégico do que se instalar onde estão os seus clientes, aqueles que consomem os produtos denominados de “xing-ling” por alguns entrevistados durante o trabalho de campo. Essa opção não é exclusividade dos chineses em Aracaju, em cidades como o Rio de Janeiro eles também ocuparam as áreas centrais que até então eram de outras etnias comerciantes (judeus e árabes) e passaram a disputá-las com estas outras etnias (ARAÚJO, 2010). Na Espanha, López (2005) ao abordar a inserção chinesa nas áreas das cidades faz um balanço de como o comércio étnico chinês transformou-se em nicho étnico em pouco mais de vinte anos²⁶, o que ainda não pode ser encontrado em Aracaju.

O centro da cidade de Aracaju é onde se encontra o comércio de importados

²⁶ Segundo López (2005) a diferença entre comércio étnico e nicho étnico é que o primeiro concentra comerciantes que vendem suas mercadorias para os próprios imigrantes e o segundo ocorre quando determinada etnia controla um número significativo de estabelecimentos e mão de obra.

concentrado em artigos como bolsas, cintos, sapatos, eletrônicos, artigos de bazar em geral, mas ainda há os restaurantes e pastelarias muito frequentados por brasileiros. Dos 23 estabelecimentos identificados, 14 são do ramo de venda de produtos importados e 09 comercializam alimentos. Observando a tabela abaixo ainda é possível identificar que a maioria dos estabelecimentos faz referência a nomes chineses, o que pode denotar que eles não pretendem ser invisíveis diante da sociedade majoritária.

TABELA 2 – Estabelecimentos comerciais chineses no centro de Aracaju/SE

Nome do Estabelecimento	Atividade
Pastelaria China	Alimentos
XY Bolsas e Acessórios	Produtos Importados
Comercial Xu	Produtos Importados
Pastelaria Chanli	Alimentos
Ásia-Brasil	Produtos Importados
Lin Comercial	Produtos Importados
Lin Imports	Produtos Importados
Pastelaria Kexin	Alimentos
Global Atacado	Produtos Importados
Zaj Presentes	Produtos Importados
Restaurante Mei Shi Oriental	Alimentos
Semei Atacado	Produtos Importados
Zhang Presentes	Produtos Importados
Samei Presentes	Produtos Importados
Galáxia Presentes	Produtos Importados
Yiyi Pastelaria	Alimentos
China Presentes e Decoração	Produtos Importados
Comercial Xin	Produtos Importados
Shiyan Comercial	Produtos Importados
Pastelaria China-Brasil	Alimentos
Pastelaria China-Brasil	Alimentos
Loja da China	Produtos Importados
Restaurante Chinês	Alimentos

Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2012/Janeiro de 2013.

Os letreiros de identificação dos estabelecimentos apresentam um *layout* ou forma muito similar em grande parte deles, o que configura um certo compartilhamento de experiências e informações referente ao modo de apresentação do estabelecimento para os clientes. Alguns letreiros são confeccionados no mesmo local, este é também um indício de que existiu o contato entre os imigrantes chineses desde antes de o estabelecimento ser aberto ao público; são os contatos prévios que abrem os caminhos, fornecem indicações de onde conseguir bons locais para o início dos negócios, onde comprar materiais/insumos para a montagem e manutenção dos estabelecimentos, etc. Como aponta Sayad (1998), ninguém vai

para um lugar desconhecido, ou seja, sempre há vínculos prévios que vão viabilizar os movimentos migratórios seja ele de qualquer tipo.

A formatação e a organização das lojas de importados possuem aspectos que também evidenciam uma relação mais próxima entre os imigrantes chineses. Esta questão nos remete a troca de informações entre eles e, para acrescentar, evidencia que muitos deles têm uma relação até de consanguinidade. Embora os produtos importados em sua maioria vindos da China sejam os mesmos, o que se coloca é o modo como eles são organizados no estabelecimento e, em alguns a forma é exatamente igual. Este e outros aspectos foram abordados por M. A. Silva (2008) quando pesquisou a diáspora chinesa em Pernambuco e, mais especificamente sobre a relação entre os chineses ele faz menção ao *guanxi* que é uma espécie de relação de trocas materiais e simbólicas. Concretamente,

O *guanxi* é um termo chinês que numa tradução literal significa relacionamento, mas que na cultura chinesa denota relacionamentos sociais específicos entre duas ou mais pessoas; relacionamentos esses que visam a consecução de determinados objetivos (comerciais, financeiros, logísticos, entre outros) e que são fundamentados, prioritariamente, em ideais de confiança e lealdade (*xinyong*) (M. A. SILVA, 2008, p. 56).

Muitas vezes estas trocas de informações ou retribuições para a emigração, estabelecimento dos negócios e êxito econômico são vistas como “ilícitas” ou “ilegais”, mas a verdade é que há dois lados dentro do que se vê como *guanxi* nas práticas comerciais chinesas. O primeiro lado é que, de fato, há relacionamentos específicos para que se viabilizem a migração e o êxito econômico e que constituem as redes migratórias. O segundo é aquele onde podemos visualizar as práticas ilegais dentro do processo migratório que são originadas na prática do *guanxi* (MACHADO, 2007²⁷ apud M. A. SILVA, 2008). Este lado contraventor do chinês aparece numa entrevista feita com um representante da Associação Comercial e Empresarial de Sergipe²⁸; em vários momentos da entrevista ele se mostrou firme em sua posição de que há uma condição de ilegalidade na presença chinesa em Aracaju, no relacionamento entre eles e, que os comerciantes chineses não cumprem a legislação fiscal e trabalhista, desta forma, podem prosperar facilmente, obtendo maiores lucros.

Neste ponto, os embates começam a tomar forma para minha pesquisa no campo econômico, pois, nosso interlocutor e representante da ACESE, ele próprio é comerciante de

²⁷ MACHADO, Rosana Pinheiro. Entre dádivas, ganbei e *guanxi*: O papel das relações pessoais no entendimento do crescimento econômico da China contemporânea. CD - Anais da Anpocs. Ano: 2007.

²⁸ A Associação Comercial e Empresarial de Sergipe é uma entidade de filiação voluntária que congrega empresários e comerciantes de diversos setores, inclusive profissionais liberais.

produtos importados e muitos dos seus fornecedores são imigrantes chineses da capital paulista. Apesar de conhecer seus fornecedores ele conta que muitas vezes são oferecidas formas de burlar a legislação fiscal, tais como a não emissão de nota fiscal ou o subfaturamento das mercadorias. Outros momentos de sua fala merecem ser destacados, visto que, estamos ainda a tratar das lojas de produtos importados. Quando perguntado sobre a posição da ACESE com relação a presença dos chineses em Aracaju, o senhor Jorge mistura posição individual e coletiva:

Eu vejo neles (nos chineses) um problema porque eles não... Geralmente eles vêm através de **alguma pessoa que está por trás deles**, ou seja, eles têm alguém que seja da China ou que seja de São Paulo ou dos grandes centros que estão financiando eles, né? Botam os seus comércios de forma relativamente, não vou dizer clandestina, mas que eles têm um modo de trabalhar que não é cem por cento legal, eles utilizam muito ainda da questão do subfaturamento das suas mercadorias, então a gente pode dizer que eles não recolhem todos os seus impostos. Geralmente eles pouco empregam pessoas daqui, porque eles trabalham geralmente com a família e na maioria das vezes estas pessoas não são registradas, eles não **têm esse ônus das obrigações sociais que uma empresa normal aqui no Brasil tem** (Jorge, membro da diretoria da ACESE)

As partes em destaque apontam para uma visão ilícita que se tem da imigração chinesa e do estabelecimento de negócios no Brasil. É de alguma forma a visão de ilicitude que se tem do guanxi ou dos relacionamentos entre os chineses no país; na primeira parte em destaque é possível extrair da fala uma ideia de rede ilegal constituída pelos chineses, onde, algumas vezes aqueles que são “financiados” não trabalham para si próprios e sim para outro chinês que o financiou. Isto também é apontado em outro momento da entrevista com o senhor Jorge, ele acredita que muitos dos chineses que possuem lojas de importados são empregados de outro chinês que está na China ou em outra parte do mundo. Num primeiro momento não há nada de ilegal trabalhar para outro chinês, mas o que está em jogo é esta rede que fornece mercadorias a preços baixos e, para complementar (já apontando o segundo destaque do trecho da entrevista que foi colocado anteriormente), a falta de cumprimento das “obrigações sociais” que qualquer empresa nomeada como “normal” pelo senhor Jorge deve cumprir, ou seja, deveres trabalhistas.

É um conflito que permeia os discursos e centra-se na oposição entre legalidade e ilegalidade dos negócios que têm por proprietários os imigrantes chineses na cidade de Aracaju, além do *modus operandi* que os imigrantes se utilizam para estabelecer no campo econômico. Podemos notar que é na contradição presente nos discursos que percebemos o

quanto os conflitos – estes não podendo se desvincular dos processos identitários – são importantes para compreender a estrutura do campo e os agentes que o compõe.

As contradições são encontradas na própria fala do senhor Jorge quando interrogado sobre a existência de reclamações feitas pelos comerciantes e/ou empresários brasileiros (associados à ACESE) com relação à presença dos imigrantes chineses e suas lojas de produtos importados, a resposta do senhor Jorge foi negativa, ou seja, mesmo que haja situações ilegais na constituição dos negócios, há muitas construções negativas a respeito do imigrante chinês comerciante e dos seus relacionamentos intraétnicos no campo econômico. Esta não é uma exclusividade da capital sergipana e do Brasil, em outras partes do mundo, quando a imprensa noticia o crescimento da imigração chinesa algumas vezes traz um adendo de uma condição obscura dos seus negócios²⁹.

Além das lojas de produtos importados, os estabelecimentos que comercializam alimentos³⁰ também estão presentes no centro de Aracaju, como já apontamos anteriormente. São poucos lugares, mas conhecidos e frequentados pela população local; a maioria dos frequentadores assíduos do centro comercial conhece esses estabelecimentos e isso pode ser facilmente comprovado pelo número de clientes atendidos diariamente, é um verdadeiro “mar de pessoas” em alguns dias da semana. As pastelarias comercializam alimentos conhecidos dos brasileiros, mas inexistentes da China como afirma Sara³¹, proprietária de uma pastelaria, ela está em Aracaju há pouco mais de um ano, mas consegue compreender o português. Em uma de nossas conversas indaguei como o marido dela tinha aprendido a fazer aqueles salgados, já que, na China não existia esse tipo de alimentação, “*Ele aprendeu tudo em São Paulo*”, respondeu ela.

Como o caso de Sara e de seu marido, a literatura aponta outros casos de imigrantes que trabalhavam em outras áreas antes de emigrarem e acabaram sendo direcionados para outras atividades econômicas na sociedade de imigração, é o caso dos sírios-libaneses (TRUZZI, 2009), armênios (GRÜN, 1999) e até mesmo dos chineses no Brasil (ARAÚJO, 2010). Muitos sírios-libaneses desenvolviam atividades agrícolas no oriente e quando chegaram ao Brasil encaminharam para as atividades de mascateação, a venda de mercadorias em domicílio, pelas ruas das cidades e do interior, atividade um tanto distinta do cultivo da terra e criação de animais, contudo, estes redirecionamentos econômicos no contexto da migração

²⁹ *China en Argentina*. Jornal La Nacion Edição Online. Disponível em: www.lanacion.com.ar

El misterio de los chinos en España. Jornal ABC. Edição Online. Disponível em: www.abc.es

³⁰ Ver Tabela 1

³¹ Muitos chineses adotam nomes brasileiros depois de algum tempo no país, pois, acreditam que isso facilita a comunicação (SILVA, 2008).

são viabilizados pelas oportunidades disponíveis da nova sociedade e pela inserção numa rede de relacionamentos e informações que indica onde e quais atividades podem ser exploradas (TUZZI, 2009).

Na pastelaria de Sara, assim como em outras, as mulheres não estão presentes na cozinha, envolvidas no preparo dos alimentos, são os homens que dominam a técnica de produção dos alimentos vendidos e as mulheres ficam restritas ao atendimento e a função de caixas, cuidando do dinheiro que circula no estabelecimento. A função de caixa nunca é ocupada por um brasileiro, o que é comum em todos os estabelecimentos de produtos importados, denotando que pode haver sempre uma desconfiança dos funcionários brasileiros e mesmo aqueles que alcançam um grau de relacionamento mais próximo não galgam tal função. O dinheiro tem uma importância significativa e algumas vezes ouvi reclamações de comerciantes chineses sobre o roubo de mercadorias pelos clientes brasileiros: *“Brasileiro é muito ladrão”*.

Na verdade, a importância dada ao dinheiro não é particular dos chineses, mas estende-se a tantos outros grupos imigrantes que estão no Brasil, perder dinheiro, é também deixar de acumular capital para remeter à sua terra natal, um dos motivos para que o trabalho seja intenso e às vezes ilegal do ponto de vista do direito trabalhista, mal sobrando tempo para o descanso e o lazer (SILVA, 2006).

Em um dos restaurantes chineses o movimento também é intenso, não só de brasileiros, mas também de outros chineses que consomem pratos muito específicos da China. É interessante notar que neste restaurante há uma divisão da oferta de alimentos, de um lado pratos típicos brasileiros e de outro, pratos típicos chineses, o que garante a frequência dos chineses que trabalham em outros estabelecimentos. Sara contou que a comida brasileira é muito diferente e que sente falta do que comia na China, o restaurante dos compatriotas serve para amenizar a distância da sua terra natal. Mas há uma característica muito peculiar no restaurante. Diferente das pastelarias há uma rotatividade entre os chineses nas funções principais do local (caixa, balança e reposição de alimentos), ou seja, todos tomam conhecimento do funcionamento do negócio; é possível encontrar uma pessoa diferente no caixa a cada hora, assim como na balança, etc.

A rotatividade observada remete a uma coisa muito importante: toda a família está envolvida nos negócios. Assim como nas lojas de produtos importados, nas pastelarias e no restaurante muitos dos que trabalham tem parentesco consanguíneo, pois, à medida que o processo migratório vai se estabelecendo, o restante da família é trazida para compor o corpo de funcionários. Neste restaurante, Hu um rapaz de 28 anos contou que está em Aracaju há

pouco mais de dois anos, mas veio depois que parte da família emigrou para o Brasil e, desde que ele chegou outros parentes também vieram, a exemplo do seu primo. Esta é uma questão que pode ser entendida do ponto de vista das redes familiares e de conhecidos, que viabilizam todo o processo migratório, por sua vez, entender as redes é necessário para aqueles que querem entender o fenômeno da migração. (BRAGA e MATOS, 2004; TRUZZI, 2008).

Uma questão em comum tanto nas lojas de importados como nas pastelarias e no restaurante, diz respeito ao emprego de mão de obra brasileira. Quase a totalidade dos estabelecimentos comerciais têm funcionários brasileiros e em alguns supera o número de integrantes da família, como é o caso da pastelaria Chanli (FIGURA 02) que possui uma média de sete funcionários num espaço bem pequeno, mas bastante frequentado pelas pessoas. A pastelaria leva o nome do seu dono que não hesita em expor um anúncio com os dizeres “Aceita-se currículo” e “Precisa-se de funcionários”. Pode ser um sinal de que os negócios têm prosperado.

FIGURA 02 – Pastelaria Chanli localizada no Edifício Palace (Praça General Valadão – Centro Comercial de Aracaju)



Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

Ao contratar brasileiros os estabelecimentos dos imigrantes chineses deixam de ser somente familiar e devem cumprir todos os requisitos legais no que concerne os direitos dos trabalhadores, é claro que a pesquisa não objetiva expor quem está certo ou errado, mas pode-se observar como alguns comerciantes chineses fazem para lidar com o que denominam de “*a preguiça dos brasileiros*”, devido ao número de dias de descanso ou feriados e os horários que o centro comercial fecha, fazendo com que os funcionários brasileiros também não

trabalhem.

A estratégia é muito simples, como já dissemos anteriormente, em muitos estabelecimentos a presença da família ou de conhecidos é constante, assim, nos dias e horários em que não se pode contar com a mão de obra brasileira, a própria família conduz o negócio. É o caso de feriados, dias de sábado a tarde e a noite, quando o centro comercial está completamente fechado, vi alguns estabelecimentos constantemente abertos para o pouco público no centro da cidade. A cantonesa Sara contou que na China *“a escola abre no domingo, se você quiser cortar o cabelo onze horas da noite tem gente pra cortar, se quebrar uma chave e você quiser fazer outra na mesma hora tem gente pra fazer, aqui não tem”*. Esse tipo de justificativa (com certo apreço pelo trabalho) serve também para “driblar” a obrigação de fechar o estabelecimento em certos dias e horários em Aracaju a partir do emprego de mão de obra familiar sem nenhum impedimento, por exemplo, num feriado nacional.

O estudo feito por Silva (2006) sobre os bolivianos em São Paulo apresenta muitos elementos que sinalizam semelhanças e diferenças com o meu campo empírico, referentes ao emprego de mão de obra brasileira e familiar (imigrante), antes, porém, vale fazer algumas considerações. À medida que os imigrantes têm os seus negócios aumentados (muitos grupos no passado e no presente começaram seus negócios servindo a própria comunidade imigrante e seus descendentes, o que pode ser considerado um comércio étnico que, em maior ou menor grau os imigrantes servem também à sociedade de imigração dependendo da abertura e do que é comercializado) pode transformar-se em nicho étnico, onde, é possível encontrar um percentual significativo de mão de obra e uma presença marcante e efetiva do grupo imigrante (LÓPEZ, 2005).

Os chineses em Aracaju, embora estejam cercados por vários companheiros de mesma nacionalidade, seus estabelecimentos e a lógica dos negócios são também extracomunitários, ou seja, comercializam produtos importados e alimentos para os brasileiros. Mas, um dos estabelecimentos, neste caso, o restaurante, serve parcialmente aos propósitos do comércio étnico. Lá, muitos chineses se encontram, conversam em mandarim, língua oficial da China, comem iguarias que só podem ser encontradas na terra natal e compartilham risos e experiências do cotidiano. A hora do almoço transforma-se em hora de encontros.

Esta afirmação feita pelos brasileiros de que os *“chineses estão dominando tudo”* além de ser parte da fala dos interlocutores brasileiros enseja um movimento que pode ocorrer com o passar do tempo: A criação de um nicho econômico étnico no setor de mercadorias importadas. Os setores de confecções, importação e venda de mercadorias importadas em atacado e varejo são exemplos de atividades que concentram grupos imigrantes coreanos,

bolivianos e chineses respectivamente, concebendo um nicho étnico neste caso. Coreanos e bolivianos se especializaram com o passar do tempo no setor de confecção empregando muita mão de obra brasileira e imigrante, fornecendo suas mercadorias para diversas lojas de roupas na cidade de São Paulo. Um exemplo é o bairro do Brás que concentra boa parte dessa produção.

Muitos comerciantes chineses em Aracaju estão se tornando atacadistas, fornecendo suas mercadorias para lojistas e vendedores ambulantes brasileiros. Isto já demonstra uma movimentação no campo econômico, ou seja, se os imigrantes chineses estão se tornando atacadistas/fornecedores de mercadorias significa que eles estão alcançando posições melhores, principalmente no subcampo do comércio de importados.

Alguns vendedores ambulantes têm nos chineses seus principais fornecedores, assim, presenciamos várias dessas negociações, como no caso de dois vendedores ambulantes que vendem diariamente no calçadão da Rua João Pessoa; eles contaram, durante as observações de campo, que compram uma quantidade de mercadoria não muito grande, quando conseguem vender tudo, partem para uma nova compra em um dos estabelecimentos chineses e retornam ao calçadão. Como o campo econômico é um espaço de conflitos, se presenciou inúmeras situações de hostilidade nestas negociações; Um deles contou que não queria “*conversa com os chineses*”, apenas comprava as mercadorias. Entre outros significados, o que estava implícito em sua fala era a impressão de estar sendo explorado pelos chineses quando fazia negócios com eles, é o jogo econômico e vence quem está melhor posicionado no campo, obtendo maior lucro material.

Ouve-se dos comerciantes, tal como o senhor Jorge, representante da ACESE, que os chineses são seus fornecedores e que os negócios com eles são frequentes. Ele compra as mercadorias importadas e revende em suas lojas na capital sergipana, porém, não devemos deixar de ressaltar o caráter conflituoso destas negociações. As queixas quanto a presença chinesa não estão alocadas somente num domínio de um subcampo, o de comércio de produtos importados, mas também residem na maneira de como os chineses se portam no campo e sua característica de ser uma comunidade “fechada” sempre estiveram presente na fala do senhor Jorge.

Mas o que necessariamente querem dizer estas queixas? Em primeiro lugar, ser “fechado” diz respeito à falta de integração com os outros comerciantes e empresários, principalmente em associações e, uma ausência do modo de negociar brasileiro, onde se consegue um desconto do preço dos produtos ou a garantia de troca em caso de defeito. A fala do senhor Jorge quando diz que “*Geralmente eles vêm através de alguma pessoa que está por*

trás deles, ou seja, eles têm alguém que seja da China ou que seja de São Paulo ou dos grandes centros que estão financiando eles, né?” não é um acaso, elas evidenciam a posição de um comerciante brasileiro que defende sua opinião de que os chineses se inserem no campo econômico por causa desse caráter criminoso. Quando ele diz “*alguma pessoa*”, sua fala tem um tom de obscuridade e quem ouve talvez pense que estamos diante de uma máfia de comerciantes chineses.

Mesmo que a busca de tal caráter criminoso ou ilícito da inserção chinesa em Aracaju não fosse meu objetivo, intrigava as várias queixas dos comerciantes brasileiros obtidas pelas coletas de dados no trabalho de campo. Os órgãos do governo não possuem nenhuma queixa registrada contra os estabelecimentos chineses, ao contrário, se consultarmos o CNPJ veremos que a situação cadastral demonstra sua regularidade. Nem mesmo a Receita Federal, ACESE ou a CDL³² possuem reclamações formais sobre a ilicitude destes negócios e o próprio Presidente da CDL conta que a venda de mercadorias importadas a preços baixos não demonstra nenhuma ilicitude³³.

As transportadoras que entregam as remessas de mercadorias aos comerciantes chineses também forneceram uma indicação positiva sobre a legalidade das mercadorias e a documentação disponível que comprovasse tal legalidade. As entregas de mercadorias são constantes e todas têm nota fiscal de compra e importação, mas são intermediadas em outras cidades a exemplo da capital paulista. Portanto, se há algum tipo de ilegalidade nestes negócios, como acontece em outras cidades e países, não se pôde visualizar nas idas a campo.

Um aspecto muito interessante das queixas é que os chineses “*não cumprem as obrigações sociais*” exigidas por todo e qualquer comerciante/empresário no Brasil, o que inclui Aracaju. Todavia, o que vemos nos estabelecimentos chineses referente a transações comerciais (comerciante-consumidor) e fiscais (comerciante-órgãos do governo) são muito similares as que são praticadas pelos comerciantes brasileiros. Uma das práticas mais presentes é a não emissão de nota fiscal ao consumidor nas negociações de pequenos valores, uma prática não só dos estabelecimentos chineses, mas também de brasileiros. Parece que a lógica do campo também é seguida pelos chineses, pois, do mesmo modo que os brasileiros adotam esta prática, os chineses também as incorporam. Desta forma, apresenta-se uma das faces do conflito no campo econômico e, parece ser mediado pela permanência efetiva deste ou daquele grupo nas melhores posições do campo. Para melhor posicionar-se no campo,

³² Câmara dos Dirigentes Lojistas, entidade que promove a integração dos lojistas da cidade de Aracaju com o objetivo principal de representar seus interesses.

³³ Jornal da Cidade Online. Disponível em: <http://www.jornaldacidade.net/2008/noticia.php?id=74545>

chamar o chinês de ladrão ou o brasileiro de preguiçoso apresentam-se como estratégias discursivas de ambas as partes, já que, essas características não são inerentes as de nenhum grupo étnico.

Por fim, quero colocar que a produção da presença chinesa no campo econômico de Aracaju se constitui como elemento novo. Sendo assim, já é possível observar que as relações de forças começam a ser alteradas em favor dos comerciantes chineses. Como o campo é um espaço de disputas no qual os agentes concorrem por recursos materiais e simbólicos, a todo o momento chineses e brasileiros buscam o capital econômico e se utilizam, também, de estratégias discursivas para conseguir as melhores posições.

4.4 Coreano, chinês ou japonês? – Autonomieações e heteronomieações.

As nomeações e classificações no mundo social são necessárias à emergência dos processos identitários, pois, a construção de uma imagem de si e dos outros só é possível através dos conflitos e disputas que permeiam as relações entre os agentes (WOODWARD, 2008). Seja na fala dos agentes envolvidos nas interações e que estão envoltas por disputas, seja na imprensa, as nomeações estão presentes e, o fato de o chinês ter um fenótipo e uma cultura distintos estas nomeações são muitas vezes povoadas de exotismos. Não se deve deixar de lado todas as imagens “negativas”, construídas a partir da relação que os chineses mantêm com a sociedade que o “acolheu”, elas mesmas nos ajudam a entender quais fatores estão envolvidos nas construções identitárias a partir da presença daqueles que são chamados de “diferentes”.

Andar pelas ruas das áreas centrais de Aracaju e conversar com algum transeunte ou comerciante são exercícios úteis para termos a ideia das noções que circulam nesta parte da cidade sobre o imigrante chinês ou mesmo sobre o comerciante chinês. É claro que há muitas nomeações e também parte delas está na imprensa escrita ou falada que muitas vezes noticiam o avanço do número de estabelecimentos comerciais conduzidos por chineses ou mesmo a também crescente legalização de imigrantes dessa nacionalidade.

O contato com o mundo empírico suscitou a busca destas nomeações, pois, muitas das falas dos entrevistados despertaram uma curiosidade para entender o porquê de os chineses não serem vistos como tais e como eles são vistos hoje pelos brasileiros (comerciantes, empresários ou consumidores). Acreditava que a “confusão” nas nomeações não estava somente na “semelhança” física e cultural dos chineses com outros grupos orientais, mas há

uma dificuldade de reconhecer o “outro” nestas nomeações, “o que demonstra que nas relações identitárias o outro é muitas vezes opaco e homogêneo” (ENNES, 2011, p. 12).

Os chineses na cidade de Aracaju estão presentes numa área bastante delimitada, o centro da cidade. A concentração dos estabelecimentos comerciais parece ser bem estratégica no sentido de que a clientela transita em sua maior parte do centro da capital. É evidente que a lógica de estabelecimento no centro diz respeito a presença de público propenso a consumir suas mercadorias e alimentos. Mas, num passado não tão distante, talvez há cinco ou seis anos, era comum cruzar com homens e mulheres “orientais” nas calçadas das ruas do centro de Aracaju e uma delas era a calçada do Grande Hotel (FIGURA 02) que reunia algumas pessoas identificadas como “coreanas”³⁴ e que vendiam produtos importados, especialmente mercadorias replicadas de marcas famosas; essas mercadorias eram em sua maior parte tênis com vários logotipos conhecidos pelas pessoas, mas com um preço muito abaixo daquele que seria cobrado por uma mercadoria “original”.

FIGURA 3: GRANDE HOTEL – ARACAJU/SE



Fonte: Trabalho de Campo, junho de 2012

Este cenário de comércio das calçadas ou de porta a porta também é apontado por Yang (2011) ao tratar das fases da imigração coreana para o Brasil. Desde antes da Coreia do Sul

³⁴ Segundo dados da Superintendência Federal em Sergipe há somente 06 coreanos registrados na cidade de Aracaju e a maioria destes tem em seus respectivos registros referência a província de Fujian localizada no sudeste da China. Desta forma, não é possível determinar com precisão se os comerciantes de calçada eram de fato coreanos ou chineses.

ser reconhecida como um Tigre Asiático³⁵ os coreanos na cidade de São Paulo já ganhavam a vida vendendo algumas mercadorias nas calçadas das ruas paulistanas. Yang (2011) colheu vários depoimentos que identificavam este tipo de inserção econômica dos coreanos, acentuada e também remodelada a partir dos anos de 1990, com o aumento das relações comerciais entre Brasil e Coreia do Sul, afetando positivamente as importações de produtos coreanos e que podiam ser revendidos por eles.

Nas caminhadas que fiz durante o trabalho de campo não foi possível encontrar aquelas pessoas apontadas como “coreanas” nas calçadas do centro de Aracaju e as do Grande Hotel foram ocupadas por brasileiros que também comercializam algumas mercadorias (perfumes, calçados, roupas, relógios, etc.), não obstante, esta imagem dos “coreanos” que revendiam mercadorias ainda povoa o imaginário das pessoas com quem cruzei e conversei. Portanto, é possível encontrar certas nomeações relacionadas aos chineses no campo econômico de Aracaju que estão diretamente ligadas com os comerciantes “coreanos” do passado.

Estas lembranças não muito distantes fazem com que parte dos comerciantes chineses seja associada aos “coreanos” das calçadas do Grande Hotel, sendo assim, muito se ouve sobre a prosperidade dos “coreanos” que montaram suas próprias lojas e agora não ficam mais nas calçadas. Em conversas informais era possível notar que a questão aparecia na fala das pessoas com um tom de admiração por causa da “rápida” ascensão econômica deste grupo, como por exemplo: *Eles começaram nas calçadas e cresceu tanto que agora já tem loja*. Todavia, não é possível afirmar com certeza que os comerciantes que revendiam mercadorias nas calçadas eram de fato coreanos e nem que esses possíveis coreanos prosperaram e constituíram negócios mais estabelecidos como ocorreu em São Paulo com o sucesso do ramo de confecções, segundo o que aponta Yang (2011). Também não é possível atestar se aqueles comerciantes das calçadas eram chineses apontados como coreanos que obtiveram êxito econômico a ponto de estabelecerem lojas físicas na cidade. Entretanto, a associação e, por consequência, as nomeações e classificações, ainda persistem quando se faz menção dos “tênis vendidos pelos coreanos”.

Notadamente as nomeações também perpassam as características fenotípicas e culturais, ou seja, os traços físicos podem determinar como estas nomeações aparecerem nos discursos; algumas vezes foi colocado pelos clientes sobre a origem dos comerciantes “coreana, chinesa ou japonesa” e esta indagação está diretamente relacionada aos traços físicos dos comerciantes, contudo, além destas, temos aquelas que são construídas a partir do que é

³⁵ Denominação dispensada à Hong Kong, Coreia do Sul, Singapura e Taiwan devido as altas taxas de crescimento econômico desde a década de 1980.

veiculado pela mídia em se tratando da presença imigrante em um determinado local. Talvez, na conjuntura em que esses comerciantes “coreanos” revendiam suas mercadorias nas calçadas houvesse uma veiculação por parte da imprensa que os associassem aos coreanos pelo tipo de mercadoria que revendiam ou pelo modo como revendiam. Mesmo não podendo apontar a origem destes comerciantes das calçadas do centro da capital sergipana, o fato é que, se nos registros dos coreanos feitos pela Polícia Federal há referências à província chinesa de Fujian, estes coreanos (se de fato os registrados eram comerciantes) podiam ter alguma origem chinesa, familiar ou em relação à documentação. Isto serve para apontar também que seria possível que aqueles comerciantes das calçadas prosperaram economicamente e hoje são identificados ora como japoneses, ora como chineses.

Seguindo os passos das nomeações, encontramos uma meia dúzia de estabelecimentos chineses na Rua Santo Amaro, também no centro de Aracaju. O que torna a caminhada interessante é nos depararmos com diferentes e outras nomeações a partir de um outro modo de inserção econômica (não mais aquele comerciante de calçada, o ambulante) mais consolidado. Os traços físicos ainda balizam estas outras nomeações e por isso encontramos nas falas adjetivos como “*japas*” e “*chineses*” para designar os comerciantes chineses da Rua Santo Amaro, aqueles que também são associados ao êxito econômico dos “coreanos” das calçadas do Grande Hotel. A primeira relação é feita sobre o prisma do fenótipo, como já apontamos e, por isso, a categoria japonês ou “japa” esteve presente em algumas conversas informais. É claro que há diferenças físicas e culturais entre os vários povos orientais e até mesmo entre os próprios chineses devido a grande extensão territorial da China, onde, os povos do sul da china não têm os mesmos traços físicos dos povos do norte, mas, “*os olhos puxados*” é o traço mais recorrente nas falas.

Como apontei nos parágrafos anteriores as nomeações podem ser encontradas também na imprensa escrita ou falada, assim, os jornais fornecem algumas delas que se faz necessário colocar. O trecho a seguir traz um comentário sobre o crescimento do número de comerciantes chineses no centro de Aracaju e sobre o qual me deterei por algumas linhas:

Chanli, Samei, Lin, Zaj. Esses são alguns nomes incomuns que estão invadindo as fachadas de lojas no centro comercial de Aracaju. Os letreiros são apenas um indício do que vem pela frente. Dentro desses estabelecimentos, o estranhamento fica por conta das diferenças na língua falada por seus proprietários e os traços físicos bem marcantes, a exemplo dos olhinhos puxados, que de cara revelam a origem dos novos comerciantes que deixaram seus lares no outro lado do mundo para arriscar a vida na capital de Sergipe. A China, além de importar cada vez mais produtos para o Brasil e apresentar um enorme crescimento econômico, tem espalhado pelo

país alguns dos seus filhos que carregam no sangue a marca do trabalho (JORNAL DA CIDADE, 2010)³⁶.

De “coreanos” e “japas” encontrados das falas das pessoas que estão ligadas ao universo empírico (comerciantes e consumidores) à chineses, estes comerciantes passam a ser notados e nomeados também pela mídia, agora não mais restritos a Rua Santo Amaro. Os nomes incomuns nos letreiros fazem referência de alguma forma a um idioma oriental, mas o que ‘transformou’ esses comerciantes em chineses, ou melhor, o que fez com que esses comerciantes fossem identificados em sua maioria como chineses em tempos mais recentes? Antes de tocar nas questões anteriores é preciso apontar que o recorte da notícia faz menção aos traços físicos e culturais deste grupo, o que também já foi identificado a partir das conversas informais nas incursões à campo, assim, ainda persiste a classificação a partir do fenótipo do comerciante que por muitas vezes é confundido com outros grupos.

O rápido crescimento econômico da China nos últimos anos e o destaque que a imprensa tem dado a partir dos investimentos de capital, consumo, produção, comercialização de mercadorias baratas (muitas das quais são réplicas de marcas famosas) de todos os tipos, faz com que não só em Aracaju, mas em várias partes, esses comerciantes sejam reconhecidos na maioria das vezes como chineses. Outro detalhe que chama atenção no recorte trazido é a ideia de que o chinês é trabalhador (*“filhos que carregam no sangue a marca do trabalho”*), remetendo as nomeações dos ditos “coreanos” que começaram a vender nas calçadas e hoje têm seus próprios estabelecimentos.

Por outro lado, presenciei momentos em que a autonegação teve papel central nos discursos, embora, a tentativa de se diferenciar dos brasileiros é uma forma de dizer o que é ser chinês. Na pastelaria de Sara, vi e ouvi um diálogo entre ela e um cliente que perguntava se ela seria japonesa ou coreana. Ela, de forma rápida e enfática, disse que era chinesa, no entanto, ele acrescentou que os chineses tinham problemas históricos com os japoneses e, mais uma vez ela disse: *“Eu sou chinesa, se tiver um japonês eu falo com ele. Não tenho raiva”*. São formas de autonegarse e de escapar das heteronomeações, muito embora a questão da desigualdade e da força que os chineses têm de impor sua forma de nomeação seja menor, assim, prevalecem as heteronomeações que os enquadram em estereótipos que, para eles, não os representam.

É certo que todas estas nomeações precisam ser problematizadas, pois, existe a dimensão conflitual do processo de construção identitária. Não estamos tomando os dados das

³⁶ JORNAL DA CIDADE, 2010. Disponível em: <http://www.jornaldacidade.net/2008/noticia.php?id=74545>

falas dos agentes da pesquisa ou mesmo dos recortes de jornais como verdade, seria incorrer no erro para o qual Pierre Bourdieu (2007) nos alerta, o perigo da sociologia espontânea que tanto combateu. A questão de buscar as nomeações/classificação é trazer as múltiplas visões que os entrevistados têm uns dos outros, buscando a dimensão conflitual que envolve o ato de nomear e classificar.

Os atos de nomeação/classificação são próprios da produção identitária e perpassam pelas autoneomeações e heteronomeações. Buscamos dizer quem somos e, ao mesmo tempo, os outros também dizem quem somos. Recebemos as heteronomeações, nos apropriamos delas ou mesmo resignificamos como forma de resistência ao poder que os “outros” têm de nomear.

4.5 Os sentidos de “ser chinês” em Aracaju

Como estou trabalhando a categoria processos identitários, não posso deixar de fora a perspectiva dialógica que envolve o “ser chinês” ou o “fazer-se chinês” em Aracaju, assim, querer ser e tornar-se se constrói também no diálogo, nos discursos dos atores sociais, tanto dos chineses como dos não-chineses, neste caso, os brasileiros. Não há um único sentido de ser chinês em Aracaju, pois, como já apontei há autoneomeações e heteronomeações, prevalecendo aquela de quem melhor está posicionado na relação de forças.

Este tópico é uma tentativa de apresentar estas visões a partir das falas dos entrevistados e das observações feitas no trabalho de campo tendo como base a interação entre os atores sociais, objetos de minha pesquisa. Porém, de um lado há uma diversidade de discursos sobre ser chinês, por outro, quando se fala em chinês, embora cada um dos não-chineses tenha uma visão diferente, eles sabem do que se está falando. Existe uma identificação de quem são, embora existam várias visões, ou seja, os chineses não passam despercebidos em meio a heterogeneidade de discursos.

Nas próximas linhas vou trabalhar com estes discursos e visões, primeiro na perspectiva dos chineses, daquilo que os faz chineses na cidade de Aracaju, depois, continuo com o discurso dos brasileiros, mas, sem perder a oportunidade de dialogar com as duas visões. Contudo, mesmo que a questão econômica seja um recorte, ele revela outras facetas, tais como namoro, casamento e religiosidade.

Quando se pensa e se fala em “chinês” na grande maioria de vezes se aciona uma homogeneidade para falar sobre quem são e de onde são, todavia, não foi isto que encontrei

nas conversas que mantive com eles, embora, o “fazer-se” se mostrava presente constantemente. Eu queria saber o que eles pensavam quem eram numa terra que talvez não fosse a sua, com pessoas que não compartilhavam dos mesmos costumes que não eram os seus costumes.

Quando perguntei a Sara, em sua pastelaria, o que fazia ela se sentir chinesa aqui em Aracaju ela respondeu: *“Eu ligo para os meus parentes nas festas da China, sempre falo com outros chineses quando passo na rua, mas eles são de lugares diferentes. Me sinto brasileira só no documento”*. A condição de provisoriedade talvez seja quem leve Sara a falar desta forma, em muitos pontos da nossa conversa ela me conta que quer voltar para lá, que sente saudade da China *“Porque lá tudo é diferente”*. Sayad (1998) aponta o estado provisório do imigrante que vai se prolongando, porém, algumas vezes o imigrante não se dá conta que o provisório vai se tornando definitivo. Sara diz que quer voltar, mas em alguns momentos ela também coloca *“Se é pra ficar, vou ficar”*. Este é um contraponto, pois, as conexões com a terra de origem são cada vez mais intensas devido aos avanços tecnológicos nas áreas de comunicação e transporte, os imigrantes estão cada vez mais conectados com seus familiares e com seu lugar, assim, o estado definitivo pode ser aceito com mais facilidade ante as “facilidades” de comunicação e deslocamento.

Estas facilidades são apontadas por Hu quando fiz a mesma pergunta: *“Agora tem avião, a gente vai passar as festas lá na China, a gente sempre vai na China”*, ou seja, há uma conexão com o aqui e o lá, talvez muito mais forte do que em outras épocas. Algumas vezes presenciei conversas de jovens chineses nos mensageiros eletrônicos (Skype, MSN, etc) em horário de trabalho, enquanto atendia os clientes. Em outros casos, mesmo aqueles que comercializam produtos importados, compram alimentos para ser consumidos entre a família/amigos, a dieta brasileira é sempre uma dificuldade para eles. Estas são tentativas de transportar a terra natal para o lugar que se acredita ser provisório.

Predomina a ideia de que eles continuam sendo chineses mesmo fora da China, até por que os contatos com parentes/amigos são mais frequentes que outrora. O sentido de ser chinês, também é encontrado no contato/encontro com os próprios chineses da cidade, muito embora a diversidade de origens, costumes, línguas esteja presente e seja evidenciada por eles em alguns momentos.

Bruno, embora seja de Pequim, aponta outros chineses como sendo seus amigos. Quando conversei com ele pela primeira vez, ele estava no restaurante de Hu, ambos almoçando, porém, ao longo do trabalho de campo percebi que Bruno e Hu eram amigos mais próximos, sendo Bruno mais antigo em Aracaju e Hu de uma região diferente, Xangai. Diante

disto, indaguei Bruno sobre o que faz ele se sentir chinês e ele respondeu: *“Quando eu converso com meus irmãos me sinto chinês”*. Há duas coisas para se extrair da fala de Bruno, a primeira é a presença de um reconhecimento de que eles são iguais (irmãos) aqui na cidade, ou seja, apesar das diferenças regionais eles são todos chineses. A segunda questão é quando a língua se torna um agregador, um fio que conduz a unidade, assim, se falam a mesma língua e se se entendem são todos chineses. Porém, entra uma terceira questão como apêndice, se Bruno se sente chinês quando fala com os “irmãos” é porque a diferença entre eles e os brasileiros são evidenciadas de alguma forma. A língua pode funcionar como marcador da diferença que o torna chinês ante a sociedade de imigração, ou seja, “sou chinês porque falo mandarim”, portanto, “diferente dos brasileiros que falam português”.

Acredito que a língua em questão, de fato, possa ser o mandarim, língua oficial chinesa, pois, alguns dos chineses com quem conversei contaram que os dialetos (cantonês, xangainês, etc.) não são inteligíveis entre eles na maioria das vezes. Têm apenas a escrita parecida, mas a fonética é completamente diferente. Isto é apenas um detalhe, tendo em vista que eles possuem uma língua de “união” e conseguem se comunicar sem dificuldades ao ponto de organizarem passeios e churrascos nos fins de semana como alguns deles confessaram.

Esta é apenas uma face, um dos discursos dos chineses em Aracaju. Há ainda o discurso de que ser chinês também é ser brasileiro. Fiz essa mesma pergunta ao senhor Chao e ele disse *“Se to no Brasil sou brasileiro e se to na China sou chinês, sou do lado que for. Eu vivo os dois por que a origem a gente nunca esquece”*. Existe na fala do senhor Chao um fator importante, seu maior tempo de permanência no Brasil, fato incomum entre os imigrantes chineses que estudei. Este tempo considerável aponta para uma redefinição de ser chinês, uma hibridização ante o binômio lugar de emigração e lugar de imigração. Seu estado aparenta ser mais definitivo, permitindo que alguns atributos de sua identidade chinesa sejam negociados em favor de uma identidade híbrida, hifenizada. Bruno também coloca isto *“Me sinto meio brasileiro, não quero voltar pra China, tanto faz aqui como lá”*, ele também é um imigrante que foge do padrão da imigração chinesa em Aracaju, tem mais tempo no país e na cidade, permitindo que ele faça referência ao sentimento de ser também um brasileiro. São expressões de uma dualidade encontradas em outros estudos, como sobre os japoneses no interior de São Paulo:

Essas modificações foram produzidas na relação entre brasileiros e nipo-brasileiros no campo do trabalho, do esporte, do lazer, da família, na e pela busca da satisfação de necessidades sociais, políticas, econômicas, afetivas e estéticas. São na e por meio dessas relações que japoneses e seus

descendentes tornaram-se mais brasileiros; de diversas maneiras e modos, brasileiros, em sua grande diversidade, tornaram-se, igualmente de diversos modos e maneiras, um pouco japoneses (ENNES, 2001, p. 135).

As modificações de que o autor fala são no *habitus* e na identidade dos imigrantes e não-imigrantes que se deu a partir das relações estabelecidas entre eles. Os japoneses se tornaram um pouco brasileiros e os brasileiros em alguma medida japoneses. São constructos sociais continuamente negociados ao longo do tempo (TRUZZI, 2009, p. 43). No caso dos chineses em Aracaju o tempo e a relação com os brasileiros possibilitam essas modificações identitárias. Todavia, quero enfatizar que até entre os chineses este discurso, sobre o que os fazem ser chinês, apresenta uma heterogeneidade, mas que está relacionada com o tempo de imigração.

Em contraponto aos discursos dos chineses estão os discursos dos brasileiros, atores sociais que são parte integrante das construções identitárias. Existem vários discursos e eles estão relacionados com a posição que os agentes ocupam neste campo da produção identitária. Não basta ser brasileiro para ter uma única posição sobre a presença chinesa e quem eles são, os agentes têm discursos e posições divergentes, embora algumas heteronomeações predominem devido a maior força dos agentes que as constrói.

Além de observar a posição em que os brasileiros ocupam para compreendermos os discursos, é preciso abordar o grau em que eles são “afetados” pela presença dos chineses na perspectiva do comércio, por exemplo, se os brasileiros ouvidos comercializam produtos idênticos ao segmento dos chineses ou se eles têm outros tipos; se eles compram aqui ou em capitais como São Paulo e Salvador. Estes e outros aspectos foram levados em conta na análise.

A senhora Maria define os chineses com as seguintes palavras “*Os chineses são pessoas aventureiras, não tem um objetivo definido, tem uma cultura fechada, alimentação própria e não se misturam. Eu acho que tem um grande financiador da imigração. Eles moram atrás das lojas, aqui em frente por exemplo. Quando eu passo nos fins de semana e feriados pra olhar se tá tudo bem na loja eu vejo muitos deles nas calçadas. As mulheres grávidas vêm, vão e desaparecem*”. A loja de Maria, uma grande loja de produtos importados, está localizada em frente a algumas lojas chinesas, ou seja, além de seu discurso de comerciante, onde, os chineses são pessoas fechadas e volúveis (em outra parte da entrevista ela conta que eles não têm lugar fixo), seu discurso é mais enfático por estar próxima deles, são seus concorrentes. Interessante notar que o adjetivo “aventureiro” é enfatizado e carrega uma conotação negativa para defini-los ante a tensão que se instala entre brasileiros e chineses.

Maria reitera que seus costumes (dos chineses) e práticas comerciais fazem com que a concorrência seja desleal. Este é um aspecto que permeia outras falas dos brasileiros. Um dos sentidos, significados de ser chinês em Aracaju é ser ilegal, trapaceiro e subornador: *“Esses imigrantes chineses compram as mercadorias em grandes quantidades (contêineres) e com ajuda da burocracia a favor deles, da corrupção, é que eles conseguem comprar toda essa mercadoria da China, fazendo com que a concorrência seja desleal. E, a culpa é sempre do poder público, somos irresponsáveis por que permitimos a entrada dessas pessoas”*. A trapaça, segundo ela, tem origem no subfaturamento das mercadorias, na não emissão de nota fiscal e na falta de garantia das mercadorias que vendem.

Questionada sobre estas práticas entre os brasileiros ela assumiu uma posição defensiva *“Toda e qualquer mercadoria aqui na loja tem nota fiscal, ao contrário dos chineses que não dão nota fiscal, nenhum tipo de documento. Se for um adesivo de R\$ 0,40 centavos vai ter nota fiscal. De vez em quando a fiscalização vem olhar a qualidade dos brinquedos, por exemplo, se eles forem lá os chineses começam a falar em mandarim, os fiscais saem da loja e não conseguem fiscalizar”*. Maria quer dizer que eles têm um certo tipo de prática comercial e os brasileiros tem outra, são diferentes e concorrentes.

Em outra entrevista é possível ver aquilo que abordei nas linhas anteriores sobre a posição do ator e sua relação com a presença chinesa em Aracaju. Conversei com Marcela em sua loja e observei que muitos produtos eram similares aos comercializados pelos chineses, porém, alguns fugiam do padrão, o que para mim foi interessante, visto que, a relação entre ela e os chineses foi apresentada como o oposto do que contou Maria em sua loja. Uma primeira coisa a observar é que Marcela nunca disse o que eles fazem (os chineses) ou o que eles são, mas o que as pessoas *“dizem o que eles fazem, o que eles são”*, no final da entrevista pude perceber que um dos motivos eram o seu “bom relacionamento” com os chineses, pois, ela conhece alguns importadores na cidade de São Paulo, os quais foram apresentados com o objetivo de comprar mercadorias ainda mais baratas. Marcela diz que os *“Os chineses são mais gentis do que os coreanos que são mais fechados e rudes”*, esta fala foi um dos poucos momentos em que presenciei uma maneira mais “positiva” na definição do quem é o chinês. Como se trata de uma construção, estas facetas foram se revelando ao longo da pesquisa. No caso de Marcela, os benefícios que os chineses trazem impedem que ela dê outras conotações ao discurso, aquelas da maioria dos entrevistados.

Ainda dentro do significado de ser chinês em Aracaju, tenho o relato de Joana, dona de um restaurante em um dos calçadões, lugar de muito movimento e vizinho a um restaurante chinês, ambos também comercializam lanches. Eu já tinha tentando conversar com os

chineses de lá, sem sucesso, parti para o vizinho brasileiro com o propósito de observar possíveis tensões³⁷, lá também pude captar a dimensão do ser chinês para os brasileiros. Joana contou que *“São todos asiáticos, pessoas ilegais, interesseiras, invejosas e representam papéis de pessoas boas, displicentes, fáceis de manipular, mas na verdade essa é uma forma de chegar e tirar proveito, eles representam o papel de amigo dos brasileiros”*. Mais uma vez ser chinês é ser ilegal, é ser marcado pela presença da desconfiança, do receio e até da hostilidade já que se trata de um elemento relativamente novo no cenário social.

Os termos invasão e invasores foram frequentemente usados pela maioria dos entrevistados para designá-los, alguns ainda colocam que Aracaju está dentro de um esquema controlado de fluxo migratório, isto fica claro quando eles associam invasão à existência de um *“cabeça”* que financia a vinda dos chineses ou quando contam que o próprio governo chinês capitaliza e envia estes imigrantes. Maria coloca que *“Muitos são mandados pela mesma pessoa e não sabem disso. Trabalham pra mesma e não sabem”*, não posso afirmar ou negar a sentença, mas, disto, depreende-se que para parte dos comerciantes ser chinês é ser indesejado.

Na CDL um dos dirigentes entrevistados, afirma em um momento da conversa que essas pessoas são *“Coreanos, chineses, a raça amarela em geral”*, em outro momento ele conta que *“São coreanos do norte, não são chineses por que os chineses vivem numa economia muito próspera. A China é a segunda maior economia do mundo, a primeira é os Estados Unidos e logo a China vai ultrapassar os Estados Unidos; não são coreanos do sul por que a economia deles é muito desenvolvida e, só podem ser coreanos do norte, onde é um país muito pobre e o mundo civilizado (Europa e Estados Unidos) sempre mandam comida pra Coreia do Norte e o governo faz o que quer com a comida e deixa o povo morrer de fome, além dos que morrem”*. Sua fala mostra um desconhecimento de quem são essas pessoas, mas também representa uma visão institucionalizada, a de que os imigrantes prejudicam os comerciantes brasileiros em Aracaju e que prevalece entre os comerciantes do comércio popular no centro da capital.

Algumas visões sobre quem é o imigrante e o chinês escapam as formas prevalecentes, tal como encontrei numa loja de importados localizada embaixo do Hotel Palace. Neste trecho há alguns estabelecimentos chineses, entre eles uma pastelaria chinesa muito movimentada. Na loja entrevistei a proprietária, Dalva que respondeu prontamente meus questionamentos sem se incomodar com a temática, algo incomum entre os meus interlocutores. Dalva disse

³⁷ Sobre as tensões, disputas e emergência identitária escrevo no tópico seguinte.

que já viveu uma experiência parecida em São Paulo e em Aracaju “*Os chineses são pessoas trabalhadoras, muito corretas, cumprem suas obrigações enquanto comerciantes, pagam impostos, registram seus funcionários, não atrasam salários. É uma inovação. Eles trazem novidades, trazem mercadorias diretamente da China e se o Brasil não tem inovação, os próprios chineses trazem da China para o Brasil e para Aracaju*”. Essa é uma visão de que o imigrante e particularmente o chinês seria modernizador, partindo do ponto de vista do circuito global de mercadorias, assim, se eles trazem “novidades” para Aracaju ajudam a inovar o comércio.

Mesmo comprando dos atacadistas chineses, Dalva disse que acha os preços justos e queria que outros imigrantes viessem para Aracaju, assim, a cidade seria como São Paulo. Para afirmar isto ela usa a geração de emprego e renda como sendo um benefício da presença dos imigrantes e especificamente chinesa na capital sergipana. Sua posição, como já afirmei, destoa da maioria, mas serve para demonstrar que não há uma visão somente sobre o que é ser chinês partindo do ponto de vista da heteronomeação, tal como Couche (1997) apresenta.

Em todo caso, este embate de visões divergentes acontece em muitos casos, M. A. Silva traz um exemplo

Alguns brasileiros disseram em conversas informais que seria interessante se a maior parte dos chineses que vende produtos piratas ou trabalha nas lanchonetes do centro do Recife voltassem para a China ou “sumissem” dali; já que, nas suas opiniões, esses imigrantes estariam ajudando a manter altas taxas de desemprego entre os brasileiros, por ocuparem cargos indevidamente. Já outros brasileiros, que convivem com Roberto, Shi, D.Vera Liu, Sr. Chen, Sr. Liu e outros chineses que representam a comunidade de Pernambuco através do CCEBC, comentaram sua admiração e respeito por essas pessoas, que estariam trazendo “coisas boas” da China para Pernambuco ou atuando como “pontes” entre esses dois lugares (M.A. SILVA, 2008, p. 112)

A heteronomeação não só vai depender da posição que o agente que a faz ocupa como também de quem é nomeado, classificado. Uma atividade diferente do imigrante ou um negócio melhor posicionado faz com que os brasileiros concebam relações identitárias diferentes daquelas do comércio popular. Em muitas conversas informais os brasileiros (consumidores e comerciantes) elogiaram e até me indicaram outros chineses na cidade com os quais eu poderia conversar, estes seriam exemplos de “bons” chineses e “integrados”.

É sobre a questão da integração e dos relacionamentos extragrupo que quero me deter nas próximas linhas. São questões que extrapolam a questão comercial, pois, como já considerei, o econômico vai revelando outras facetas da presença chinesa que não

estritamente econômicas.

Para alguns chineses as questões de integração e das relações extragrupo não são explicitadas e nem por todos os chineses, mas aparece nas observações e nos discursos daqueles que vivem mais tempo na cidade. Bruno se considera muito mais próximo dos brasileiros do que os outros chineses, muitas vezes eu o encontrei conversando por longos períodos com vários brasileiros na hora do almoço, algo incomum devido ao corre-corre da vida cotidiana. Observei várias vezes sua alimentação e estava composta por itens da dieta brasileira, diferente de Sara que dizia que não comia comida brasileira e era o que mais fazia falta para ela. A partir desse dado posso dizer que as mudanças na culinária e na alimentação implicam em redefinições no sentido de ser chinês, pois, implica em negociar aspectos que outrora não estavam presentes em suas vidas (LESSER, 2001; ENNES, 2001).

Os relacionamentos interétnicos (namoro, casamento) são mencionados de forma mais direta nas entrevistas, todavia, os imigrantes chineses se mostram “abertos” ou “fechados” de acordo com o tempo de permanência na cidade, muito embora, alguns atributos aparentemente se mostrem inegociáveis. Perguntado sobre namoro e casamento com as brasileiras, Bruno foi direto *“Não tem diferença entre mulher brasileira e mulher chinesa, mas não quero me amarrar agora. É como os brasileiros, né? É só ficar”*, disse com um sorriso no rosto. O seu amigo Hu deu uma resposta um pouco diferente, embora enfatize que a mulher brasileira serve só pra ficar, ele conta que *“Na China, quando se casa é pra toda vida, lá o filho tem só um pai e só uma mãe, diferente do Brasil que as pessoas casam várias vezes. Não casaria com mulher brasileira”*, ou seja, neste nível de integração, os relacionamentos interétnicos são “impossíveis” de acontecer, são inimagináveis, já que, é preciso manter as tradições, manter-se chinês. Fiz a mesma pergunta a Sara, porém, com relação a sua filha, qual seria sua opinião se a menina quando crescida quisesse casar com um homem brasileiro: *“Casar com chinês! Porque brasileiro é preguiçoso”*. A dimensão das relações interétnicas nos faz retornar ao jogo identitário, entre dizer o que sou e o que o outro é. Brasileiro é preguiçoso e diferente do chinês, portanto, não serve para casar com sua filha, mesmo que ela quisesse.

Nos discursos dos brasileiros estas questões surgiram com mais expressividade. Algumas das pessoas com quem conversei em entrevista ou até informalmente manifestaram ora seu apoio, ora sua antipatia com a possibilidade de integração. Roberta, uma ex-empregada dos imigrantes chineses disse que *“Eles não se interessam em se integrar, em fazer parte do Brasil, comem somente a comida deles com aqueles pauzinhos, frutas. As crianças eles mandam pra China quando têm dois anos pra ser educadas lá.”*, ela ainda

coloca que o mais importante é o capital e que eles são amigáveis quando querem ser. Na visão de Roberta, se eles mantêm os costumes da China, incluindo enviar as crianças para serem educadas lá, algo que está presente em vários grupos imigrantes, eles estão sinalizando que não querem “fazer parte do Brasil”.

Presenciei muitos momentos como este, mas também, ouvi comentários de que os chineses estão *“Aprendendo a ser brasileiros”*. Ouvi de funcionários e de um representante comercial que a falta de organização nos negócios e o *“relaxamento”* com prazos e pagamentos contrastam com a *“verdadeira organização dos chineses”*. Assim, *“os chineses estão absorvendo o jeito de ser brasileiro e se integrando”*, diziam alguns dos entrevistados.

Para contrastar com as negativas de integração, Dalva apontou alguns motivos e perspectivas para a integração dos chineses à sociedade aracajuana: *“Esse fechamento cultural é por causa da dificuldade da língua. Se você saísse daqui e fosse pra os Estados Unidos estaria na mesma situação que os chineses aqui em Aracaju. Se eles não sabem a língua, não são tão dados. Também, eles ficam mais juntos, são mais família. Mas logo você vai ver chinês casando com brasileira aí.”*. Como em outros aspectos, ela apresenta um otimismo com relação à presença dos chineses na cidade, ou seja, um discurso de que o imigrante também faz parte da cidade. Bauman coloca algo parecido quando escreve sobre viver com estrangeiros na cidade

Viver numa cidade significa viver junto – junto com estrangeiros. Jamais deixaremos de ser estrangeiros: permaneceremos assim, e não interessados em interagir, mas, justamente porque somos vizinhos uns dos outros, destinados a nos enriquecer reciprocamente (BAUMAN, 2009, pp. 74-75).

Nem sempre eles estão “interessados” em interagir/integrar-se, mas as referências identitárias não estão prontas, estão em mutação constante num jogo de inclusão e exclusão. O que se chama aqui de “integração” é, como já disse, essa negociação de referenciais, próprios da construção identitária, tais como, língua, cultura, etc.

Por fim, quero colocar que nesta relação dialógica que evidenciam os sentidos de ser chinês em Aracaju, na perspectiva de ambos os lados, chineses e não-chineses, existem disputas e tensões que fazem emergir os processos identitários. Como colocou Woodward (2008) em seu trabalho sobre sérvios e croatas na antiga Iugoslávia, ambos se reconheceram como diferentes, com ajuda de marcadores materiais e simbólicos, a partir das disputas ocasionadas pela guerra. No tópico seguinte trago alguns focos de tensões e disputas que permitem a emergência dos processos identitários relacionados ao ser chinês, vistos

principalmente sob o prisma do comércio, já que, o que se disputa é o lucro material e o espaço neste campo.

4.6 Conflitos, disputas e emergência identitária: a produção da presença chinesa em Aracaju

As disputas por recursos materiais e simbólicos, constituidores do campo econômico investigado, são elementos que reforçam a emergência identitária e o aparecimento das diferenças, como já afirmei anteriormente. Estas disputas também dão origem às tensões que foram encontradas nas relações entre chineses e brasileiros por meio dos discursos e observações. Mais uma vez cito Bauman (2009) quando diz que “[...] por inúmeros motivos, os imigrantes tornaram-se os principais portadores das diferenças que nos provocam medo e contra as quais demarcamos fronteiras”, um desses motivos são estas disputas que em Aracaju permeiam o campo econômico (Op. cit., p. 80).

O subcampo de comércio de produtos importados atrai cada vez mais chineses capitalizados e inseridos no circuito da importação de mercadorias, tornando-se motivo de medo, preocupação e tensão. Por estas e outras causas foi comum ouvir de brasileiros que os *“Os chineses estão invadindo Aracaju”*. Deixam escapar o quão esta presença tem sido incômoda e até ameaçadora.

O imigrante e o estrangeiro são figuras que parecem desestabilizar uma ordem, isto não é uma novidade nos estudos migratórios. Ainda no período das migrações em massa para o Brasil, na passagem do século XIX para o XX, muito se discutia sobre a constituição da nacionalidade e, por conseguinte o branqueamento da Nação, assim, alguns grupos tinham preferência em detrimento de outros.

No comércio popular de Aracaju os discursos enveredam por meandros semelhantes ao explicitar posições que enfatizam as instabilidades produzidas pela concorrência entre chineses e brasileiros. Este seria um dos pontos em que a pesquisa chegou. Esta presença “estranha”, mesmo diante de uma cultura que tem se mostrado cada mais presente no ocidente, causa tensão. A questão econômica é apenas um dos pontos de efusão desta tensão ou, ainda, o ponto a partir da qual surgem tensões.

Um exemplo da presença destas tensões é a entrevista feita com Joana. Como já coloquei, o restaurante de Joana é vizinho a outro restaurante e pastelaria de origem chinesa que é comandado por um casal de chineses. Joana me falou sobre eles com uma expressão de

raiva e de rejeição e relatou sobre um dos momentos onde ela mais se sente incomodada: *“Quando não é ele, é a mulher que senta naquele banco ali toda tarde. Fica observando o movimento, pra vê se tem cliente, quantas pessoas tem. Quando eles não tão sentados ficam passando pela porta muitas vezes. Se você entrar aqui e eles puderem arrastar você, eles levam você pra lá”*, nesse momento o “outro” e as diferenças entre os comerciantes e brasileiros se mostram de forma mais evidente, a “inveja” e o “olho que cresce” são expressões que ativam e acentua a emergência identitária de forma mais contundente.

Sucessivas vezes ouvi dos comerciantes brasileiros a palavra “eles”, o que também demonstra a exclusão dos chineses da categoria de comerciante por eles legitimadas. Ora por que não terem interesse em fazer parte da categoria e se associar, ora por que seu modo de comercializar produtos é diferente dos brasileiros. A fronteira é estabelecida e logo após as diferenças surgem para validá-las (BARTH, 2011; BAUMAN, 2009). Estas diferenças se pautam nas práticas comerciais consideradas distintas pelos brasileiros, deixando clara a oposição nós-eles presente nas construções identitárias (SILVA, 2008).

No início do trabalho de campo, ainda quando a cidade de Salvador fazia parte do universo de pesquisa, ouvi alguns comerciantes e um dos diretores da ACB, como já relatei no primeiro capítulo, visualizei uma situação aparentemente diferente em relação à Aracaju: as tensões eram menos evidentes e a “aceitação” dos chineses dentro da categoria “nós” parecia mais patente. Alguns motivos me fizeram caminhar nesta direção. Esta “fraca” oposição e o surgimento de “chineses integrados” se dá pela quantidade expressiva de investimentos chineses na Bahia; outro motivo é a presença de vários líderes comerciais, sinalizando uma pulverização do setor, fazendo com que a presença dos chineses não seja vista por meu interlocutor com muita desconfiança e medo. Ao contrapor os discursos colhidos nas duas Associações Comerciais, baiana e sergipana, vemos diferenças quanto a tensão relacionada à presença chinesa:

Até agora nós não temos nenhum chinês associado aqui. Não, não temos. Esperamos ter. Eles são ainda resistentes, eles são ainda um pouco fechados, mas o tempo vai... isso vai diluir. Também, os grandes empresários hoje chineses, estão investindo em empresas maiores, eles tão chegando há pouco tempo, entendeu? Os que você falou de restaurante, lojinhas, esse veio há muito tempo, mas esse não tinha grande compromisso em termo de preocupação de ser ligado a uma associação, eles viviam sempre numa comunidade um pouco fechada, entende? Você vê o seguinte, nós não podemos ter receio dos chineses aqui dentro como não tivemos dos japoneses. Você tem um bairro em São Paulo, o bairro da liberdade, é só japonês, bairro da liberdade de São Paulo, é só japonês. O japonês tem espaço bastante, entende? Então, nós podemos ter uma colônia aqui, a

mesma coisa que os japoneses, italianos. Nós não podemos discriminar a China, não podemos e não devemos, entendeu? (ANTÔNIO, Diretor-Superintendente da ACB).

Esta foi uma resposta à pergunta sobre filiação dos chineses na Associação e mostra uma amenização da tensão sofrida pela competição dos produtos brasileiros e chineses expressada em outros momentos do diálogo. Embora ele tenha afirmado que essa competição esteja favorável ao lado chinês, deixa presente no discurso a possibilidade de associação e da presença de uma colônia chinesa na cidade. Contudo, a questão vai além do discurso, pois, não fazer parte da Associação é um fato que reforça a diferença entre chineses e brasileiros.

Na ACESE, em Aracaju, o discurso de um dos integrantes da direção parecia querer expurgar a presença chinesa em Aracaju. Destaca-se que este tipo de postura não é exclusividade das relações entre chineses e não-chineses em Aracaju. Em Pernambuco, Silva (2008) encontrou esses momentos de tensão ao ouvir de alguns entrevistados que os chineses deveriam voltar para o lugar de onde vieram, a própria China. A fala do senhor Jorge evidencia que a tensão é iminente e as oposições identitárias são constantes a partir das práticas comerciais, *“Eles tem um jeito de comercializar diferente de nós”*, respondeu ele sobre a mesma questão colocada ao dirigente da ACB.

Nos discursos dos chineses, oposição e tensão também estão presentes e na maioria das vezes eles se voltam para a questão econômica. Sara disse que *“Chinês tem tudo na cabeça e brasileiro não confia. Eu uso a calculadora. Na China todo mundo confia na conta”*, ou seja, o brasileiro é desconfiado, enquanto que o chinês não hesita na hora de pagar a conta. É uma construção, também, do que é ser brasileiro a partir da ótica dos chineses, produzido por meio das relações sociais estudadas. Ela disse ainda que *“Brasileiro não gosta de trabalhar, é preguiçoso e tem muito feriado”*, isto também é uma marca das diferenças e que também faz emergir os processos identitários em questão.

Quando perguntei ao senhor Chao qual a sua opinião sobre o que os brasileiros pensavam dos chineses ele respondeu:

Brasileiro tem ciúme de chinês em Aracaju, a questão da mão de obra que na China tem muita, a mercadoria barata que os próprios brasileiros vendem e tudo favorece o ciúme, mas também tem um pouco de racismo, né? Da mesma forma que tem brasileiro que faz as coisas ilegal, tem chinês que faz também, mas o brasileiro já nasceu na malandragem (CHAO, chinês, dono de um restaurante).

Há duas coisas que podemos apreender desta fala, a primeira é que a palavra “ciúmes” é

uma forma de reconhecimento que existem tensões e disputas no âmbito do comércio, principalmente em relação aos chineses inseridos no comércio popular. A outra é que mesmo o senhor Chao afirmando que há chineses e brasileiros que agem fora da lei, ainda assim, os brasileiros continuam sendo diferentes, já que, “*nasceram na malandragem*”.

Ele ainda falou sobre a concorrência entre os chineses, remetendo-se ao passado do “povo chinês” e sua concorrência histórica, porém, ele acrescenta que o que os diferencia dos brasileiros é uma maior “desunião” e “individualismo” dos brasileiros, embora haja tantas associações de empresários. Sobre estas alegações, ele procura se diferenciar, reafirmando que acima dessa desunião histórica, os chineses são solidários entre si.

Por fim, quero encerrar retomando o ponto principal deste tópico. As tensões e disputas fazem parte das construções identitárias, são próprias do processo. Os embates são momentos onde podemos visualizar as oposições nós-eles, fronteiras e, por conseguinte, diferenças evocadas pelos atores sociais para se distinguirem. Entre chineses e brasileiros em Aracaju há um apelo para as fronteiras relativas às práticas comerciais e, as tensões se concentram mais comumente neste campo, embora a pesquisa aborde outras faces que não se relacionam somente com o econômico. Isto se deu por que, o campo econômico é onde os chineses são localizados pelos brasileiros e, é onde estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As migrações são um fenômeno que tem voltado ao palco dos estudos nos diversos campos das ciências humanas. Cada vez mais se fala em migrações como “processo” e deixamos de lado a ideia que se tinha de migração apenas como movimento. As crises econômicas e humanitárias têm “recrutado” um grande exército de migrantes e, por outro lado, o aparecimento de novas potências econômicas como o Brasil é visto para muitas pessoas como solução para pôr fim aos seus problemas que quase sempre estão relacionados a vida difícil em sua terra natal.

Sucessivas disfunções econômicas do mundo globalizado aliadas a fatores mais individuais servem de combustível para o aparecimento de novos fluxos migratórios e a reativação de correntes migratórias passadas, como é o caso dos sírios e libaneses. O “rompimento” das fronteiras e o encurtamento das distâncias no mundo mais globalizado são importantes para que as pessoas migrem com mais rapidez, mas, não podemos deixar de considerar que a migração do capital antecede a migração de pessoas.

O Brasil e outros países vivenciaram o período das imigrações em massa na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. No caso brasileiro, a chamada crise agrária propiciou a introdução de trabalhadores imigrantes nas lavouras de café, era uma crise também de mão de obra, já que, a proibição do tráfico de escravo e posteriormente a abolição da escravidão, obrigou os senhores de terra a uma busca por trabalhadores imigrantes. Muitos italianos, espanhóis, portugueses, alemães e posteriormente japoneses e outras nacionalidades cruzaram os oceanos motivados por promessas de prosperidade econômica e terra barata. Já no período das guerras mundiais imigrantes como os japoneses viam seu estabelecimento no Brasil como provisório, sentiam que quando a guerra acabasse voltariam para sua terra de origem, o que muitas vezes não aconteceu. O estado que era provisório foi se tornando definitivo.

No passado, a imigração de chineses para o Brasil foi menos significativa que na atualidade. Houve muitos debates sobre o tipo/origem daqueles que ajudariam a compor a nação brasileira, assim, algumas leis restritivas foram promulgadas com a finalidade de barrar a entrada de imigrantes não preferidos. Isto ocorreu também nos Estados Unidos, mas não perdurou por muito tempo, permitindo a entrada de milhares de chineses que, até hoje continuam a imigrar.

Hoje, bolivianos, peruanos, equatorianos, africanos de diversas nacionalidades, imigrantes árabes, além de europeus que buscam fugir da crise econômica de seus países,

compõem o novo quadro das imigrações internacionais para o Brasil. Além destes, asiáticos como os chineses veem o Brasil como rota primária ou secundária para os imigrantes chineses. O Brasil apresenta-se como rota primária porque alguns chineses veem o país como opção para emigrar como rota secundária, por que entrar no Brasil pode significar um passo para outros países, como os Estados Unidos. Os dados oficiais apontam para um crescimento significativo do número de chineses a cada ano, está claro que os dados oficiais jamais contabilizam aqueles que estão em situação irregular (quando não registram entrada e/ou permanência), assim, o número de imigrantes pode ser muito maior do que o apresentado pelas estatísticas.

Fatores internos contribuem para que outras regiões do país abriguem estes novos fluxos migratórios que em épocas passadas quase que se restringiram ao sul e sudeste. O nordeste passou das tênues discussões e contratação de imigrantes no período das imigrações em massa, para um crescimento da presença imigrante em tempos atuais. O último Censo demográfico (2010) aponta para o crescimento da presença de asiáticos na região, atestando, entre outras possibilidades, que a região tem sido atrativa economicamente para eles em meio à mencionada saturação dos mercados do sudeste brasileiro.

Destaco o crescimento da imigração chinesa que assume contornos contemporâneos diferentes dos observados no passado, como por exemplo, uma imigração de chineses capitalizados que se tornam proprietários dos negócios e estão conectados com a China e no circuito na circulação global de mercadorias, reflexos da emergência do país asiático como potência econômica industrializada. Sem contar que os avanços tecnológicos de comunicação e transportes permitem que os chineses imigrantes também se conectem ao seu lugar de origem mais facilmente, estar aqui e lá ao mesmo tempo parece ser muito mais comum do que em outros tempos.

A multiplicidade de pólos econômicos na atualidade cria cenários que permitem a atração de atores sociais que não faziam parte da cena social dos estados e cidades nordestinos. De Salvador a Teresina, a população imigrante tem chamado a atenção pelo seu acréscimo nos últimos anos e a inserção destes imigrantes no campo econômico com relativa força.

Aracaju também se insere nesse contexto atual da imigração chinesa, ainda que não seja com a mesma força presente em outros estados. Porém, reitero que se projeta em Aracaju um fenômeno mais amplo que é o da migração chinesa. Entre percursos de imigração e reemigração os chineses vão chegando e constituindo seus negócios com base no *know how*

muitas vezes passado por parentes e amigos através das redes de solidariedade constituídas entre eles.

O campo econômico foi o ponto de partida para a construção do terreno desta pesquisa, porém, ele não se esgota em si mesmo. O espaço social, que é o espaço das relações, tem sua origem no cruzamento dos diversos campos, todavia, é próprio dos campos, consequentemente do campo econômico, a existência de disputas e tensões a partir de uma busca pelo poder e controle dos recursos materiais e simbólicos, que também darão o controle do campo. Sendo os imigrantes chineses um novo elemento no cenário social da cidade e principalmente no campo econômico, sua inserção provoca embates pelas posições associadas à obtenção da vanguarda deste campo, ou melhor, dos subcampos que eles estão inseridos: comércio de produtos importados e alimentação. Daí parte a ideia de uma presença chinesa, construída nesses embates e como expressão dos processos identitários.

A presença chinesa vai sendo produzida nas oposições (negativo-positivo) fruto das perturbações que a uma presença estrangeira pode causar. O medo da “dominação” chinesa e o sentimento da perda de espaço no campo costuram uma presença polarizada na oposição positivo-negativo entre os entrevistados. Se, de um lado temos a identificação da presença chinesa com base na negatividade, por outro se observou que a presença chinesa também está assentada na ideia de modernização e novidade, sob a qual repousa a disposição à abertura a outros grupos imigrantes.

A produção identitária chinesa em Aracaju pode ser entendida a partir dos discursos dos chineses e brasileiros. As relações dialógicas presentes nos processos identitários permitem considerar que não há somente um sentido de ser chinês, mas vários sentidos. Ser chinês é construído por meio das heteronomeações e das automeações, um jogo no qual os chineses são nomeados e também se nomeiam. Os brasileiros dizem o que eles são e eles num movimento de contra nomeação resistem às nomeações presentes como quase um “consenso” no campo econômico.

Nos encontros e churrascos de fim de semana, nas ajudas aos “irmãos” e nas redes de solidariedade constituídas, os chineses se sentem em Aracaju como tais, um movimento de construção, pois, aqueles com quem conversei são de regiões com línguas ou dialetos diferentes e até costumes dispares. Fora da China, ou seja, em Aracaju, as relações intragrupo concebem esse sentimento de pertença que fornecem elementos para a construção de ser chinês, isto, apesar da presença de uma concorrência histórica que alguns entrevistados apontaram.

No jogo identitário há sempre o poder de nomear e o poder de resistir às nomeações, sobretudo, por causa das relações desiguais de poder. Contudo, se o campo econômico de Aracaju, particularmente nos subcampos do comércio de produtos importados e alimentação no centro de comércio popular, começa a se movimentar numa direção favorável aos chineses, já que, eles tornaram-se fornecedores/atacadistas de mercadorias aos brasileiros, é possível que eles subvertam com mais força o poder de nomeação que é imposto.

Uma organização em associações de imigrantes pode sinalizar uma mudança ou agregar mais um sentido de ser chinês e de ser imigrante em Aracaju, tal como aconteceu em Salvador e em outras cidades onde os fluxos migratórios e a presença imigrante estão mais consolidados.

Para estudos futuros seria interessante observar com mais precisão as mudanças no campo econômico e a inserção destes imigrantes e de seus descendentes em outros campos sociais. Como sinalizou um dos chineses entrevistados, ele serve como uma espécie de interprete e contato para os chineses que estão chegando, o que pode ser um indício de uma tímida organização.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Marcelo Silva. Chineses no Rio de Janeiro: notas sobre nação, Chineses no Rio de Janeiro: notas sobre nação, território e identidade através da prática comercial e religiosa. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, n. 32, p. 221-240, 2010. Disponível em: <http://apps.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/77>. Acesso em: 17.02.2012

BACELAR, Jeferson Afonso. **A presença espanhola na Bahia**: os galegos no paraíso racial (1900-1950). Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1992.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne; BARTH, Fredrik. **Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt; VECCHI, Benedetto. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERG, Mette L. "O desafio de encontrar e definir o terreno". In:_____.(org). **Terrenos Metropolitanos**. Lisboa: ICS, 2006.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. O campo econômico. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 06, p. 15-57, 2005. Disponível em: <http://naui.ufsc.br/files/2010/09/Bordieu_O-campo-econ%C3%B4mico.pdf> Acesso em: 17.02.2012

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2007.

BRAGA, Fernando; MATOS, Ralfo. Redes Sociais, Redes Territoriais e Migrações. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambú, 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_113.pdf> Acesso em: 30.11.2011

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Origens étnicas dos dirigentes das empresas paulistas. **RAE**, São Paulo, n. 13, 1973.

CAMPOS, Emerson César. Estrangeiros num Ilha: Comunidade Árabe Islâmica em Florianópolis. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 2011,

Anais... Disponível em:
http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661060_ARQUIVO_anpuh2011texto_finalemersoncampos.pdf> Acesso em: 04.05.2012

CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

CHANG-SHENG, Shu. Imigrantes e Imigração Chinesa no Rio de Janeiro (1910-1990). **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Rio de Janeiro, n. 07, 2009. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4679:imigrantes-e-imigracao-chinesa-no-rio-de-janeiro-1910-1990&catid=42&Itemid=127> Acesso em: 03.04.2012

CHEN, Miao Shen. **Cultura e educação dos imigrantes chineses na cidade de Cascavel: Dois mundos, um mesmo objetivo**. 2010. Monografia (Especialização em História da Educação Brasileira). Centro de Educação, Comunicação e Arte, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

COUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Ed. EDUSC, 1997.

DEMARTINI, Zeila B. F. Pesquisa histórico-sociológica, relatos orais e imigração. Editora Edusp. São Paulo, 2005. In: TRUZZI, Oswaldo Mário S. & DEMARTINI, Zélia de Brito F. (orgs.). **Estudos migratórios: perspectivas metodológicas**. São Carlos: Edufscar, 2005.

ENNES, Marcelo Alario. **A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

ENNES, Marcelo Alario. Imigração e direitos no noroeste paulista. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 2005, **Anais...** Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=1173&tmpl=component&Itemid=171> Acesso em: 23.06.2012.

ENNES, Marcelo Alario. Imigração japonesa e produção de “entre-lugares”: uma contribuição para o debate sobre identidades. XXVI SIMPÓSIO DA SOCIEDADE NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, **Anais...** Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299685478_ARQUIVO_nipobrasileirose_entrelugares.pdf> Acesso em: 14.05.2012.

ENNES, Marcelo Alario.; GOES, Allisson G. S.; NETO, Eduardo A. Imigração no estado de Sergipe (1880-1930). **Revista do Memorial do Poder Judiciário**, Aracaju, n. 02, p. 133-156, 2013.

FÁVARI, Flávia. Migração Peruana em São Paulo: elementos comparativos com a imigração boliviana. In: XIX CONGRESSO INTERNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2011. Campinas. **Resumos...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xixcongresso/paineis/081415.pdf>> Acesso em: 17.10.2012.

GIRALDI, Renata. Crise provoca êxodo de europeus para América Latina; Brasil é um dos países mais procurados. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/2012/10/crise-provoca-exodo-de-europeus-para-america-latina-brasil-e-um-dos-paises-mais-procurados>> Acesso em: 11.01.2012.

GRÜN, Roberto. **Negócios & famílias:** armênios em São Paulo. São Paulo: Ed. Sumaré, 1992.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HIRSCH, Olivia. De mestiços a negros e africanos: processos de (re)construção de identidades de um grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Ademir Pacelli (et. al.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções.** Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2010.

HOBSBAWM, E. J et al. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico: 2010

KLEIN, Herbert. Migração Internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América.** São Paulo : Ed. Edusp, 2000.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias, e luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

LOPEZ, Amelia Sáiz. La migración china em España: características generales. **Revista Cidob d'Afers Internacionals**, n. 68, 2005

MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil agrário.** São Paulo: Pioneira, 1973.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. 18 mil estrangeiros anistiados recebem residência permanente. Disponível em: <[MORIN, Françoise. Dês Haitiens à New York: De la visibilité linguistique à la construction d'une identité caribéenne. In: SIMON-BAROUH, L, SIMON, R J. *Lês Etrangers dans la ville.* Paris: L' Harmattan, 1990. p. 340-355.](http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={A5F550A5-5425-49CE-8E88-E104614AB866}&Team=¶ms=itemID={B85F18AF-E671-4619-9443-9F62699412AE}&UIPartUID={2218FAF9-5230-431C-A9E3-E780D3E67DFE}> Acesso em:</p>
</div>
<div data-bbox=)

NIETO, Gladys. La inmigración china en España. Definiciones y actuaciones sobre integración social. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, n. 63, p. 167-189, 2003.

PEIXOTO, João. Teorias explicativas das migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas. **SOCIUS Working Papers**, n. 11, p.01-36, 2004.

PETRUS, Regina; FRANCALINO, João Henrique. Refugiados congolese no Rio de Janeiro: afirmações e (re)significação de identidades nas dinâmicas de inserção social. In: FERREIRA, Ademir Pacelli (et. al.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2010.

SAKURAI, Célia. Imigração japonesa para o Brasil: Um exemplo de imigração tutelada. In:

FAUSTO, Boris. **Fazer a América**. São Paulo: Editora Edusp, 2000.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Ed. Edusp, 1998.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana**. vol. 5, n. 2, 61-88, 1999.

SEYFERTH, Giralda. Assimilação dos imigrantes no Brasil: inconstâncias de um conceito problemático. XXIV Encontro Anual da ANPOCS, Petrópolis, 2000. mimeogr.

SEYFERTH, Giralda. Imigração no Brasil: comentário sobre a Contribuição das Ciências Sociais. **BIB**, São Paulo, n. 57, 1º semestre de 2004, p. 7 – 48.

SILVA, Marcos de Araújo. **Guanxi nos trópicos: um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco**. 2008. 189f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, Sidney Antonio. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, n. 57, p. 157-170, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0103-401420060002&script=sci_issuetoc. Acesso em: 23.02.2012

SILVA, Sidney Antonio. Faces da Latinidade Hispano-Americano em São Paulo. **Textos NEPO**, Campinas, n. 55, p. 09-61, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Vozes: 2008.

SKELDON, Ronald. China: An Emerging Destination for Economic Migration. Disponível em: <http://www.migrationinformation.org/feature/display.cfm?ID=838>. Acesso em: 05.11.2012

SOUCHAND, Sylvain. A imigração boliviana em São Paulo. In: FERREIRA, Ademir Pacelli (et. al.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2010.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e máscaras**. São Paulo: Ed. EDUSP, 1999.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Notas acerca do método comparativo no campo dos estudos migratórios. In: TRUZZI, Oswaldo Mário S. & DEMARTINI, Zélia de Brito F. (orgs.). **Estudos migratórios: perspectivas metodológicas**. São Carlos: Edufscar, 2005.

TRUZZI, Oswaldo. **Patrícios sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Revista Tempo Social**. São Paulo, n. 01, p. 199-218, 2008.

VÉRAS, Daniel Bicudo. **As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo**. 2008. 280 f. Tese (Doutorado) – Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

VILELA, Soraia. Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos. Disponível em: <<http://www.dw.de/brasil-atrai-grande-n%C3%BAmero-de-imigrantes-bolivianos/a-5208328>> Acesso em: 07.12.2012

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Vozes: 2008.

YANG, Eun Mi. **A “Geração 1.5” dos coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação**. 2011. 506f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 2011.

ZHOU, Min. **Contemporary Chinese America: Immigration, Ethnicity, and Community Transformation**. Philadelphia: Temple University Press, 2009.

APÊNDICE

Roteiro de Entrevista Comerciantes chineses
--

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. Qual o seu nome?2. Quantos anos você tem?3. Como chegou aqui?4. Teve ajuda de alguém para chegar? Quem?5. Porque você saiu da China?6. De que parte da China você é?7. Você veio primeiro para Aracaju ou para outro lugar?8. O que fazia lá na China?9. Tem alguém na China que você gostaria que viesse para o Brasil?10. Teve alguma dificuldade aqui no Brasil?11. Conhece outros chineses aqui?12. Já precisou da ajuda de algum chinês?13. Você pensa em voltar para China?14. Quem você deixou lá?15. O que você acha dos brasileiros?16. Já teve algum problema com os brasileiros?17. Fale um pouco sobre seu negócio.18. Você se sente brasileiro ou chinês? |
|--|

ANEXOS

Edifício Jangada – Residência de algumas famílias chinesas no centro de Aracaju



Fonte: Trabalho de Campo, setembro de 2012.

Loja de Produtos Importados no Centro comercial de Aracaju/SE



Fonte: Trabalho de Campo, setembro de 2012.

Recorte de jornal noticiando a inauguração da Associação Chinesa da Bahia



Fonte: Jornal Tribuna, 13 de julho de 2010.